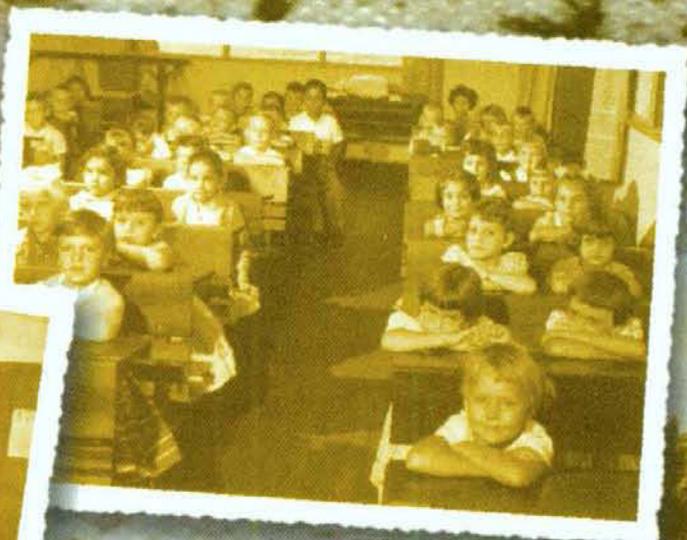


BLUMENAU

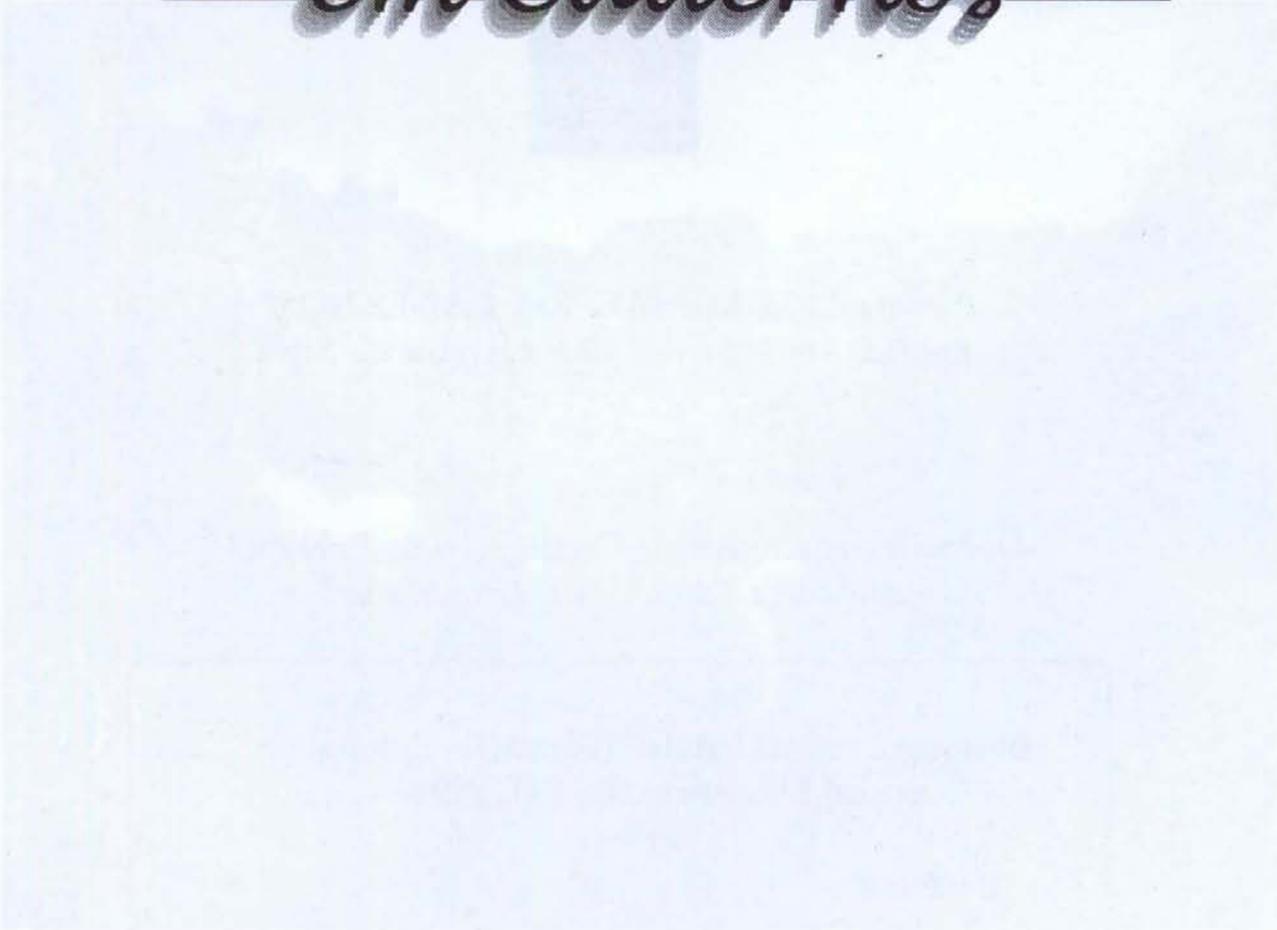
em Cadernos



em maio. Este é um dos pontos de partida para a realização de pesquisas.
Rajona e este é um grande ponto.
Mas quando se trata de pesquisas, não se trata de uma tarefa fácil.
qualidade, mas não nos deixamos levar pelo brilho da superfície.
claridade. Muitos pontos são necessários para a realização de pesquisas.
mas também é necessário ter um plano de trabalho.
A criação de um plano de trabalho é um ponto de partida para a realização de pesquisas.

BLUMENAU

em Cadernos



Fundação Cultural de Blumenau

Presidente

Bráulio Maria Schloegel

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry



**Revista "BLUMENAU EM CADERNOS",
fundada em 1957 por José Ferreira da Silva**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
*Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"***

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Bimestral

ISSN 0006-5218

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História - edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
Prêmio Destaque - 2002
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

COPYRIGHT © 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA "BLUMENAU EM CADERNOS"

ENDEREÇO

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal: 425

CEP.: 89015-010 - Blumenau - SC

Fone/fax: (47) 326-6990

E-Mail: funculbl@terra.com.br

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga

Escola Barão do Rio Branco

Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Ivo Marcos Theis (Presidente)

Annemarie Fouquet Schünke,

Cezar Zillig, Cristina Ferreira,

Méri Frotscher

Urda Alice Klueger

DIGITAÇÃO

Marilu Antunes

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Gráfica e Editora Ltda.

Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (47) 326-0600

Cep 89050-000 - Blumenau - SC

EDIÇÃO

Editora Cultura em Movimento

Dirceu Bombonatti (Diretor Executivo)

SUMÁRIO

Apresentação007

Documentos Originais

As vivências de Klara Hermann009

Artigos

Os italianos na ilha de Santa Catarina

José Curi028

O sentimento patriótico na literatura teuto-brasileira

Valburga Huber052

História & Historiografia

O fim de uma prática e o início de outra:

a criação de uma escola de partos em Blumenau na década de 30

Ilze Zirbel061

Fragments de nossa história

Persiste o Problema da “Farroupilha”074

Iniciado Ontem o Despejo dos Moradores da “Farroupilha”074

Entrevista

História de vida – Erica Franz078

Memórias

Meus tempos de colégio – VII

Outros casos

Armando Luiz Medeiros091

Escola Barão do Rio Branco <i>Brigitte Fouquet Rosenbrock</i>	095
Reminiscências dos carros de mola <i>Orlando Olinger</i>	099
Crônicas do cotidiano	
Nossa majestade, o gelo <i>Urda Alice Klueger</i>	102
Burocracia & Governo	
Relatório do Ministro da Agricultura, Souza Dantas, à Assembléia Geral Legislativa, relativo ao ano de 1867	104
Regulamento de 19 de janeiro de 1867	112
Carta de 30 de abril de 1865	112
Contrato que celebra, de um lado, o governo imperial do Brasil, B. Caymari, como representante da Cia. United States and Brasil Mail Steam Ships, para o transporte de emigrantes	115
Resenhas - História de Santa Catarina	
Um regime desqualificado de escrita? <i>Fernando Vojniak</i>	118
Autores catarinenses	
Novos livros <i>Enéas Athanázio</i>	123

Apresentação

Ao elaborar a pauta desta edição procuramos dar seqüência à publicação de textos de temas diversificados. Os textos versam sobre colonização, memórias, literatura catarinense e demais questões que são pertinentes à história regional e de Santa Catarina.

A edição abre com a coluna **Documentos Originais – artigos**, cujo texto, editado em língua alemã, foi traduzido pela senhora Annemarie Fouquet Schünke. É a continuação da publicação do diário escrito pela imigrante Klara Hermann, iniciada na edição anterior da revista. A autora, de forma muito clara e simples, descreve o seu cotidiano doméstico no início do século XIX em Hansa Humboldt, atual município de Corupá.

A seguir, dois **artigos** tratam da contribuição do imigrante europeu no processo da colonização em Santa Catarina. O primeiro, intitulado “Os italianos na ilha de Santa Catarina”, de autoria do doutor José Curi, aborda a presença de famílias e clérigos italianos na ilha catarinense. O segundo, de autoria da doutora Valburga Hubner, tem como título “O sentimento patriótico na literatura teuto-brasileira”, no qual a autora analisa alguns poemas de filhos de imigrantes alemães em Santa Catarina.

Na coluna **História & Historiografia** publicamos o texto da acadêmica Ilze Zirbel intitulado “O fim de uma prática e o início de outra: a criação de uma escola de partos em Blumenau na década de 30”. Baseada em artigos de jornais, a autora destaca a criação de uma escola de parteiras em nossa cidade, relacionando este fato à preocupação com a medicalização do corpo feminino.

Questões relativas à ocupação do espaço urbano no final dos anos 40 e início dos 50, em Blumenau, estão presentes em dois artigos de jornal da época, que fazem parte da coluna **Fragmentos da nossa História** desta edição. Os artigos colocam em cena a favela Farroupilha e as discussões na imprensa local da época, em torno da sua transferência para outro local.

Seguindo o propósito de publicar **entrevistas** com trabalhadores e trabalhadoras de diversas áreas profissionais, visando, desta forma, trazer aspectos do mundo do trabalho em Blumenau e região, publicamos a entrevista

com uma mulher oriunda da região rural do Vale do Itajaí, que trabalhou como empregada doméstica e depois se transformou numa operária de indústrias têxteis em Blumenau.

Na coluna **Memórias**, publicamos dois artigos que rememoram fatos e aspectos da educação em escolas privadas de Blumenau, o primeiro sobre o Colégio Franciscano Santo Antônio e o segundo sobre a Escola Barão do Rio Branco. Em 2003, esta escola comemora 50 anos de existência. Outro artigo da mesma coluna traz à memória aspectos do transporte urbano de Blumenau, focalizando os carros de mola.

Urda Alice Klueger colabora com o texto “Nossa majestade, o gelo”, na coluna **Crônicas do Cotidiano**.

Os documentos originais publicados na Coluna **Burocracia & Governo** visibilizam o movimento migratório de colonos norte-americanos para o estado de Santa Catarina no século XIX e os atos do governo brasileiro no sentido de regulamentar tal imigração e assentamento dos colonos. Trata-se de fontes primárias, relatando fatos e aspectos pouco conhecidos e explorados por pesquisadores.

A revista Blumenau em Cadernos está inaugurando, nesta edição, nova coluna intitulada **Resenhas – História de Santa Catarina**, que tem o objetivo de oportunizar a publicação de resenhas de livros, dissertações e teses sobre história do Estado. Desta forma, busca-se dar visibilidade a obras significativas sobre história de Santa Catarina, além de possibilitar um espaço para a análise historiográfica.

Por fim, Enéas Athanázio dá a conhecer livros publicados recentemente em nosso estado, através da coluna **Autores Catarinenses**.

Visando dar continuidade ao seu papel de divulgação de fontes históricas, textos sobre história e memória, a Revista Blumenau em Caderno espera contar com a colaboração dos seus leitores e pesquisadores, através do envio de textos para as colunas **Artigos, História & Historiografia, Memórias e Crônicas do Cotidiano**.

Sueli M. V. Petry

Diretora da Revista Blumenau em Cadernos

**Documentos
Originais –
Artigos**

**As vivências de
Klara Hermann**

TEXTO:

KLARA HERMANN*



Parte 2

No início de minha estada aqui, muitos imigrantes recém-chegados vinham até nossa propriedade, permaneciam durante algum tempo e então seguiam seu caminho ou, caso lhes conviesse, estabeleciam-se por aqui. Recebiam alimentação, em contrapartida ajudavam no trabalho. Dois jovens permaneceram durante seis semanas e realizaram um grande desejo meu; construíram um caramanchão. Havia uma área perto da cozinha que foi usada para este fim e, agora podíamos tomar nossas refeições lá mesmo.

O caramanchão rapidamente foi tomado por uma trepadeira e ao seu redor eu queria preparar canteiros. Havia visto belas samambaias no mato, pelas quais sempre tive preferência. Com muito esforço fui buscar as mudas e as plantei nos canteiros com o suor de meu rosto. Quando meu marido voltou da roça, lhe mostrei orgulhosa e com alegria meu novo jardim. Mas, o que foi que ele disse? Pelo amor de Deus, arranque esta praga! Oh, minhas belas samambaias!

Mais tarde fiquei sabendo que tomar chá de samambaia ou fazer banhos de imersão são ótimos contra reumatismo. Bem, pelo visto não é uma praga tão ruim assim e, meu marido, apesar de sua recusa, também tomou deste chá.

Também enviei samambaias para a Alemanha. Aqui existem muitas plantas medicinais. Infelizmente ainda não as conhecíamos e por

*Tradução: Annemarie Fouquet Schünke

Teil 2

In der ersten Zeit meines Hierseins kamen oft neue Einwanderer zu uns, blieben einige Zeit, dann reisten sie weiter oder siedelten sich an, je nachdem das Leben ihnen hier zusagte. Essen und Trinken erhielten sie, dafür halfen sie ein wenig in der Wirtschaft. Zwei junge Leute blieben sechs Wochen und erfüllten uns einen großen Wunsch, sie bauten mir eine Laube; gleich neben der Küche fand sich ein Platz und nun konnten wir unsere Mahlzeiten dort einnehmen.

Jelänger Jelieber umrankte sie sehr schnell und dicht und ringsherum wollte ich mir Beete anlegen. Im Walde hatte ich schönes Farnkraut gesehen und immer schon hatte ich dafür große Vorliebe. Mit viel Mühe holte ich mir eine Portion und pflanzte sie im Schweiß meines Angesichtes auf meine Beete. Als mein Mann aus der Roça kam, zeigte ich ihm stolz und voller Freude meine neue Gartenanlage. Doch was sagte er? Um Gotteswillen, reiße doch bloß das schreckliche Unkraut aus! Oh, meine schönen Farnen.

Später erfuhr ich, daß Farnkraut ein gutes Heilmittel gegen Rheumatismus ist, als Tee getrunken und die Glieder darin gebadet. Also ist es doch nicht so ein schreckliches Unkraut und auch mein Mann mußte trotz Sträuben, Tee davon trinken.

Nach Deutschland habe ich auch davon geschickt. Es gibt hier sehr viele Heilkräuter, leider kannten wir sie damals noch nicht und hatten uns deshalb manches aus Deutschland für unsere Hausapotheke mitgebracht. Dies wußten die Nachbarn und kamen deshalb oft zu uns, wenn sie Verbände oder irgend etwas brauchten, denn am Stadtplatz war noch keine Apotheke.

Es war nur gut, daß acht Wochen nach uns, unsere verlorenen Kisten eintrafen. Mein Schwager hatte energisch untersucht, weshalb sie weg waren und es stellte sich heraus, daß in Hamburg der Frachtschein fehlte, deshalb standen sie in einem Schuppen und wurden nicht weiter transportiert. Wir hatten die Sorgen und extra Mühe und Ausgaben, denn mein Mann mußte nach São Francisco um die Sachen vom Schiff in Empfang zu nehmen und herzuschaffen.

Aber froh waren wir doch als wir endlich alles auspacken konnten, denn es war ja noch manches Stück aus dem Elternhaus dabei. All die Sachen, die unser Heim gemütlich machen sollten, erfreuten uns nun beim Auspacken und Einräumen. Auch unsere Betten waren da und unsere "Esel" konnten wieder in den Stall gestellt

isso trouxemos diversas coisas para nossa farmácia caseira. Nossos vizinhos sabiam disso e vinham quando precisavam de ataduras ou outra coisa qualquer, pois ainda não havia farmácia no *Stadtplatz*.

Felizmente, após oito semanas, chegaram nossos caixotes desaparecidos. Meu cunhado empenhou-se energicamente para saber o porquê do desaparecimento e descobriu que faltava a nota de despacho em Hamburgo, motivo este pelo qual se encontravam em um depósito e por isso não foram despachados. Como meu marido teve de ir a São Francisco para receber e trazer a mercadoria, nós tivemos preocupação, trabalho e despesa.

Mas ficamos contentes quando finalmente pudemos desempacotar tudo, pois havia objetos da minha casa paterna. Ficamos felizes ao desempacotar e arrumar estas coisas, pois isto deixaria nossa casa mais aconchegante. Nossas camas também vieram e os “burros” (cama de campanha rústica) voltaram para o galpão.

Ao comprar o enxoval, eu queria saber o tamanho das janelas da sala de jantar para comprar as cortinas de acordo, mas meu marido sempre desviava do assunto. Agora, eu sabia o tamanho das janelas!

Nossa “sala de jantar” ficava ao lado da cozinha e tinha janelas bem pequenas, porém com vidraça, um luxo para um colono, pois as aberturas de madeira tinham a mesma função; abertas com tempo bom, e fechadas com chuva e à noite.

Certamente é melhor ter janelas. Na sala de estar e no quarto de dormir havia janelas grandes de duas folhas, e pude colocar minhas cortinas bem a meu gosto.

Meu marido encomendou alguns móveis em Joinville e, eu estava feliz que poderia salvaguardar nossa roupa das baratas. Estas baratas nojentas, maiores e mais achatadas que um besouro, perfuram a roupa, principalmente, onde tem alguma mancha.

Em que estado ficam os livros! A encadernação às vezes fica totalmente carcomida, caso manuseada sem a capa de proteção. Se um armário não estiver bem fechado ou se ficou aberto durante algum tempo, certamente as baratas entram, raspam a madeira para grudarem

werden.

Beim Einkaufen der Aussteuer wollte ich immer so gern wissen, wie groß wohl die Fenster der "Eßstube seien, damit die Gardinen darnach kaufen konnte, aber mein Mann wich immer aus. Jetzt wußte ich, wie groß die Fenster waren!

Unsere "Eßstube war im Anbau neben der Küche und hatte wirklich ganz richtige Fenster, mit Glasscheiben, aber, es waren ganz kleine Fensterchen und doch schon ein Luxus eines Kolonisten, denn Holzluken tun denselben Dienst; bei gutem Wetter macht man sie auf, bei Regen und zur Nacht zu.

Schöner ist es ganz bestimmt, wenn man Fenster hat. Im Wohn- und Schlafzimmer waren richtige große Fenster mit zwei Flügeln und konnte ich meine Gardinen ganz nach Wunsch anbringen.

In Joinville hatte mein Mann einige Möbel anfertigen lassen, ich war froh, daß ich meine Wäsche und unsere Kleider vor den Baraten sicher in den Schränken unterbringen konnte. Diese ekligen Baraten oder Schaben, größer wie ein Maikäfer, nur flacher, schaben Löcher in Wäsche und Kleider, besonders da, wo Flecken sind.

Wie sehen manche Bücher aus, die ohne Umschlag gelesen und angefasst werden, der Einband ist oft ganz abgeschabt von diesem Ungeziefer. Schließt ein Schrank nicht gut, oder bleibt öfter offen stehen, dann finden die Tiere sicher hinein und legen dort auch noch ihre Nester ab, die sie fest ankleben an irgend einer Fläche, von der sie Teile abschaben, um damit ihr Nest fest einzukleben. Es hat dann dieselbe Farbe, wie der Gegenstand, woran es sich befindet und fällt garnicht auf, bis man später dann die vielen kleinen Baraten entdeckt, die aus einem Nest schlüpfen und nun selbst auf Raub ausgehen.

Heute kann man Baratengift kaufen, soviel man will aber damals war noch kein Mittel gegen diese Viehchen zu bekommen. Es mußte alles gut in Dosen und Büchsen verschlossen werden, was man an Eßwaren vorrätig hatte.

Viel Auswahl gab es damals nicht, der Küchenezettel machte den Frauen gar keine Sorgen, sie kochten was gerade da war, schwarze Bohnen, Bataten, Aipim. Reis war schon Festtagsessen. Wollte man Abwechslung hineinbringen, dann mußte man sich sehr den Kopf zerbrechen.

Ich sehe noch das entsetzte Gesicht des Vendisten, als ich einmal Speiseöl verlangte! Am meisten fehlten mir die deutschen Kartoffeln. Zweimal sandte mir mein Schwager 24 Saatkartoffeln, die ich mit viel Liebe und Sorgfalt pflanzte. Mitunter gedeihen die Kartoffeln bei uns sehr gut, aber meistens lohnt das Pflanzen

seus ninhos. Estes adquirem a mesma coloração da superfície raspada e, assim não se percebe nada até as baratinhas saírem em busca de alimento.

Hoje em dia se consegue comprar o veneno contra baratas, mas antigamente não havia nada para combatê-las. Todo alimento precisava ser guardado em vidros e latas bem vedados.

O cardápio não era motivo de preocupação para as mulheres, pois não havia muita escolha, cozinhava-se o que se tinha; feijão preto, batata-doce e aipim. O arroz era considerado uma festa. Era preciso quebrar a cabeça para variar a alimentação.

Ainda vejo a cara de espanto do vendeiro ao pedir óleo de cozinha. O que mais me fazia falta era a batatinha alemã. Meu cunhado enviou duas vezes vinte e quatro batatas para a sementeira, as quais plantei com muito carinho. Às vezes as batatinhas desenvolvem muito bem, mas, de modo geral, o plantio não vale a pena por causa da instabilidade do tempo. Ao invés da batatinha come-se muito aipim. O aipim é um arbusto e suas raízes, entre seis a oito, têm a grossura de um braço. Ele é colhido diariamente, basta retirar a casca marrom como a casca branca mais grossa e cozinhá-lo em água com sal. Uma fibra grossa, como um barbante, atravessa toda raiz. Às vezes o aipim é totalmente fibroso, mas também existem qualidades bem farinhentas.

Eu não gosto de aipim, prefiro a batata-doce. Desta, pode-se preparar uma boa salada ou também comê-la com manteiga depois de cozida e descascada. Isto é delicioso. É só se acostumar.

Como era horrível o mate de antigamente, eu só conseguia tomá-lo com limão, pois para mim tinha sabor de fumaça. Isso provinha da maneira primitiva de seu preparo. Os galhos eram apanhados e pendurados num galpão onde havia um fogo aberto para secá-los, então era socado e estava pronto para o consumo. Hoje existem grandes indústrias de beneficiamento de mate no país, fundadas por alemães. Para cada gosto existem excelentes folhas e também caules, ambos separados. Também há o tipo bem fino que é usado para o chimarrão. Coloca-se bastante mate em pequenas cuias, então se derrama água quase fervente. O mate é sugado com uma bomba e a cuia é passada de mão

nicht, das macht das ungleiche Wetter. Als Kartoffel wird sehr viel Aipim gegessen. Aipim ist hoch wie ein Strauch und hat bis armdicke und lange Wurzeln, sechs bis zehn Stück. Die holt man täglich frisch aus der Erde, entfernt die braune und dickere weiße Schale, und kocht sie in Salzwasser. Mittenlang durch die Wurzel, zieht sich eine dicke Faser, wie ein Bindfaden, oft hat man Aipim der ganz faserig ist; es gibt aber auch sehr gute mehligere Sorten.

Ich liebe den Aipim nicht, eher noch die süße Kartoffel, batata-doce. Diese gibt einen guten Kartoffensalat, oder wenn sie frisch mit der Schale gekocht wird, dann geschält mit Butter gegessen, ist in schmackhaftes Gericht. Man muß sich eben daran gewöhnen.

Was war der Mate früher für ein schreckliches Getränk, ich konnte ihn nur mit Zitrone genießen, weil er mir wie Rauch schmeckte. Das kam von der primitiven Herstellung. Die Zweige wurden vom Matebaum gebrochen, in Ranchos aufgehängt und ein offenes Feuer darunter angezündet, damit die Zweige trocken wurden, dann wurden sie zerkleinert und fertig war der Tee.

Heute haben wir große Mate Industrien im Lande, von Deutschen angelegt, es gibt tadellose Mateblätter und Stengel jedes für sich, wie jeder es liebt. Dann den ganz feinen mate zum Chimarrão. In kleinen Cuias wird viel Mate mit fast kochendem Wasser übergossen und mit der Bomba heraus gelutscht oder gesogen und zwar geht die Bomba von Mund zu Mund. Es ist ein echt brasilianischer Brauch, der vom Hochlande gekommen ist. Ablehnen mit zu lutschen ist für den Brasilianer eine große Kränkung.

Mein Mann und ich trinken wohl gern den heutigen guten kleinen Stengelmate, aber für die gemeinsame Mate-Lutscherei konnten wir uns nicht erwärmen. Es gibt viele Leute, die sich so daran gewöhnt haben, daß sie ohne Chimarrão nicht mehr fertig werden.

Der Matebaum gedeiht wirklich gut nur auf dem Hochlande, er wächst wild in den Wäldern und vermehrt sich durch Samen. Die umgebenen Hölzer und Sträucher werden abgehauen, damit die Matebäume Luft haben und in wenigen Jahren steht ein schöner Matewald zum jährlichen Abernten da. Die Ernte dauert jedes Jahr ungefähr drei Monate und bringt mitunter guten Verdienst.

Hier unterhalb der Serra hatten die Kolonisten vor vierzig Jahren eigentlich nur Maisbau und wenig Absatz dafür, 3\$000 kosteten sechzig Kilo am Platze, deshalb machte man lieber damit Schweine fett. Die waren zwar auch nicht höher im Preis,

em mão. Este é um costume bem brasileiro, originário do planalto. Rejeitar a cuia é uma grande ofensa.

Meu marido e eu gostamos de tomar mate em caule de boa qualidade, mas não nos entusiasmos para chupar o mate em roda de chimarrão. Muitas pessoas adquiriram este hábito de tal forma que não mais conseguem ficar sem o chimarrão.

A erva-mate se desenvolve bem somente no planalto, ela cresce na mata e se multiplica através de sementes. Os arbustos e demais árvores em sua volta são derrubados para o pé ter mais claridade e assim, em poucos anos, consegue-se formar um mato de erva mate, pronto para a colheita. Esta dura mais ou menos três meses por ano e pode dar um bom lucro.



Propriedade rural.

Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

aber man konnte sie wenigstens selbst schlachten und hatte Fett im Vorrat.

Ach mein erstes Schweineschlachten hier! Mein Mann sagte, ich sollte dies dem André überlassen, der war schon hier in Brasilien mit in einer Schlachtereitätig gewesen und wüßte besser wie ich, wie man hier im Lande so ein geschlachtetes Schwein behandelte. Ich wollte mich ganz gern als Zuschauerin begnügen und kümmerte mich wirklich nicht um die Schlachtereit. Aber, als dann das Schwein gebrüht werden sollte, war kein Wasser da und nichts vorgerichtet. Na, das war auch wieder nicht das Richtige, da mußte ich doch schnell zufassen und zeigen das ich auch mit der Schlachtereit bescheid wüßte. Man kann hier genau so gut schlachten, wie drüben, nur muß alles schneller gehen, etwas kleiner die Stücken schneiden, schärfer salzen und pfeffern und aus dem Schinken den Knochen nehmen. Die Wurst muß luftig im kühlen Rauch hängen, dann wird sie gerade so gut wie drüben. Bei Regenwetter allerdings verdirbt das Fleisch leichter als bei trockener, heißer Zeit, da heißt es eben sich anpassen und aufpassen.

Die Bauern hier ziehen meist nur kleine Schweine auf die schlachtrecht vierzig bis fünfzig Kilo wiegen. Es ist praktischer, öfter ein kleineres Schwein zu schlachten, als ein ganz großes für längere Zeit. Mein Mann hatte, bevor ich hier war, aus Deutschland echte Yorkshire-Ferkel mitgebracht und Schweinezucht im größerem Umpfange angelegt. Einmal gingen fast alle Schweine an Bräune ein und ein zweites Mal an Pocken. Ich fand unter anderen noch einen schönen Eber vor, von dem auch guter Nachwuchs kam, doch wurden die Tiere alle zu groß und brauchten zu viel Futter, bis sie fett waren. Die weißen Schweine sind auch sehr empfindlich gegen Sonne, wenn sie frei auf Weiden laufen.

Wir haben später mit Yorkshire aufgekreuzt und hatten eine tadellose Sorte Schweine. Nicht zu groß, gut in Fleisch und Speck.

Hier gab es die Macao-Schweine, kleine Tiere von fünfzehn bis dreißig Kilo, die eigentlich nur aus Knochen und schwammigen Fett bestehen und sich garnicht für Wurst und Schinken eignen. Man muß sie mit anderen Sorten kreuzen, dann bessern auch sie sich almählich.

Früher befassten sich unsere Schlachter wenig mit der Wurstmacherei, es war kein Absatz dafür, das Fett dagegen konnten sie in Blechbüchsen einlöten und nach den größeren Ortschaften verschicken. Was war es auch für ein Uebelstand mit der Butter, 1\$000 bekam man für ein Kilo. Die Kaufleute hatten keine Lust, die Butter zu bearbeiten und einzulöten. Hinter dem Ladentisch, an der Erde, stand

Aqui abaixo da serra os colonos plantavam praticamente só milho, há mais ou menos quarenta anos, mas não tinham como vendê-lo, pois sessenta quilos custavam 3\$000, por isso preferiam engordar os porcos, embora o preço destes também não era mais alto, mas, pelo menos podiam abatê-los e tinham uma boa reserva de banha.

Ah! meu primeiro abate de porcos! Meu marido disse para eu deixar este trabalho por conta de André, pois ele já havia trabalhado num açougue e saberia melhor do que eu o que fazer com o porco abatido. Quis ficar apenas como espectadora e não me preocupei com nada. Mas, na hora de escaldar o porco não havia água fervente, pois nada havia sido preparado. Bem, isto não estava certo e tive de agir depressa, mostrando que também entendia de abate. O procedimento é o mesmo como na Alemanha, apenas tudo tem de ser mais rápido, precisa-se cortar as partes em pedaços menores e colocar mais tempero. Se a lingüiça for defumada num ambiente ventilado, ela ficará tão boa quanto aquela da Alemanha. Entretanto, se o tempo estiver chuvoso, a carne deteriora mais depressa do que com tempo seco e quente, por isso é preciso se adequar e ter cuidado. Os colonos, de modo geral, só criam porcos pequenos que pesam entre quarenta e cinqüenta quilos. É mais prático abater um porco menor, ao invés de um maior do qual se tem proveito por mais tempo. Antes de eu vir para cá, meu marido havia trazido leitões da raça Yorkshire e iniciado uma criação em larga escala. Em certa ocasião quase todos os porcos morreram em consequência de garrotilho e depois de varíola. Ainda cheguei a ver um belo exemplar varrão que tinha uma boa descendência, mas todos eram muito grandes e precisavam de muito alimento para engordar. Os porcos brancos também são muito sensíveis ao sol quando soltos no pasto. Mais tarde os cruzamos com os da raça Yorkshire e conseguimos uma ótima espécie. Eles não eram muito grandes, mas tinham bastante carne e banha.

Os porcos daqui eram da raça Macau; eram animais de pequeno porte e pesavam entre quinze e trinta quilos. Praticamente só tinham ossos e a gordura era esponjosa, não servindo para fabricação de lingüi-

ein Holzfaß, dort kam die Butter hinein, die die Kolonisten brachten! Was für Butter war es manchmal! Vielleicht war vierzehn Tage die Sahne gesammelt und dann halb vergoren gebuttert worden; wie schmeckte dies Produkt und wie sah es aus, wenn es nach weitem Wege bei Sonnenbrand in der Venda landete.

Ach, es waren ja nur wenig Landleute hier angesiedelt worden, die etwas von Bauernarbeit verstanden. Woher sollte z.B. ein Fabrikarbeiter oder Handwerker, oder Buchhalter wissen, wie er Sahne behandeln muß, um gute Butter zu bekommen? Alles ist neu, alles ist fremd, lernen muß man bei jedem Handgriff, den man tut, auf das es richtig werde. Die Erfahrungen muß man alle selbst machen, wenn sie nützlich seien sollen. Lehrgeld muß jeder zahlen, aber ganz besonders der Neuddeutsche hier im Lande, denn die schon "Altdeutschen" warten förmlich darauf, daß er allerlei Dummheiten begeht, sehen ruhig zu und denken, versuch nur selbst dein Heil.

Meist kommen sie auch mit soviel Besserwissen daher, daß sie garnicht auf Ratschläge der "Hiesigen" hören wollen. Ich wollte so gern wissen, wie man Orangenmus kocht. Da sagte man mir, es gehört sehr viel Zucker dazu, aber wieviel auf zweihundert Stück kam, wollte man mir nicht sagen. Ein Fuhrmann hatte mir Orangen mitgebracht und da man diese nicht lange aufbewahren kann, so kochte ich Mus davon, mit viel



Forno para assar pão

Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

ça e de presunto. É preciso cruzá-los com outra espécie, então, aos poucos ficam melhores.

Antigamente os nossos açougueiros fabricavam pouca lingüiça, pois não havia colocação no mercado. No entanto a banha era embalada em latas e enviada para localidades maiores. A manteiga era outro problema, recebia-se 1\$000 por quilo. Os comerciantes não tinham vontade de enlatar a manteiga. No chão, atrás do balcão havia um barril de madeira onde era colocada a manteiga que os colonos traziam. Que manteiga! Pode ser que guardavam a nata durante catorze dias e a batiam quando já estava meio estragada. Que gosto, que aspecto tinha este produto quando finalmente chegava à venda! O caminho era longo e o sol escaldante.

Mas dos colonos aqui assentados, poucos entendiam do trabalho no campo. Como um operário de fábrica, artífice ou um guardalivros poderiam saber como manipular a nata para conseguir manteiga de boa qualidade? Tudo é diferente, tudo é estranho, é preciso aprender com cada coisa que se faz para acertar. Cada qual aprende sozinho com suas experiências para que possam ser úteis no futuro. Notadamente o alemão recém-chegado precisa pagar por seu aprendizado, pois os “alemães mais antigos” só esperam que os novatos cometam alguma tolice, apenas olham calmamente e pensam: tua sorte está em tuas mãos!

Em geral eles já vêm sabendo tudo melhor e nem querem ouvir os conselhos das pessoas aqui estabelecidas. Eu tanto queria saber como cozinhar doce (mus) de laranja. Disseram-me que é preciso colocar muito açúcar, mas ninguém quis dizer o quanto para duzentas laranjas. Um carroceiro as havia trazido e como não se pode guardá-las durante muito tempo eu as cozinhei com muito açúcar mascavo.

Mas ao invés do esperado doce de laranja, havia uma massa em forma de bola no tacho. O açúcar foi adicionado antes do tempo. As laranjas precisam cozinhar muito para reduzir a massa, ou também podem ser cozidas com banana ou abóbora para conseguir uma massa homogênea, antes de adicionar o açúcar.

Isso, no entanto, ninguém havia me explicado, assim, eu mes-

brasilianischen, braunen Zucker.

Doch statt des erwartenden Mus hatte ich schließlich einen großen Kloß im Kessel. Der Zucker war zu früh dazu gekommen. Die Orangen müssen erst sehr lange gekocht werden, damit man einen Obsbrei hat, bevor Zucker dazu kommt.

Ja, dies hatt mir niemand erklärt, ich mußte es selbst ausprobieren im Laufe der Jahre. Ein kleiner Trost ist, daß es anderen Leuten auch so erging und der Zucker nicht sehr teuer war. Damals wurde noch keine Steuer darauf erhoben, wenn sich der Kolonist eine Zuckerquetsche aufstellte und Zucker verkaufte. Ganz primitiv alles aus Holz, selbst hergestellt, war das Zuckergeschirr.

Die Zuckerrohrstangen wurden ausgepresst und der Saft davon zu Syrup und auch Zucker eingekocht, der je nach Behandlung dunkelbraun und feucht oder schön trocken und hellgelb war.

Hier war nur ein deutscher Kolonist, der einen guten, hellen Zucker fertig bekam, er wurde ihn deshalb reißend los. Ich bestellte schon immer im Voraus, bevor die Zeit des Zuckerrohrpressens begann.

Man darf nicht vergessen, daß es überall noch an Gebäuden und guten Vorratsräumen fehlte. In offenen Schuppen wurde der Syrup und Zucker gekocht und zum Abtropfen aufgestellt. Der nahe Urwald beherbergt aber allerlei Tiere und Tierchen, die gern einmal Süßes naschen wollen und manmal ihr Leben darin lassen mußten. Es blieb nichts weiter übrig, als sie stillschweigend wieder herauszufischen, leider fand man oft noch Spuren von ihnen im Zucker. Besser war schon, man löste ihn auf und goß ihn durch ein Sieb, bevor man ihn verwendete.

Das Salz, welches man bekam, war ähnlich so, ganz grob und mußte mit Hilfe einer Flasche zerrieben werden, wenn man es fein gebrauchte, z.B. um es auf eine Schmalzstulle zu streuen, was ich gern tat. Mein Mann gewöhnte mir dies ab, weil er mir erklärte, zu viel Salz sei nicht gut im heißen Klima. Damals stimmte es wohl, denn die Aklimatisierung machte mir allerlei zu schaffen, durch hautjuckende Geschwüre an den Füßen.

Ich konnte keinen Schuh anziehen und hinkte in Lederpantoffeln, deren Spitzen anklagend gen Himmel zeigten, herum. Morgens beim Aufstehen waren die Schmerzen in den Füßen sehr unangenehm, ein Prickeln und Stechen, bis man sich in Bewegung befand, dann war die Sache erträglich, bis wieder ein Stoß neue Schmerzen brachte.

Warme Seifenbäder gaben stets Linderung und schließlich ging auch diese

ma fui experimentando no decorrer dos anos. Meu consolo foi que o mesmo também aconteceu a outras pessoas, mas o açúcar não era muito caro. Naquela época não cobravam impostos quando um colono adquiria uma prensa para cana-de-açúcar e vendia o açúcar. Toda aparelhagem era bem primitiva, feita em madeira pelo próprio colono. A cana-de-açúcar era espremida, o caldo era cozido até obter-se melado ou açúcar e, dependendo do cuidado, este ficava marrom escuro e úmido, ou bem seco e claro.

Aqui, só havia um colono alemão que conseguia fabricar um açúcar claro de boa qualidade, e por isso o produto tinha uma ótima aceitação. Eu já encomendava com antecedência, antes de iniciar a prensagem.

Não se pode esquecer que em todo lugar havia falta de construções e de lugar próprio para armazenamento. O melado e o açúcar eram cozidos em galpão aberto e deixados para escorrer. Como a mata ficava próxima e abrigava muitos animais e insetos, estes se sentiam atraídos pela doçura, o que muitas vezes lhes custava a vida. Não restava nada mais a fazer do que retirá-los. Infelizmente, às vezes ainda se encontrava vestígios destes no açúcar. O melhor que podia se fazer era dissolvê-lo e peneirá-lo antes de usar.

O sal que se conseguia era bem grosso e precisávamos amassá-lo com uma garrafa para salgar um pedaço de toucinho, coisa que eu gostava de fazer. Mas meu marido me fez perder este hábito, explicando que não era bom consumir muito sal em clima quente. Certamente ele estava certo, pois tive problemas de aclimatização, tendo muita coceira em conseqüência de furúnculos nos pés.

Eu não conseguia calçar sapatos e mancava em tamancos de couro cujas pontas, como num lamento, apontavam para o céu. Ao acordar, as dores, o formigamento e as pontadas nos pés eram bastante desagradáveis até me movimentar, então se tornava mais suportável até que um movimento mais brusco provocava novamente dor.

Os banhos com água morna e sabão sempre aliviavam. Mas isto também passou. O sangue consistente e a gordura alemã precisa-

Zeit vorüber. Das dicke deutsche Blut und Fett mußten sich ändern und hier anpassen, ich wurde auch viele Kilos leichter und hatte später die so modern gewordene schlanke Linie.

Nachdem ich mich etwas eingelebt hatte, fuhren oder ritten wir des Sonntags öfter in die Kolonie damit ich die neue Heimat und ihre Umgebung kennen lernte. Vom Stadtplatz führen verschiedene Straßen stundenlang in diese deutschen Siedelung, die im Jahre 1897 von der Hanseatischen Kolonisationsgesellschaft erschlossen wurden und überall findet man schon deutsche Kolonisten, die mit zähem Fleiße das Land urbar machen. Brasilianer sind fast nicht zu sehen, oder sie gehen oder kommen von der Jagd.

Nach Joinville zu, hausen sie in ihren Ranchos und ernähren sich von dem Ergebnis der Jagd und des Fischfangs, Pflanzungen haben sie garnicht oder gerade soviel, wie sie zum täglichen Leben brauchen. Es sind anspruchlose Menschen, die hier lebten, erst von den deutschen lernten sie wie man das Leben auch anders einrichten kann. Leichter wäre es für den Einwanderer gewesen, wenn er von ihnen hätte lernen können. So mußte man sich gegenseitig dann und wann besuchen, um voneinander zu lernen.

Trotzdem im ganzen Jahre alles gründ und wächst, muß doch jede Frucht zu bestimmter Zeit gepflanzt oder gesät werden. Aber vorher heißt es, das Land bereiten und zwar mit der Axt, Foice und Hacke. Der Urwald muß ausrociert werden, das heißt frei gemacht werden vom Unterholz, dann werden die alten Waldriesen umgeschlagen. Was in Jahrhunderten heranwuchs, vernichtet des menschen Hand in kurzer Zeit. Der Urwald wehrt sich hart und zäh und oft erklingt tagelang die Axt an ein und denselben Baum, bis er sich ächzend neigt und mit lauten Rauschen und krachen zur Erde sinkt. Doch wehe dem Neuling, der nicht aufpaßt, wohin er sich neigt und zur falschen Seite zurücktritt, leicht wird er erfasst von dem alten Waldriesen und erschlagen!

Auch Nachbarsbäume werden oft mitgerissen oder deren Aeste gebrochen, die unerwartet durch die Luft gesaust kommen und den Waldschläger verletzen können. Ich war erst immer beruhigt, wenn nach dem fallen des Baumes, der Juhuruf meines Mannes erklang zum Zeichen es ging alles gut, ganz froh war ich erst dann, wenn der Waldschlag fertig war. Nun mußte mehrere Wochen die Sonne recht heiß darauf scheinen und mit dem Wind zusammen alles trocknen, was grün war. Dann wurde Feuer angelegt, damit soviel wie möglich verbrannte und das Land frei wurde.

vam se adaptar, eu emagreci muitos quilos e, mais tarde, adquiri a tão em moda figura esbelta.

Depois que me adaptei, andávamos de carroça ou cavalgávamos aos domingos pela Colônia para eu conhecer melhor a redondeza da nova pátria. Várias estradas iam do *Stadtplatz* rumo às colônias alemãs, fundadas em 1897 pela Sociedade de Colonização Hanseática. O caminho era longo e em todos os lugares moravam alemães, que com muito esforço desbravaram a terra. Praticamente não se vêem brasileiros natos, pois estes ou estão indo ou voltando da caçada.

Eles moram em seus ranchos em direção a Joinville, alimentam-se da caça e da pesca. Não têm plantações, ou apenas o tanto para o suprimento diário. Eram pessoas despreziosas e aprenderam com os alemães que a vida poderia ser diferente. Teria sido mais fácil para o imigrante se pudessem ter aprendido com eles. Assim era preciso visitar-se de vez em quando para um aprender do outro.

Embora tudo cresça e esteja verde durante todo ano, cada fruta tem seu tempo certo para o plantio. Mas, antes disso é necessário preparar a terra com o machado, a foice e a enxada. A mata precisa ser roçada, quer dizer: retirar a vegetação rasteira para então derrubar os gigantes da mata. O que cresceu durante séculos é destruído em pouco tempo pela mão do homem. A mata resiste e, às vezes, o som do machado ressoa durante dias em apenas uma árvore até que esta se incline e caia por terra, provocando um grande estrondo. Mas aí do novato que não cuida para que lado a árvore se inclina, este facilmente é atingido e abatido pelo gigante. Muitas vezes, também as árvores vizinhas são atingidas ou seus galhos arrancados, que podem atingir e ferir o trabalhador. Eu só me acalmava quando escutava, após o tombamento de uma árvore, o grito de vitória de meu marido. Era um sinal que tudo estava bem, mas eu somente ficava tranqüila quando a derrubada havia terminado. Agora o sol precisava arder durante semanas sobre o que era verde para ficar bem seco. Então era ateado fogo para queimar o máximo possível e limpar a área. Caso chovesse assim que a mata tivesse sido derrubada e o tempo permanecesse chuvoso durante semanas, a vegetação começaria a brotar novamente e as folhas caídas

Aber wenn nun Regenwetter kam, sobald der Wald geschlagen war und wochenlang anhielt, dann fing Vieles wieder an zu grünen und zu wachsen, die Blätter faulten und das Feuer hatte keine Macht über den vernichteten Wald. Das ist die schwerste Arbeit, die der Kolonist leisten muß, diese roça, wie man es nennt, aufzuräumen. Das Holz wird in kleinere Stücke geschlagen, zu Haufen getragen und dann verbrannt. Was zu schwer ist bleibt liegen und dazwischen muß man dann herumturnen und den Mais pflanzen.

Bei jedem Schritt, den man geht, kann man auf Schlangen treten, sie liegen gern träge in der Sonne, aber sehr schnell beißen sie auch zu. Die Jararacuçu und die Koralenschlangen sind unsere giftigsten und haben schon oft durch ihren Biß, Menschen getötet.

Wir hatten kein Gegengift, die Wunde wurde ausgesogen, geschnitten oder gebrannt. Bananensaft gilt auch als Gegenmittel. Gebrannte Rehhörner auf die Bißstelle gesetzt, saugen diese aus, ist das Horn voll, fällt es ab und kommt zum Reinigen in süße Milch, bis das nächste Rehhorn abfällt. Die Eingeborenen machen allerlei tolle Sachen gegen Schlagenbiß, z.B. von der Schlange Herz und Leber rösten und essen! Vorsicht ist das beste Mittel und feste Stiefel. Leider fanden die Schlangen auch ins Haus und manchen Abend machten wir vor dem Schlafengehen erst Schlagenjagt, mein Mann mit seinem Artilleriesebel bewaffnet, ich mit dem Licht. Eines Tages sah ich eine fast drei Meter lange Mouseschlange in der doppelten Wand verschwinden, sie suchte wohl Mäuse, aber es war doch ein peinliches Gefühl, sie im Hause zu wissen, wenn sie auch nicht giftig ist. Eventuell mit ihr zusammen in einem Bett schlafen zu müssen ist nicht angenehm.

Heute fangen wir Schlangen lebend und schicken sie in Holzkasten, die dafür angefertigt sind, nach dem Schlangen-Institut Butantã im Staate São Paulo. Diese segensreiche Einrichtung gibt dafür Spritzen und Gegengift und dadurch schon vielen Menschen das Leben gerettet.

Die Bleischlange, welche andere giftige Schlangen vernichtet, haben wir stets geschont. Ebenso die Eidechsen, die wir eines Tages entdeckten, daß diese meine jungen Kücken fressen, da war es mit unsere Freundschaft zu Ende. Meine deutschen Hühner sollten doch viel Nachwuchs haben und uns Nutzen bringen! Die eine Henne legte auch brav hintereinander 135 Eier, die alle von andern Hühnermamas ausgebrütet wurden. Meine andere Henne wollte nicht legen und eines Tages war sie verschwunden. Wir glaubten eine Tigerkatze hätte sie geholt,

apodreceriam, então o fogo não teria força suficiente sobre a parte destruída. Este é o trabalho mais difícil para o colono, colocar a mata em ordem. A madeira é cortada, amontoada e incendiada. Os troncos pesados permanecem, e para plantar o milho é preciso equilibrar-se entre os mesmos. A cada passo pode-se pisar em cobras. Embora estas gostem de ficar deitadas ao sol, são rápidas no ataque. As mais venenosas são a jararacuçu e a cobra coral, e muitas pessoas já morreram em consequência de suas picadas.

Nós ainda não tínhamos antídoto, a ferida era chupada, cortada e queimada. O sumo da bananeira também era usado como tal. Dizem que colocar um chifre de veado, queimado, sobre a picada, retira o veneno da ferida. Os nativos fazem coisas absurdas contra picada de cobra, como torrar e comer o coração e fígado da cobra. Ter cuidado e botas adequadas são o melhor remédio! Infelizmente as cobras também invadiam as casas e, quantas vezes, antes de dormir caçávamos cobras, meu marido munido com sua espada de artilharia e eu com a lanterna. Certo dia eu vi uma cobra cipó sumir pela fresta da parede. Embora não seja venenosa, foi uma sensação desagradável saber que ela estava dentro de casa.

Hoje em dia as cobras são capturadas vivas e enviadas dentro de caixas de madeira, especialmente feitas para esta finalidade, para o Instituto Butantã em São Paulo. Em contrapartida esta instituição fornece seringas e o antídoto, salvando assim muitas vidas.

Porém, preservávamos a muçurana, que eliminava as espécies venenosas. Fazíamos o mesmo com os lagartos até descobrimos que comiam os pintinhos. Este foi o fim de nossa amizade. As galinhas que trouxemos da Alemanha deveriam procriar bastante para nosso proveito! Uma galinha pôs cento e trinta e cinco ovos seguidos, que foram chocados pelas chocas. A outra galinha não punha ovos e desapareceu. Achávamos que uma jaguatirica a levava, porém reapareceu com um laço nas pernas! Agora precisávamos ter cuidado, logo descobrimos que o milho e o pão espalhados eram para nossos galos. O alimento servia como isca para levá-los até as galinhas do vizinho para melhorar a raça de suas aves.

aber sie kam wieder mit einer Schlinge am Bein! Nun hieß es aufpassen und bald entdeckten wir, daß der gestreute Mais und das Brot unsern deutschen Hühnern galt. Das Futter sollte sie zu Nachbarshühner führen um die Rasse dort aufzubessern. Dies glückte auch und bald liefen junge Kücken von unsern Hähnen in der Nachbarschaft, noch ehe ich von meinen Rassehühnern Nachwuchs hatte. Dieser kam aber allmählich und gedieh ausgezeichnet. Die Plymoth-Rock sind ja sehr gute Fleischhühner, aber meine ersten waren kleine Mastschweinchen und konnten vor Fett nicht legen. Die Braten wurden aber vorzüglich. Ein Huhn war soviel, wie drei von der hier gezüchteten Sorte.

Die hiesigen Hühner sind im Laufe der Jahre sehr aufge bessert worden und ist manch gute Rasse zu finden, die von deutschen Einwanderer gebracht und gezüchtet wurde. Brasilianer essen gern Hühner und kann man letztere gut verkaufen, seit die Verkehrswege besser geworden sind.

Leider kommen auch oft Krankheiten unter das Hühnervolk und man steht machtlos dabei, wenn sie von einem Tag zum anderen verenden, bis keines mehr übrig ist.

Mir verschwanden von meinen, ach, so gepflegten und gehüteten Rassekücken täglich einige, ohne daß wir ihren Feind entdeckten. Ein Habicht war nicht da, Spuren von Tigerkatzen oder Eidechsen nicht zu finden. Ich zählte die Tierchen abends im Stall, morgens schon fehlten wieder welche!

Mein Mann stellte sich bei Morgengrauen auf die Lauer neben den Stall und wer lag schon dort?... unser eigener Jagthund! Unser Hühnerstall war aus Palmiten gebaut und zwischen diese schlüpfen die Kücken raus und der Hund wartete darauf und verschlang sie, wie der Wolf die sieben Geißlein.

Was nun? Die Hühner waren uns wert, aber der Hund war nicht schlecht, deshalb kam er an die Kette. Hier fraß er noch einige junge Tauben, die ahnungslos zu ihm geflattert waren. Eines Tages kam ein deutscher Pferdehändler, mit einer Truppe ungezähmter Pferde von den camps, der nahm uns sehr gerne unsern Hühnerdieb ab, weil er ein schöner deutscher Jagthund war. Später hat dieser Hund einem Kinde das Leben gerettet, indem er es vor einem Sturze bewahrte und solange festhielt, bis jemand kam.

Isso deu tão certo, que em pouco tempo havia pintinhos descendentes dos nossos galos na vizinhança, antes de eu mesma os ter. Mas, pouco a pouco, também aqui, nasceram pintinhos que se desenvolveram de modo extraordinário. A galinha Plymouth-Rock tem bastante carne, mas as primeiras mais pareciam leitõezinhos, pois de tanta gordura nem conseguiam pôr ovos. Mas os assados ficavam excelentes. Uma galinha destas rendia tanto quanto três galinhas caipiras.

No decorrer dos anos a qualidade das galinhas caipiras melhorou bastante, e ainda hoje existe muita raça boa, trazida pelos imigrantes. O brasileiro gosta de comer carne de galinha e, desde que os meios de transporte melhoraram a venda é boa.

Infelizmente estas aves estão sujeitas a doenças e, quando todas morrem de um dia para outro, a gente se sente impotente.

Diariamente sumiam diante dos meus olhos muitos pintinhos de raça, com os quais tivemos tanto cuidado, sem descobrirmos o inimigo. Não havia gaviões, nem rastro de jaguatirica ou lagarto. À noite eu contava os bichinhos no galinheiro, mas de manhã já faltavam alguns.

Ao amanhecer, meu marido ficou de tocaia junto ao galinheiro e, quem estava lá? Era nosso cachorro de caça! O galinheiro era de palmito e os pintinhos atravessavam as frestas, o cão apenas esperava por este momento para devorá-los, assim como na história do “Lobo e os sete cabritinhos”.

Fazer o que? Precisávamos das galinhas, mas o cão não era ruim, por isso foi preso na corrente. Mesmo assim ainda comeu alguns pombos, que sem perceberem o perigo, se aproximaram dele. Certo dia veio um alemão, negociante de cavalos, com uma tropa de cavalos não domesticados, o qual levou nosso ladrão de galinhas com muita satisfação, pois era um belo cão de caça alemão. Mais tarde soube que este animal salvou a vida de uma criança, impedindo-a de cair, segurando-a até ser socorrida.

Artigos

Os Italianos na Ilha de Santa Catarina

TEXTO:
JOSÉ CURÍ*

A história, em verdade, é testemunha dos tempos, luz da verdade, alma da recordação, escola da vida, intérprete do passado (Cícero: De Oratore, Lib. II, cap. 9, 36).

Introdução

Alguém se perguntou alguma vez por que os imigrantes italianos, saídos de portos como Trieste, Gênova, Nápoles, Palermo, Marselha, Antuérpia falavam tão somente dialetos e não a língua italiana?

Alguém já encontrou em língua italiana algum poema sobre a imigração na época em que Carducci com riquíssimas rimas recordava os faustos da novel pátria?

Alguém chegou a perguntar a algum primeiro imigrante se estava tomado de saudades por ter deixado a Itália?

Alguém tentou indagar por que ao lado de óperas como Otello, Nabucco, I Lombardi alla prima Crociata, o compositor Verdi, sem dúvidas o mais popular entre os italianos do séc. XIX, não se lembrou de esboçar, não digo uma ópera, mas um hino, uma música de câmara, uma música sacra sobre os miseráveis que deixavam aos milhares a Itália?

Alguém já tentou explicar corretamente a ideologia liberal do século XIX terrivelmente avessa à tirania, à monarquia, aos governos despóticos, à Igreja coercitiva?

Alguém se deteve a ver a influência

*Nascido em Rio dos Cedros (SC), Bacharel em Filosofia pela UFSC e bacharel em Letras Neolatinas pela Faculdade de Filosofia de Lorena e Doutor em Letras pela UFSC. Tem uma dezena de livros didáticos publicados, inclusive o Curso de Italiano para Brasileiros, já na quarta edição. Publicou vários livros de cunho literário, além de crônicas e crítica literária. Pertence à Academia Catarinense de Letras e a várias outras instituições culturais do Brasil e do Exterior.

etnográfica e lingüística que se manifesta em português ainda antes de nossa Ilha ser descoberta?

Podemos responder (pela ordem), dizendo que os imigrantes italianos buscavam qualquer porto como que fugindo da Itália por desconhecê-la como sua verdadeira pátria. Aliás, nem ela se incomodava com eles. Pátria para o imigrante italiano era o seu *paesello*, o lugar onde nascera e crescera. No *paesello* não se falava o italiano e, talvez, nem se ouvisse falar de um país unificado, (verdade que ainda que em parte unificado), mas sempre país. Só na nossa Ilha que nunca foi um centro de imigração em massa havia os que falavam o vincentino, o belunese, o calabrês, o lígure, o bolonhês, o veronês, o napolitano, etc.. Quando os italianos se deslocaram em massa para o Sul do Brasil, fazia tão somente quinze anos que a Itália (Itália para os imigrantes vênets) tinha sido, em parte, unificada.

Quer queiramos, quer não, os imigrantes eram uma massa por demais pobre, brotada de colonos sem terra, de operários sem trabalho, de burgueses decaídos e na miséria, massa quase na totalidade analfabeta, simploriona, fanaticamente religiosa e por tal motivo jamais algum poeta burguês lhe dedicaria um poema épico ou lírico, ainda que Giacomo Zanella cite em alguns versos e De Amicis se lembre deles no livro *Coore*. Mas se na língua de Dante não mereceram nenhum poema, mereceram-no quase épico na pena de Ítalo Balem¹ e lírico na pena, entre muitas, do Pe. João Leonir Dall'Alba² ainda que em dialeto vênets.

Os nonni com os quais tive o prazer de falar: Paulo Mattédi, natural de Valda; Antônio Negri, de Cembra; Angelo Lenzi, de Samone; Francesco Valandro, de Castelmuro; Vigilio Bona, de Besagno, entre muitos sempre tinham nos lábios a tristíssima resposta: saudades da Itália? Nò! Embora não sentissem saudades da Itália mantinham na alma um orgulho sadio de sua pátria. Afonso Paternolli, quando bêbado (e era seu estado normal) fazia enormes apologias da Itália sem saber quem fora Garibaldi, Vittorio Emanuel, Guisepe Mazzini, Cavour, etc. e chegava às vias de fato se alguém ousasse falar mal da Itália. Vitto Sanseverino Peloso, que aqui apareceu em 1873 com a família, era fervoroso defensor da italianidade e organizou até um protesto pelas ruas de Desterro contra a condenação de Saceo e Vanzetti, dois anarquistas italianos, feita pelos Estados Unidos.

De fato, nem mesmo o grande pesquisador dos trentinos, Renzo M.

Grosselli,³ fala-nos de algum sério trabalho musical escrito por músico italiano sobre os imigrantes italianos do Brasil. Ângelo Sabbatini, fundador e primeiro mestre da banda musical Società Filarmônica de Nueva Trento, 1889, apesar de grande músico também não se dignou deixar nenhuma ópera sobre os imigrantes. O mesmo aconteceu com o músico Battista Raffaelli, que dirigia a banda que ele fundou em Rio dos Cedros. Temos, é verdade uma belíssima obra musical sobre imigrantes, mas quem a compôs foi o maestro Heinz Geyer⁴ com temática sobre os imigrantes alemães. Mas a alma musical italiana dispersa já por todo o estado de Santa Catarina, através de seus conjuntos, suas bandas de música, foi recolhida no Rio Grande do Sul com uma belíssima antologia musical por G. Corradin⁵ e em Santa Catarina pelo maestro José Acácio Santana.⁶ Infelizmente, cá na Ilha, apesar de apresentar em 1861 a Sociedade de Música e Dança Paraíso Desterrense fundada no mesmo ano pelo italiano José Martins Leoni, e neste século ter em seu meio o grande Maestro Peluso, nada foi-nos possível encontrar em partitura um poema musical aos imigrantes italianos. Espanta-me que nem os grandes músicos de fama nacional quando não internacional como Radamés Gnattali, Cláudio Santoro, Alceu Bocchino, Camargo Guarnieri, Francisco Mignone, tenham se interessado pelos nossos imigrantes italianos.

Ainda que a Santa Sé com o Sillabo de 1864 condene o liberalismo, o laicismo, o catolicismo liberal, a maioria dos socialistas que saiu da Itália sob protesto, diria até com os punhos alevantados já que lá era proibido fazer greve, e quem a fizesse ia para a cadeia, não trabalhava na roça, não era colono (embora um que outro se fizesse passar por colono). A Ilha teve em seu bojo, padres, agrônomos, carpinteiros, pedreiros, alfaiates, ferreiros, músicos, serralheiros, fotógrafos, chapeleiros, carroceiros, mascates, mas não colonos, a partir do século XIX.

A influência italiana etno-lingüística começa ainda em Portugal, pois para Portugal foram chamados da Itália navegadores e construtores de navios. Diz Cortesão⁷ que o Infante Dom Henrique (1384-1460) já tinha a trabalhar com ele cartógrafos genoveses, e cita nomes, como: Antoniotto Usodimare, Luca Cassano, Fleschi, Negri, Guano. Ferreira⁸ cita florentinos, como: Strozzi, Sernigi, Marchioni, Giraldi, Frescobaldi, Guaterotti, Vinetti, etc. Lisboa era porto de escala das galés de Veneza e Gênova diz Vitoriano José César⁹ as quais transportavam à Inglaterra e Flandres os produtos do Oriente, principalmente as especi-

arias, que elas carregavam a si e depois distribuíam pela Europa, por via terrestre e por via marítima. Na Península Ibérica, a partir do Renascimento, a música, a pintura e a arquitetura, se fizeram presentes, comenta Migliorini¹⁰ afirmando: *in um seculo musicale come il Setetento, era bello conoscere la lingua in cui erano scritti i libretti di quase tutte lê opere* (p. 498).

Traduzindo: num século musical como o XVIII, era belo conhecer a língua na qual eram escritos os libretos de quase todas as óperas.

I

A 21 de outubro de 1526 a Ilha sente a presença do navegador italiano Sebastião Caboto, nascido em Veneza entre 1476 e 1482 e morto em Londres em 1557, estava ele a serviço de Carlos V tentando explorar os rios da Prata e Paraná (1526) e aqui se demorou até fevereiro de 1527 a fim de fabricar uma galeota, diz-nos Evaldo Pauli.¹¹ A Ilha, ou melhor, o lugar onde se acha Florianópolis, era chamado pelos carijós de Meiembipe, afirma Varnhagen.¹² Sebastião Caboto batizou a Ilha de Ilha de Santa Catarina (antes se chamava Ilha dos Patos), talvez em homenagem à sua segunda mulher Catarina Medrano, ou talvez porque tivesse grande devoção à virgem mártir de Alexandria. Piazza¹³ discorda da denominação Santa Catarina dada por Caboto à ilha pelo dito nome aparecer em 1529 no mapa de Diego Ribeiro. Cabral,¹⁴ diz-nos:

Atualmente trata-se e conjectura-se a respeito das razões que teriam levado Caboto a batizar assim a Ilha dos Patos. Segundo uns, por tê-lo feito a 25 de novembro, dia consagrado pela Igreja à Santa Catarina; segundo outros, aliás, em maioria, em lembrança de sua mulher Catarina Medrano, com quem casara em segundas núpcias. Se bem que opinião esposada pela maioria dos historiadores, parece pouco provável... É sabido que Caboto não fora feliz neste segundo matrimônio. Era freqüentemente maltratado pela esposa, sofrendo, segundo se diz, horrores e sujeitando-se aos mais ridículos papéis (Lucas A. Boiteux – Sebastião Caboto). Assim não parece viável que se fosse lembrar justamente dela, da esposa iracunda que lhe amargurava os dias da vida, para dar o seu nome à terra que tão gentilmente o acolhia.

Nas Raízes Seculares de Santa Catarina, Cabral, de todos os nomes arrolados nas 146 páginas do livro somente um tal de José Mayato, degredado,

possui nome italiano. Mas Cabral não diz de onde é. Fora tais nomes, acho perda de tempo procurar outros até ao século XIX cá na Ilha, pois, Pauli, em A fundação de Florianópolis; Cabral, em sua história citada; Piazza, em sua História de Santa Catarina e no seu livro A Igreja em Santa Catarina (notas para a sua história); Cabral ainda em Nossa Senhora do Desterro, 4 volumes; Pauli ainda em A Arquidiocese de Florianópolis, livros que lemos com atenção outros nomes italianos não encontramos. É possível que outros autores tragam italianos para a Ilha antes do século XIX, mas nossa ignorância os desconhece.

Seria um despropósito imaginar termos náuticos, v.g. introduzidos na língua portuguesa da Ilha por um Caboto fabricando uma galeota sob os olhares apalermados dos carijós.

II

Todo o imigrante quando deixa a sua terra leva consigo, juntamente com sua bagagem material, toda a sua bagagem espiritual. Em primeiríssimo lugar a sua língua já que o faz pôr para fora de si mesmo a maneira de viver e agir, as suas instituições, o seu estilo de vida, a sua religião, a sua cultura, o seu modo de conceber a arte, as suas esperanças. É o sentido antropológico como o queria Melville J. Herskovits¹⁵: em que a língua é vista como um instrumento mediante o qual o homem anuncia e transmite no sistema verbal conceitos e valores que constituem a sua cultura. É que uma vez formada a palavra é difícil não achar ao derredor dela uma rede de associação de idéias, como observava Saussure.¹⁶ Aliás, Charles Bally,¹⁷ calcado nas idéias de Saussure, introduziu a noção de campos associativos e diz-nos: o campo associativo é um halo que circunda o signo e cujas franjas exteriores se confundem com o ambiente. O campo associativo, por sua natureza semântica e formal, é essencialmente aberto e por isto mesmo engloba a noção de cultura e ambiente. Cultura como toda a criação do homem que se insere no universo humano e ambiente como o quer Sapir¹⁸ compreender no termo ambiente tanto os fatores físicos quanto os sociais... Físicos como o que se pode chamar a base econômica da vida humana... Sociais como as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo.

Pode parecer algo fora do comum, mas a koiné vêneta - Lombardo trentina falada em Santa Catarina - não possui a palavra ócio e nem a palavra

férias (ozio e vacanze em italiano). Ora, isto nos leva a pensar que nenhum halo de descanso pode haver ao derredor de uma palavra que não existe. E poderá alguém negar que o imigrante italiano pauta sua vida ao redor da palavra trabalho e dela faz irradiar benessere (bem-estar)? O imigrante italiano adora trabalhar e se envergonha de ver alguém perder um dia de trabalho, quando este dia não for santificado pela Igreja, como: domingo, Páscoa, Natal. Os dias instituídos como feriados nacionais não têm valor de descanso para o imigrante italiano. Pescar, jogar bocha, jogar cartas ou mesmo futebol em dia não santificado é simplesmente vergonhoso e todos se fazem maravilha. A palavra maravilha é quase sagrada como estoutra: chi saralo? (quem será?). A miséria quase sempre passa longe do imigrante italiano, envergonhada também ela (porca miséria!).

O nosso colono italiano no começo da imigração (segunda metade do século XIX) habitava choupanas, aliás, bem descritas, porque conhecidas, por José Finardi¹⁹: choupanas feitas de pau-a-pique, com parede de ripas amarradas por longas tiras de cipó imbé, argamassadas com barro, e a cobertura era de folhas de uma folha denominada guaricana, muito abundante na região, folhas estas entrelaçadas e amarradas às ripas de palmito, e ainda com uma camada de folhas de palmito, formando uma excelente cobertura que permanecia em boas condições durante vários anos.

Ao redor de sua choupana o imigrante italiano tinha que derrubar a mata e preparar o terreno para o plantio. Como não conhecia a palavra ócio enfrentou com coragem: a mata virgem, os animais ferozes, as cobras venenosas, os mosquitos torturantes (principalmente pernalongos e borrachudos), as vespas vermelhas e pretas, as formigas e os ratos que devoravam as plantações, e os índios a enchê-los de pavor.

Ainda que em lugar errado neste trabalho, eu gostaria agora, não de elencar causas remotas ou próximas de imigração italiana, mesmo porque muitíssimos e com autoridade o fizeram, mas trazer uns parágrafos de uma carta escrita por imigrantes da Lombardia, assinada por vários e dirigida ao ministro Nicotera, que restringia a imigração. Quem traz os parágrafos é Deliso Villa.²⁰ Ei-los:

... Guardateci in viso, signor barone. Le nostre facce pallide e ingiallite, le nostre guance infossate, non vi acussano esse, com la loro muta eloquenza, l'improba fática e l'assoluta deficienza di nutrimento? La nostra vita tanto è

amara che poco è piú morte. Coltiviamo il frumento e non sappiamo che cosa sia il pane bianco. Coltiviamo viti e non beviamo vino. Alleviamo bestiam e non mangiamo mai carne. Vestiamo frustagno, abitiamo covili... e com tutto ciò pretendete Che n abbiamo ad emigrare?... Opressi ed angariati in tutti i modi possibili, ce ne andiamo noi, onde lasciar comodi voi..

Traduzindo: “Olhai-nos no rosto, Senhor Barão. As nossas faces descobertas e amarelecidas, as nossas maçãs do rosto chupadas, não estão elas aí a acusar com a sua muda eloquência, a dura fadiga e a absoluta deficiência de comida? A nossa vida é tão amarga que é quase uma morte. Cultivamos o trigo e não sabemos que coisa seja o pão branco. Cultivamos a videira e não bebemos o vinho. Criamos o gado e não comemos nunca a carne. Vestimos fustão (tecido grosso de algodão), habitamos em covis... E com tudo isto, pretendeis que não temos que imigrar? Oprimidos e tiranizados de todas as maneiras possíveis vamo-nos embora para deixar a vós uma situação mais cômoda”.

Hoje, a terceira, quarta e quinta geração do nosso imigrante, além de casa confortável e dinheiro debaixo do colchão está praticando êxodo rural, principalmente para Florianópolis após a criação da UDESC e da UFSC (década de 60). A maioria vem para estudar, mas muitos vêm à procura de emprego público (o que era vergonhoso para os primeiros imigrantes ser empregado público). É bom lembrar que na região veneta só “L’Signori” se ocupavam de política. Ou mesmo para se dedicar ao esporte (o que era mais vergonhoso ainda para os antepassados. Para eles o termo “jogador” era depreciativo). Outros vêm e se transformam em comerciantes, jardineiros, pedreiros, serralheiros, professores da Universidade, industriais, afinadores de pianos e acordeões, livreiros e editores, etc..

III

A colônia rural e a colônia urbana

É preciso que nos fique claro que a colônia rural é diferente da urbana. Colônias urbanas só começaram a surgir mesmo na segunda metade do século XX, tornando-se recheadas de italianos, cidades como Blumenau, Joinville, Rio do Sul, Brusque, Florianópolis, etc. Em Florianópolis surgiu no final do século XIX e começo do XX uma colônia urbana, citada inclusive pelo cônsul italiano

Caruso Macdonald, em 1906, num relatório. Esta colônia, como a que vem depois, nos anos 60, com a fundação da UDESC e da UFSC, apresenta nomes de peso que veremos em seguida após uns traços sobre a colônia rural.



Florianópolis - Praça XV de Novembro e jardim "Almirante Gonçalves" - início do séc. XIX
Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

A colônia rural dos imigrantes italianos sempre se construiu ao redor do altar, da escola e do cemitério. No altar estava o padre católico que, dada a índole religiosa dos imigrantes italianos, era visto como um deus, um guardião da fé e da moral do povo, quando não da própria instrução. A bíblia que o pastor protestante sempre trazia debaixo do braço não era lida pelos fiéis, mas comentada desde o púlpito. E havia, por acaso, bíblias escritas em dialeto? Catecismos em dialetos podiam ser achados. Eu não encontrei nenhuma bíblia, e se alguma havia em vêneto, trentino ou Bergamasco, devem ter sido queimadas durante os tristes anos da perseguição a quem falasse italiano. Os jornais que circulavam nas colônias rurais, entre eles *l'Amico*, *La Você Del Parroco in Famiglia*, *la Vita Coloniale* eram quase sempre comentados por um prevosto, como aquele que Miguel Deretti²¹ focaliza. A proliferação de vocações religiosas (padres, freiras, irmãos leigos, etc.) devemos-las, além da piedade das famílias ao incentivador delas: o padre.

A escola, coitada! Sem conforto algum, sem bancos, sem papel, tinta e caneta e, às vezes, funcionando dentro de capelas, de pobres casas, quando não dentro de um estábulo construído pelo professor como aconteceu com a escola do professor Grage.²² Bem, mas se faltava papel e tinta, tinha-se sempre uma tabela, pequena lousa de 10 x 20 onde se faziam contas, exercícios de caligrafia, cópias, desenhos, etc. A tabela era guardada dentro de uma “bissaca”, sacola de pano com tiras que se levava a tira-colo. Na bissaca levava-se também a merenda: algumas fietas (fatias) de pan-prot recheadas de banha, algumas fietas de polenta assada, uma batata doce assada. E como nota álaçre bem no fundo da bissaca alguns sabugos de milho, cuja utilização, a mata ao redor da escola poderia explicar.

E livros? Uma vez alfabetizados os alunos liam: *Il Libro di Peppino*, *La Storia Sacra*, *Il Catechismo Romano*, *La Piccola Storia d'Italia*, e outros fornecidos pelo consulado italiano. Isto nos relata o Padre Victor Vicenzi.²³

E o aluno? O aluno que é bisavô, o avô ou o pai da plêiade de professores, advogados, médicos, escritores, padres, bispos, etc., que fazem parte da colônia urbana de Florianópolis da segunda metade do século XX, era um aluno livre como o vento, de manhã ia à escola, e antes de almoçar, se menina, ajudava a mãe, se menino, à tarde, após estudar e preparar as lições sem ajuda de ninguém, trabalhava na roça e só podia voltar a estudar à noite na mesa da cozinha à luz da lamparina de querosene. O mesmo acontecia com o aluno que fosse à aula à tarde, menino ou menina, tinham que ajudar na roça no período em que não estavam na aula. Vai ver que alguém morreu, ficou aleijado ou mais burro por que trabalhava? Na escola, dominava o respeito pelo professor como se fora ele um santo, e se o aluno desse em querer se distrair ou falar em sala de aula, entrava em ação a sardela, a palmatória, quando não um puxão de orelha. O aluno que faltasse com o respeito ao professor (o que era raríssimo) apanhava na aula e depois em casa com a cinta do papai. Dir-me-eis que era uma pedagogia ultrapassada e bárbara e eu vos direi que esta pedagogia encheu o Estado de gente de bem, culta e responsável. O Lídio Mattedi, bem mais velho do que eu e aluno do grande professor Giovanni Trentini no lugarejo de Pomeranos, costumava brincar dizendo que a sua orelha direita era maior que a esquerda de tanto o professor puxá-la.

E o professor? Tirado a laço entre os imigrantes mais cultos, se sustentando com a ajuda da comunidade, quando não, um padre ou uma freira.

Hugo Zoller²⁴ sintetiza maravilhosamente o esforço e o denodo dos primeiros imigrantes (sejam eles italianos, alemães, poloneses, letos, etc.) quando nos diz que a colonização se assemelha ao ataque a uma linha de defesa: os primeiros tombam nas trincheiras e os que seguem morrem dos ferimentos; os terceiros plantam a bandeira vitoriosa e regressam condecorados.

Alberto Roti, Cônsul Real em Florianópolis, em seu relatório de 1895 após criticar acerbamente os colonos brasileiros que (são palavras dele):

por natural indolência contentam-se em extrair da terra o que podem conseguir com o mínimo esforço, e a cultura da Ilha espelha a inação dos cultivadores, tanto pela qualidade como pela quantidade do produto... que vivem em miseráveis cabanas de terra e de madeira, circundadas por algum pé de laranjeira, de bananeira e de café, etc... (Só faltou o cônsul dizer que havia cachorros cheios de bernes uivando dolentemente, porcos esfaimados, mulheres em petição de miséria e teria antecipado a descrição do Jeca Tatu feita por Monteiro Lobato)... a certa altura do relatório diz-nos que na Capital do Estado desde 1891, existe uma sociedade de mútuo socorro italiana, denominada Fraternidade italiana que tem como princípios fundamentais: o mútuo socorro, a instrução e tudo quanto contribuiu para o aperfeiçoamento da vida civil.

No relatório do Sr. Caruso Macdonald - Regente do Real Consulado em Florianópolis, feito em 1906, encontramos:

A única colônia urbana digna de ser mencionada é a de Florianópolis, na qual vivem cerca de 500 pessoas patricios. E comenta: o italiano na cidade deixa-se logo influenciar pelo ambiente. Pouco a pouco não se fala mais a língua ou dialeto de origem. Tive mesmo que observar, lamentando, que cônjuges vindos da Itália, em idade madura, não falam, e não só com os filhos, mas também entre si, em italiano, mas sim em português. Alguns titubeiam em apresentarem-se como italianos.

Ter vergonha de ser italiano ou filho de italiano imigrante? Vede que página nos traz Monsenhor Quinto Baldessar²⁵ em seu belíssimo livro sobre os imigrantes:

Antes de entrar no mérito desta questão dos imigrantes, de minha parte, talvez por ser um de seus descendentes e ter ainda sentido, um

pouco, na própria carne, a situação premente em que vivi com meus familiares e por ter sido informado de viva voz, da situação bem mais caustificante da geração de meus pais e avós, eu me considerava um cidadão sofrido, imbuído um pouco por um complexo de inferioridade, que me acompanhou em toda a vida que vivi, em virtude da procedência de minha família, que começou no último degrau daquilo que ainda se pode considerar nível humano. Sempre tive uma conceituação que considerava própria, exclusiva e muito negativa sobre aquilo que meus antepassados imigrantes e seus descendentes viveram à míngua e sofreram à larga... sempre julguei que os imigrantes e seus primeiros descendentes viveram em grau superlativo aquilo que a humanidade de hoje tanto reprova e que se chama escravidão... Hoje eu percebo que meu modo de pensar não foi isolado... Minha opinião, razoavelmente difundida desde longa data encontra apoio (p. 18). Em Florianópolis, continua o Macdonald, não são possíveis as manifestações de entusiasmo patriótico, tão freqüentes nas colônias de outras cidades do Brasil. Aqui, por mais que se faça e se diga, nossas datas, nossos acontecimentos memoráveis passam despercebidos. Os ambientes da única sociedade de mútuo socorro, a Fratelanza Italiana são pouquíssimo freqüentados. O número de sócios, que era de cerca de 80, reduziu-se a menos da metade. Da escola italiana que funciona nos locais da mesma sociedade, é melhor não falar: talvez é freqüentada por meia dúzia de alunos. Infelizmente, apesar da colônia italiana ser enorme em Florianópolis, ainda hoje, poucos são os sócios do Círculo Ítalo-Brasileiro e do Círculo Trentino. Em 1901, o Cav. Gherardo Pio de Savoia, apoiado num recenseamento feito pelo governo da União, dá uns 300 para 400 os italianos em Florianópolis. Aliás, o Bolletino dell'Emigrazione n^a 6 de 1902, confirma o número dado por Gherardo Pio de Savoia. Sobre os relatórios citados, consulte-se João Leonir Dall'Alba: **Imigração Italiana em Santa Catarina** (Documentário). EDUCS, EST, Ed. Lunardelli, 1983, p. 182.

A esta altura dá a impressão que eu me esqueci do terceiro tripé da colônia rural, o cemitério. Não. O cemitério ficava sempre atrás da capela e era cercado ora por um muro de tijolos ou pedras, e ora por uma cerca de arame farpado, a chamada "stropaia". Visitei poucos, pois queria através das lápides tirar uma estatística sobre o quanto viviam os primeiros imigrantes tanto homens quanto mulheres. Das lápides que pude ler estatisticamente poderíamos

dizer que a média de vida dos homens ficava entre os 50 e 60 anos, e das mulheres, embora tivessem em média 10,8 filhos viviam um pouco mais. Como o corpus da pesquisa é pequeno não devemos dar muito crédito ao que acabo de escrever. Os cemitérios eram lugares santos e os suicidas eram enterrados fora dele. Os habituais das capelas faziam questão de serem enterrados em cemitérios destas capelas. Muitos municípios italianos, hoje, como Rio dos Cedros, têm o seu cemitério municipal onde são enterrados católicos, protestantes, ateus, suicidas, seitosos, etc.

Se a colônia rural se assentava no tripé altar, escola e cemitério, a urbana, principalmente, tanto a primeira citada por Caruso Macdonald, em 1906, quanto a segunda após a criação das universidades entre 50-60, manteve em parte a sua vida religiosa, ainda que calcada na coluna da sobrevivência.

Em 27 de abril de 1892, Santidade o Papa Leão XIII (o papa dos operários e profundo conhecedor do latim circeroniano) através da bula *Ad Universas Orbis Ecclesiae* anunciava a nova Diocese de Curitiba que abrangia os estados do Paraná e Santa Catarina e Dom José Camargo de Barros foi o seu primeiro bispo, tomando posse em 30 de setembro de 1894. Este bispo encetou uma viagem pela Europa em busca de sacerdotes (dada a enorme escassez de padres na diocese), e de lá trouxe ou mandou vir padres alemães, poloneses, italianos, franceses, principalmente, uns seculares e outros religiosos. Mas a febre de vocações religiosas que se espalhou em Santa Catarina, principalmente nas colônias rurais dos imigrantes devemos-la ao citado Dom José Camargo de Barros, Dom João Becher e Dom Joaquim Domingues de Oliveira. A eles devemos a vinda de ordens e congregações religiosas na diocese, (não só na Ilha) como os Padres Franciscanos, os Padres Servitas (O.S.M.) Ordem dos Servos de Maria, os Padres Jesuítas, a Congregação dos Sacerdotes do Sagrado Coração de Jesus, os filhos de D. Bosco (os Salesianos), a Congregação dos Sagrados Corações (PICPUS SS.CC), os irmãos Maristas, A Congregação das Irmãs da Divina Providência, A Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, a Congregação das Irmãs Franciscanas de São José, a Congregação das Irmãs Escolares de Nossa Senhora, a Congregação das Irmãs Beneditinas da Divina Providência, a Congregação das Irmãs de Santa Catarina Virgem e Mártir, a Congregação das Irmãs Catequistas, a Congregação das Irmãs Franciscanas de S. Bernardino, as Irmãs do Instituto Coração de Jesus, as Irmãs Salesianas de Maria Auxiliadora, etc.

É preciso que se diga que a maioria dos sacerdotes que trabalharam ou

ainda trabalham na Ilha é de alemães, superando de muito os brasileiros e italianos. E isto é explicável pela entrada da Companhia de Jesus, dos Frades Franciscanos e pelo número de alemães que moram nos arredores, e isto, desde 1828. Cumpre, porém, citar entre seculares e religiosos os seguintes sacerdotes que deram muito de si, não só na primeira colônia urbana, mas também na segunda. Por incrível que pareça é difícil separar uma colônia da outra, pois os filhos daquela continuam na última. Eis a lista de alguns padres italianos que trabalharam na Ilha:

Baldessar, Quinto David, Monsenhor.

(Urussanga 05/12/1923).

Foi vigário cooperador da Catedral de Florianópolis pelo ano de 1949. Grande escritor e capelão do exército. Escreveu Imigrantes (Sua História, Costumes e Tradições - Ed. Do A., 1991).

Bertotti, Egídio.

(Nova Trento 01/01/1929).

Foi grande professor e confessor do Colégio Catarinense.

Betti, Artur.

(Itajaí 12/10/1949).

Por anos trabalhou na Paróquia do Saco dos Limões.

Bianchini, Francisco de Sales, Monsenhor.

(Brusque 29/01/1925)

Doutor em Filosofia. Foi vigário da Paróquia do Saco dos Limões. Cura da Catedral. Orientador da Juventude (Emaús). Grande professor catedrático de filosofia da UFSC.

Bratti, Paulo.

(Orleans 29/06/1936).

Foi Diretor do Instituto Teológico de Santa Catarina e Capelão da Igreja do Divino Espírito Santo.

Buzzarello, Raulino.

(Jaraguá do Sul 28/03/1922).

Professor Catedrático de latim da UFSC. Confessor junto às irmãs da Divina Providência. Autor de Dicionário da Língua Latina.

Cerci, Nenrique Ernesto.

(Brusque 29/10/1942).

Vigário cooperador da Catedral. Professor do Instituto Teológico de Santa Catarina. Juiz do Tribunal Eclesiástico de Florianópolis.

Debortoli, João.

(Fpolis 25/02/1903).

Foi coadjutor da Catedral de Florianópolis e atendia a primeira colônia urbana italiana daqui.

Faraco, Rafael.

(Brasilicata, Itália 1832 – Fpolis, 1917).

Ainda que assistisse aos seus italianos da Ilha sempre foi um padre político. Dedicou-se pouco ao ministério sacerdotal. Foi 3 vezes deputado.

Guanarini, Arcângelo.

(Trento, Itália 01/02/1844 – Fpolis, 1920).

Foi capelão da irmandade de Nosso Senhor dos Passos. Cônego honorário da Catedral. Confessor. Escreveu: Nuova Trento. Impressioni di Viaggio (Trento 1901).

Giacomelli, Sérgio.

(Lontras SC 09/06/1947).

Foi professor da ITESC (Instituto de Teologia do Estado de Santa Catarina).

Girardi, Aníbal.

As crônicas falam que ele foi em 1976 cooperador do vigário da Paróquia de Santo Antônio, cá na Ilha.

Por anos trabalhou na Paróquia do Saco dos Limões.

Librelotto, Pascoal Gomes, Monsenhor.

(Nova Palma RS 1901 – RJ 1967).

Foi cura da Catedral de Florianópolis. Secretário da Educação em Santa Catarina e Ministro do Tribunal de Contas do Estado, parece-me que em 1956.

Marangoni, Antonio.

(Bolonha, Itália, 1894 – desconheço o dia de sua morte).

Trabalhou no Hospital de Caridade e atendeu os patrícios da primeira colônia urbana.

(Nota: O Marangoni, afinador de pianos e acordeões que morou muitos anos na Conselheiro Mafra, disse-me não ser parente deste padre).

Reggia, Evaristo.

Sabe-se que foi capelão do Hospital de Caridade e coadjutor da catedral e que morreu em Itajaí em 1928.

Rodi, José.

(Rodeio 1891 - PA 1929).

Descobrimos que trabalhou em Florianópolis por dois anos (1925 a 1927).

Tambosi, Norberto.

(Rodeio 1885 - Rio 1965).

Durante 26 anos trabalhou em Florianópolis como pároco e secretário do bispo. Atendia aos primeiros patrícios instalados na Ilha.

Em 1888 saem da Itália os primeiros missionários escalabrianos através da Congregação fundada por Monsenhor Scalabrini (hoje santo) e vêm para o Brasil e passam por Florianópolis (alguns estão ainda aqui). São 7 os que vêm ao Brasil mas infelizmente os nomes deles não me foi possível achar. Visavam manter viva a fé dos imigrantes e também o bem-estar moral, civil e econômico. De todos os padres escalabrianos que estiveram por aqui somente um tive o prazer de conhecer em São Paulo. Trata-se do padre Colbachini, o qual recordava com saudades um outro padre, chamado Marchetti que fundou um orfanato em São Paulo.

Para maior elucidação sobre este assunto que faz parte da História Eclesiástica na Ilha e em Santa Catarina, consulte-se: Pizza,²⁶ Pauli,²⁷ AA. VV.,²⁸ Lustosa.²⁹

No que toca à escola, mais do que a primeira colônia urbana, a 2ª. foi muito mais bem servida, até com as universidades.

Os primeiros professores junto à comunidade urbana de Florianópolis foram: Salvatore Taranto, que era secretário do V. Consulado, professor das escolas mantidas pelo Reino da Itália. Nem os netos aqui souberam nos dizer o lugar de onde veio lá da Itália. Cesare Marziolli, natural de Roma. Era ríspido professor de italiano junto à Fratellanza Italiana.

Dentre os comerciantes de calçados tínhamos: VITOR PELLUSO, conhecido como Vitto, mas seu nome era vitto Sanseverino Pelluso, e era natural da Província da Basilicata (não situei a aldeia). Veio para Florianópolis em 1875 e aqui abriu uma loja de calçados femininos.

Nicola Cantizano, era natural da Província de Cosenza, região da

Calábria, entre as mais belas e mais pobres do sul da Itália. Ou porque perdeu ou não tinha passaporte, nem carteira de identidade e nem certidão de batismo, não pude saber a data de nascimento dele. O próprio Arnaldo Suarez Cúneo, não se lembrou da rua onde Cantinzano tinha a loja de calçados.³⁰ Domenico Evangelista, nascido em Pignataro Interamna (segundo Cúneo). Mas este Pignataro Interamna não me foi possível encontrar na província de Frosinone, Região do Lazio.

Serralheiro: Importantíssimo foi o **Giovanni D'Alascio** (já falecido) com sua interessante história: Casou-se em primeiras núpcias na cidade natal Maratea, situada na Basilicata e no golfo de Policastro. Teve com a primeira esposa 2 meninas. Deixou esposa e filhas e veio para o Brasil (Fpolis) fazer fortuna. Voltou para lá em seguida e morreu a esposa. Desanimado, volta para o Brasil e abre sua serralheria. Casa-se em Itajaí e da segunda esposa tem mais 5 filhas e 3 rapazes. Forma-os a todos e delega a serralheria daqui de Florianópolis a Sílvio, avô do Sílvio que ora mantém restaurante na Fratellanza Italiana. Giovanni, de católico praticante, passou a não praticante quando um padre de púlpito declarou que o grande terremoto havia na época no Sul da Itália, fora castigo de Deus. Giovanni nos primeiros tempos em Florianópolis, como mestre de obras, orientou os pedreiros, carpinteiros, etc., na construção do Grupo Escolar Silveira de Souza.

Comerciantes: **Carmelo Faraco**, natural da Potenza, na Basilicata. Não esquecer Daniele Faraco (serralheiro), Biase Faraco (Comerciante e líder comunitário) apud Cúneo, *opus cit.*

Cúneo ainda nos cita: Raffaele Arenari (funileiro) natural de Salerno; Andréa Bonetti (jardineiro) natural de Belluno, Veneza; Reinaldo Bicocchi (pedreiro); Giovanni Demaria (comerciante); Giuseppe Cavallazzi (pedreiro) natural da Imperia; Gervásio Cúneo (marceneiro) natural de Gênova; Luigi d'Acampora (farmacêutico); Francesco Fiorenzano (com uma torrefação de café); Giovanni Gentile (marceneiro) natural de Messina; Francesco Grillo (relojeiro) natural da Basilicata; Antonio Longo (capitalista imobiliário) natural da Basilicata; Virginio Munari (pintor) natural de Verona; Giovanni Pagani (marceneiro, carpinteiro, artesão); Giovanni Testa (industrial), etc.²

Passo agora a citar alguns nomes importantes da 2ª. geração urbana italiana da Ilha de Santa Catarina. O primeiro nome é o do filósofo ARTHUR GALETTI (1887-1949), sintetizado por nós através do Enciklopedio Simpozio,

(História do Pensamento em Santa Catarina) de Evaldo Pauli, <http://www.simpozio.cbj.net>.³¹ Nasceu Arthur Galetti a 22 de junho de 1887 na pequena cidade de Imaruí. Filho do italiano Jacinto Galetti e de Martinha Pinho. Abre em 1913 uma alfaiataria em Florianópolis. Em 1927, é designado escrivão de Órgãos, Ausentes, Provedoria e Resíduos da Comarca da Capital. Dominava bem a literatura italiana. O filho Clarno diz-nos que apesar da extrema pobreza em que vivia, trajava-se sempre bem quando ia à Biblioteca. E lá era super bem atendido.

(Antes que me esqueça: é bom e faz bem à parcimônia lembrarmos de que os imigrantes homens da colônia rural só tinham um terno bom que usavam nas solenidades: batizados, missas, casamentos e com ele eram enterrados. Nota: depoimento feito a mim por Ferdinando Valandro). Galetti, em Florianópolis, casou-se com Regina Gustenhoffen. Teve dois filhos, Clarno e Nargo, que fizeram curso superior. Como filósofo, Arthur Galetti deixou-nos: Na Seara do Pensamento e Locubrações, ensaio de teorias e idéias. Em Na Seara do Pensamento, Galetti externa seu pensamento filosófico. Na 1ª. parte quando fala do Universo expõe a dialética dos contrários, matéria e espírito. Ele omite, contudo, a Metafísica do Conhecimento. Na 2ª. parte do livro, quando ele fala do animal o élan da exposição está em que todos os seres seriam vivos e a partir dali desenvolve os conceitos de alma particular e alma geral, da ação da alma sobre o corpo, do instinto e da liberdade. Na 3ª. parte fala sobre a criança e a vida. Na 4ª. parte se ocupa dos temas gerais da Psicologia, sob o título Do Homem. Fala sobre a memória, o pensamento, as tendências, a subconsciência, as virtudes. A 5ª. parte que falaria sobre o Espírito é incompleta, pois ele mesmo declara sentir-se impotente para fazê-la.

O segundo nome importante é o dos GALLOTTI que eu sintetizo através do belo artigo de Dante Martorano.³² Tudo começou, dia Martorano, com Luis Benjamin Gallotti nascido a 21 de outubro de 1853, no Castelo de Estefanes, em Morigeratti, Itália, mas foi em Tijucas que ele recebeu o título de Coronel, patente outorgada pela hoje extinta Guarda Nacional. No solar que ainda existe em Tijucas ele criou muitos filhos, mas não transmitiu a eles a italianidade. É bom lembrar que um de seus muitos filhos do primeiro casamento, José do Patrocínio Gallotti foi professor da Faculdade de Direito e da Faculdade de Economia. Da filha Olindina Gallotti Kehrig nasceu Dona Carolina Gallotti Kehrig, mestra de renome na UFSC, hoje aposentada. Francisco Benjamin

Gallotti, filho do segundo casamento do coronel foi senador por Santa Catarina e candidato ao governo do Estado e perdeu para Jorge Lacerda. O neto do coronel – Luís Otávio Albuquerque Gallotti insigne jurista, destacou-se como Procurador e também como Presidente do Tribunal de Contas da União. Não esquecer que foi Luiz Gallotti que chegou ao topo do Poder Judiciário na Presidência do Supremo Tribunal Federal. Em 1945, como interventor do Estado foi deposto.

Outro nome da vila urbana florianopolitana é Pedro Paulo Vicchietti, muito bem apresentado por Péricles Prade.³³ E não nos esqueçamos de Domingos Fossari – pintor, desenhista, ilustrador e cartunista.

Ainda no magistério superior não podemos olvidar a figura de Fioravante Ferro, homem de cultura extraordinária, nascido em Bolonha. Também não se deve esquecer Péricles Prade, natural de Rio dos Cedros; Celestino Sachet, natural de Nova Veneza, Osvaldo Della Giustina, Osmar Pizani, Edson Ubaldo, Silveira Lenzi, Napoleão Xavier Amarante, Valter Piazza, Norberto Ungaretti, Fúlvio Aducci, o editor Lunardelli, José Isaac Pilati, Norberto Dallabrida, Elias S. Mengarda, os Marchetti, os Angeloni, os Locatelli, os Ghizzo, os Guglielmi, os Furlan, os Grillo, os Faraco, os Battistotti, os Secco, os Cúneo, etc., mas onde iria parar este estudo se fizéssemos todas estas biografias, fora as que esquecemos, por absoluta falta de tempo para pesquisar?

IV

Que motivos levaram os últimos dirigentes de Santa Catarina da última década do século XIX: Lauro Severiano Müller, Gustavo Richard, Tenente Machado, Hercílio Luz, a não criar uma colônia rural de imigrantes italianos na Ilha de Santa Catarina? Por causa da renúncia de Deodoro e a posse de Floriano Peixoto a 23 de novembro de 1891 na Presidência da República? Por causa do abandono do cargo de governador por Lauro Müller em 29/12/1891? Por causa da eleição do Tenente Machado em 7 de julho de 1892? Pela eclosão a 2 de fevereiro de 1893 pelo grupo hercilista ao Palácio do Governo? Pela capitulação a 29 de setembro da cidade de Desterro, instalando-se então o governo rebelde de Guilherme de Lorena? Pela presença do Coronel Moreira César que desaloja os últimos federalistas da capital a 17 de abril de 1894 e manda e desmanda em Desterro? Pela posse de Hercílio Luz a 28 de setembro de 1894 no

governo do Estado? Pela posse a 28 de setembro de 1898 de Felipe Schmidt? Estas perguntas devem ser feitas ao grande historiador Jali Meirinho.³⁴

Mas alguém poderia alegar outros motivos, como: o fiasco da colonização açorita; as terras áridas, arenosas e inférteis da ilha; a falta de recursos do Estado que a esta altura tinha que subvencionar a imigração.

Contudo, foi no governo (primeiro) de Hercílio Luz que se criou a Estação Agronômica afirmam Cúneo (*in opus cit.* p. 107) e Evaldo Pauli (em entrevista dada a mim em 14 de março de 2002). O jornal O Estado em sua publicação de 31 de agosto de 1975, dedica 16 páginas à imigração italiana pela passagem dos cem anos de sua vida. No entanto, o jornal não traz uma linha sequer sobre a Estação Agronômica. Ter-se-iam enganado Cúneo e Pauli? O engenheiro agrônomo Giovanni Rossi, foi, de fato, incentivador da agricultura nos municípios de Rio dos Cedros (a estação agronômica estava localizada onde hoje atua a fábrica de molas Marchetti) e no município de Ascurra. Era amigo de Hercílio Luz que o chamou para dirigir a Estação Agronômica de Coqueiros, aqui na Capital. Coqueiros é um bairro de Florianópolis, situado no continente.

A Estação Agronômica da capital na Ilha foi abandonada pela escassez de água no lugar e transferida para a Trindade. Anos depois, a Estação Agronômica acolheu a casa do governador e virou estação da política e a Trindade virou estação do saber e da cultura. Quem construiu a casa do governador foi Irineu Bornhausen e quem começou a Universidade na Trindade foi Henrique Fontes, construindo o prédio da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

V

Dissemos atrás, citando Herskovits, que a língua é veículo de cultura e influência e se na primeira colônia urbana que tivemos aqui em Florianópolis, a influência é nula dada a superioridade cultural do florianopolitano, já a segunda colônia urbana surgida com o êxodo rural dos imigrantes italianos e a abertura das universidades em Florianópolis e a vinda em grande quantidade de italianos da terceira, quarta e quinta geração também, a influência se faz sentir sob muitos aspectos. Como o meu campo é a Lingüística, ficarei só neste campo, deixando para outros pesquisarem outras influências.

1. No campo da morfologia eis alguns sufixos que enriqueceram o

português daqui:

- ela: bambinela, bagatela, mortadela, tarantela.
- eta: burleta (ligeira farsa com música), espineta, opereta, vendeta.
- eto: galeto, moteto, dueto.
- esco: burlesco, grotesco, furbesco.
- ifício: pastifício, lanifício, panifício.
- ina: cavatina, maestrina, faxina.
- ino: figurino, faquino, travertino.
- im: talharim, trampolim.
- ito: gambito.
- ola: ventarola.
- one: canelone, lazaronne, minestrone, provolone.
- tura: vilegiatura.

b) Entre os verbos: escoltar, acampar.

c) Entre os advérbios: adágio, alegre, agitado, da capo.

2. No campo semântico:

a) Termos referentes à embarcação: fragata, galeota, gôndola, tramontana, marinesco.

b) Termos referentes à milícia: escolta, escopeta, mosquete.

c) Termos referentes a pessoas: bambino, condotiere, duce, carmelengo, doge, lazarão, nono, nona (avô e avó), polntão, sacripanta.

d) Termos referentes ao comércio: ágio, bancarrota, estorno, falir.

e) Termos referentes à arte da poesia: ária, barcarola, dueto, estanca, madrigal, novela, raconto, ritornelo.

f) Termos referentes à música e à dança: agitado, alegre, adágio, bravo, batuta, bombardino, basso, bel canto, cavatina, coreto, corneta, crescendo, cantabile, diletante, espineta, fioritura, largueto, mandolim, mezavoce, moderato, maestro, piano, pianoforte, sotto voce, tocata, tarantela, tutti.

g) Termos referentes ao teatro: arlequim, vufo, comparsa, libreto, ópera, ópera-bufa, opereta, primadona, ribalta.

h) Termos referentes ao desenho e à pintura: aquaforte, bambochata, claro-escuro, cavalete, caricatura, escorço, esgrafiar, esfumar, esfumatura, afresco, paleta garatujar.

- i) Termos referentes à escultura: busto, esboçar, escaiola, terracota.
- j) Termos referentes à arquitetura, à engenharia: arquitrave, autoestrada, baldaquim, balaústre, cornija, coluneta, mezanino, pilastra, terraço, toseto.
- l) Termos referentes à natureza: escarpa, fontanela, grotta, pátina, terremoto, travertino.
- m) Termos referentes ao alimento, à culinária: antepasto, brócoli, caneloni, capeleti, chicória, quianti, cinzano, crocante, espaguete, fidelini, gelatina, gorgonzola, lasanha, macarrão, Martini, moscato, minestra, minestrone, mussarela, mortadela, nhoque, polenta, pizza, pizzaria, polpetta, panetone, parmesão, ravióli, ricota, risoto, salsicha, salame, semolina, sorgo, talharim, mussi.
- n) Termos em geral: bravata, capricho, contratempo, dolce farniente, espavento, bagatela, beladona, bergamota, bisca, cartolina, confeti, fascista, esbórnica, escopa, loto, luneta, lambreta, madona (N. Senhora), parola, pasticho, tutti frutti, tômbola, paura.

Há italianismos na Ilha que só mesmo explicando-os é possível entendê-los, como por exemplo:

Cuca: é palavra que nos veio através do alemão e italinizou-se e aportuguesou-se: Kuchen, que significa bolo. As cucas são feitas à base de frutas, trigo, ovos, levedo e açúcar pelas mais do que célebres cogas, cozinheiras.

Mussi: escreve-se também musse é uma espécie de marmelada mole, feita de frutas. A palavra prende-se ao alemão Mus que significa doce.

Polenta: o termo veio-nos do latim polenta que significava farinha de cevada. Consiste numa massa semidura, feita com farinha de milho.

Diz-se polenta biota: refere-nos o Pe. Stringari³⁵ quando se come sem conduto, em seco. Bioto é do gótico blauts, (nu).

Bochas: da koiné veneto-lombardo-trentina boccia. Embora muitos etimologistas busquem formas hipotéticas como bokia (vaso bojudo), botti (bola), baucia (esfera), etc., é de se supor que tais formas tenham existido no latim, mas nós não pudemos documentar.

Bochim: do vêneto bocino. É a bolinha que serve de fito, alvo, no jogo de bochas.

Eco!: é uma interjeição.

Mama mia!: é uma interjeição.

Tchau: de ciao.

Para um estudo completo sobre os italianismos no Brasil, deve-se consultar Mansur Guérios³⁶ e também Silveira Bueno.³⁷

Foi o que pudemos pesquisar e contar sobre os italianos na Ilha de Santa Catarina.

Notas de Fim:

1 BALLEEN, I. **Os Pesos e Medidas**. Caxias do Sul: EDUCS, 1980, p. 206.

2 DALL'ALBA, Pe. J. L. **Stianni in Colônia**. Florianópolis: EDUCS/Lunardelli, 1986, p. 176.

3 GROSSELLI, R. **Vincere e Morire**. (Contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane. Colab. Annarosa Gianotti). Trento: Ed. Província Autônoma de Trento. Litografia EFFE e ERRE, 1986, p. 647.

4 GEYER, H. **Imigrante**. Blumenau: Ed. do Autor, 1959.

Nota: a peça musical foi apresentada no Teatro Carlos Gomes de Blumenau e recebeu entusiástica ovação. Heinz Geyer nasceu a 27 de junho de 1897 na Renânia e faleceu em Blumenau no dia 13 de junho de 1982. Estudou piano, violino e flauta. Foi diplomado pelo conservatório de Duisburg. Foi professor Catedrático de música do Colégio Pedro II de Blumenau. Foi diretor artístico do conservatório Curt Hering e regente do coro e orquestra do Teatro Carlos Gomes. Além da composição musical sobre o Imigrante deixou-nos: Hino Nacional a oito vozes, Anita Garibaldi, ópera em três atos com libreto de José Ferreira da Silva. De Heinz Geyer, com o qual convivi no colégio Pedro II, posso dizer que era um homem íntegro, bondoso, e que suava bondade por todos os poros. Humilde, apesar da grande cultura, tinha para com todos um sorriso.

5 CORRADIN, G. ...**E Cantavam**. Porto Alegre: Editora Meridional Emma, s/d, p. 259.

6 SANTANA, J. A. **Canções Italianas**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1982, p. 100.

7 CORTESÃO, J. Descobrimientos e Conquistas. *In: História de Portugal*, III, 1931, p. 358.

8 FERREIRA, T. L. Portugueses e italianos na época dos descobrimientos. *In: O Estado de São Paulo*, 8 de agosto de 1970.

9 MIGLIORINI, B. **Storia della Língua Italiana**, 2ª. Ed., Firenze, 1962. Vide p. 498.

10 Idem.

11 PAULI, E. **A Fundação de Florianópolis**. Florianópolis: Edeme - UDESC, 1973, p. 19 e 22.

12 VARNHAGEN, F. A. **História do Brasil**. 1ª. ed., s/d., p. 383.

13 PIAZZA, W. Elementos Básicos da História Catarinense. *In: Fundamentos da Cultura Catarinense*. Laudes, 1970, p. 29.

14 CABRAL, O. R. **Santa Catarina (História - evolução)**. São Paulo: Editora Brasileira, 1937. Nota 9, p. 36 e 37.

15 HERSKOVITS, M. J. **Antropologia Cultural**. São Paulo: Editora Mestre Jou, vol. II, 1964, p. 246.

16 SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale**. Paris: Ed. LOS, 1955, p. 174-175.

17 BALLY, Ch. L'arbitraire du signe. *In: Le Français Moderne VIII*. Ed. M., 1940, p. 193.

18 SAPIR, E. **Linguística como Ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961, p. 44.

19 FINARDI, J. E. **Colonização Italiana em Ascurra** Blumenau: Ed. da Gráfica 43, 1976, p. 131.

20 VILLA, D. **Storia Dimenticata - SAGRA**. Porto Alegre: Ed. SAGRA - DC LUZZATTO, 1993, p. 67-68.

21 DERETTI, M. Apiúna nos meus Apontamentos il Prevosto, apud **Blumenau em Cadernos**, Tomo XXXI, nº 10, out. 1990, p. 239. Homem idoso e alfabetizado para capelão. Dirigia as funções, rezava o terço, o Pai-Nosso, Ave-Maria, Glória e Salve Rainha em latim. Seguiam-se depois as invocações da ladainha lauretana também em latim e outros cânticos sacros em italiano. Lia o Evangelho em italiano e dava alguns avisos importantes ao povo. Organizava a procissão a que presidia paramentado com uma espécie de pluvial.

22 GRAGE Apud "Kolonie Zeitung", Joinville, 22 de abril de 1871.

Nota: A preocupação primordial, diz Grage, era a educação dos filhos... Em Nova Breslau a escola principiou num estábulo por mim construído.

Grage recebera formação escolar no Seminário Batista de Hamburgo e foi professor em Nova Breslau.

Vide ainda **Blumenau em Cadernos**, Tomo XXXII, nº 2, fev. 1991, p. 48-49. Artigo assinado por Frederico Kilian.

23 VICENZI, V. Pe. **História de Rio dos Cedros**. Blumenau: Fundação "Casa Dr. Blumenau", 1975, p. 59.

24 ZOLLER, H. Os Alemães na Floresta Brasileira. Tradução de Curt Willy Hennings. **Blumenau em Cadernos**, Tomo XXXI, nº 5, mai. 1990, p. 148.

25 BALDASSAR Q. D. Mons. **Imigrantes** (Sua História, Costumes e Tradições). Edição do Autor, 1991, p. 276 (vide p. 18).

26 PIAZZA, W. F. **A Igreja em Santa Catarina** (Notas para sua história). Edição do Governo do Estado de Santa Catarina. Florianópolis: IOESC, 1977, p. 313.

27 PAULI, E. **A Arquidiocese de Florianópolis**. s/ed. 1951, p. 99.

28 AA. VV. **História da Igreja no Brasil: segunda época Tomo II/2**. Petrópolis: Vozes - CEHILA, 1980.

29 LUSTOSA, Frei O. de F. **A Presença da Igreja no Brasil: 1500-1968**. São Paulo: Editora Giro Ltda, 1977.

30 CÚNEO, A. S. A Contribuição Italiana no Desenvolvimento de Florianópolis. In: **História Sócio Cultural de Florianópolis**. Editora Lunardelli e I.H.G.S.C., 1991, p. de 107 a 111.

31 PAULI, E. **Enciklopedio Simpozio - (História do Pensamento em Santa Catarina)**. (<http://www.simpozio.cbj.net>)

32 MARTORANO, D. **Temas Catarinenses**. Florianópolis: UFSC/ LUNARDELLI, 1982, p. 147-152.

Nota: Matorano é um dos grandes jornalistas que labutaram na imprensa florianopolitana. Com ele está também Adolfo Zigelli autor de As Soluções Finais.

33 PRADE, P. L. de M. Artes Plásticas. In: **História de Santa Catarina**. V. 3. GRAFIPAR, 1970, p. 105-106.

34 MEIRINHO, J. **A República em Santa Catarina (1889-1900)**. Florianópolis: UFSC/ LUNARDELLI, 1982, p. 127.

35 STRINGARI, J. **Canhenho de português**. São Paulo: Livraria e Editora Salesiana, 1963, vide p. 126.

36 GUÉRIOS, R. F. M. **Os Empresários Italianos na Língua Portuguesa**. Separata do 4º. Congresso Brasileiro de Língua e Literatura. Rio, Bernasa, 1973.

37 BUENO, F. S. **Jornal de Filologia I**, nº 1, 1953. Confirmam o artigo: Influências Italianas na fala de São Paulo.

Referências:

AA. VV. **História da Igreja no Brasil**, segunda época Tomo II/2. Petrópolis: Vozes - CEHILA, 1980.

BALDASSAR Q. D. Mons. **Imigrantes** (Sua História, Costumes e Tradições). Edição do Autor, 1991.

BALLEN, I. **Os Pesos e Medidas**. Caxias do Sul: EDUCS, 1980.

BALLY, Ch. "L'arbitraire du signe". In: **Le Français Moderne VIII**. Ed. M., 1940.

BUENO, F. da S. "Influências Italianas na Fala de São Paulo". In: **Jornal da Filologia I**, nº 1, 1953.

- CABRAL, O. R. **Santa Catarina (História – evolução)**. São Paulo: Editora Brasileira, 1937. Nota 9.
- CEZAR, V. J. “Organização Militar”. In: **História da Portugal**. V. 111, cap. XIX.
- CORRADIN, G. ...**E Cantavam**. Porto Alegre: Editora Meridional Emma.
- CORTESÃO, J. “Descobrimientos e Conquistas”. In: **História de Portugal**, III, 1931.
- CÚNEO, A. S. “A Contribuição Italiana no Desenvolvimento de Florianópolis”. In: **História Sócio Cultural de Florianópolis**. Editora Lunardelli e I.H.G.S.C., 1991.
- DALL’ALBA, Pe. J. L. **Stianni in Colônia**. Florianópolis: EDUCS/Lunardelli, 1986.
- DERETTI, M. “Apiúna nos meus Apontamentos”. **Blumenau em Cadernos**, Tomo XXXI, nº 10, out. 1990.
- FERREIRA, T. L. “Portugueses e italianos na época dos descobrimientos”. In: **O Estado de São Paulo**, 8 de agosto de 1970.
- FINARDI, J. E. **Colonização Italiana em Acurra** Blumenau: Ed. da Gráfica 43, 1976.
- GEYER, H. **Imigrante**. Blumenau: Ed. do Autor, 1959.
- GRAGE *Apud* “Kolonie Zeitung”, Joinville, 22 de abril de 1871.
- GROSSELLI, R. **Vincere e Morire**. (Contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane. Colab. Annarosa Gianotti). Trento: Ed. Província Autônoma de Trento. Litografia EFFE e ERRE, 1986.
- GUÉRIOS, R. F. M. **Os Empresários Italianos na Língua Portuguesa**. Separata do 4º. Congresso Brasileiro de Língua e Literatura. Rio, Bernasa, 1973.
- HERSKOVITS, M. J. **Antropologia Cultural**. Vol. II. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1964.
- LUSTOSA, Frei O. de F. **A Presença da Igreja no Brasil: 1500-1968**. São Paulo: Editora Giro Ltda, 1977.
- MARTORANO, D. **Temas Catarinenses**. Florianópolis: UFSC/ LUNARDELLI, 1982.
- MEIRINHO, J. **A República em Santa Catarina (1889-1900)**. Florianópolis: UFSC/ LUNARDELLI, 1982.
- MIGLIORINI, B. **Storia della Língua Italiana**, 2. Ed., Firenze, 1962.
- PAULI, E. **A Arquidiocese de Florianópolis**. s/ed. 1951.
- PAULI, E. **A Fundação de Florianópolis**. Florianópolis: Edeme - UDESC, 1973.
- PAULI, E. **Enciklopedio Simpozio – (História do Pensamento em Santa Catarina)**. Através de <http://www.simpozio.cbj.net>.
- PIAZZA, W. “Elementos Básicos da História Catarinense”. In: **Fundamentos da Cultura Catarinense**. Laudes, 1970.
- PIAZZA, W. F. **A Igreja em Santa Catarina** (Notas para sua história). Edição do Governo do Estado de Santa Catarina: IOESC. Florianópolis, 1977.
- PRADE, P. L. de M. “Artes Plásticas”. In: **História de Santa Catarina**. V. 3. GRAFIPAR, 1970.
- SANTANA, J. A. **Canções Italianas**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1982.
- SAPIR, E. **Lingüística como Ciência**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1961.
- SAUSSURE, F. **Cours de Linguistique Générale**. Paris: Ed. LOS, 1955.
- STRINGARI, J. **Canhenho de português**. São Paulo: Livraria e Editora Salesiana, 1963.
- VARNHAGEN, F. A. **História do Brasil**. 1ª. ed., s/d.
- VICENZI, V. Pe. **História de Rio dos Cedros**. Blumenau: Fundação “Casa Dr. Blumenau”, 1975.
- VILLA, D. **Storia Dimenticata – SAGRA**. Porto Alegre: Ed. SAGRA - DC LUZZATTO, 1993.
- ZOLLER, H. Os Alemães na Floresta Brasileira. **Blumenau em Cadernos**, Tomo XXXI, nº 5, mai. 1990.

Artigos

O sentimento patriótico na literatura teuto-brasileira

TEXTO:
VALBURGA
HUBER¹

A segunda geração de escritores da literatura teuto-brasileira é constituída por filhos de imigrantes colonizadores que ainda escrevem em alemão, dando continuidade à literatura teuto-brasileira, iniciada no século passado. Destacam-se escritores como Ernst Niemeyer, Juanita Schmalenberg-Bezner e Elly Herkenhoff, Gertrud Gross-Hering, Emma Deeke, os quais publicam suas obras, quer em brochuras, quer em anuários e jornais do país.

A temática da primeira geração, ou seja, a imigração e a vida nas colônias alemãs, continua viva nestes autores. Contudo, uma crescente afeição e interesse pelo Brasil denotam a aculturação e a integração, existindo, subjacente, ainda o Brasil edênico. Ao analisarmos, por exemplo, os poemas destes autores que tematizam a natureza do Brasil, vemos como o fascínio ante a nova terra coexiste com sua valorização sempre crescente, pois esta terra já é vista como pátria. Estes autores já nascem no Brasil e, mesmo com sentimentos de dualismo interior, oscilando entre seu país e a pátria de seus pais, desejam expressar-se numa literatura própria e independente da qual Ernst Niemeyer é, sem dúvida, seu maior representante e divulgador.

Ernst Niemeyer nasce em Joinville-SC, em 1863, filho de Louis Niemeyer, diretor da Colônia D. Francisca. O falecimento prematuro do pai impede que vá estudar na Alemanha e assim adquire seus conhecimentos através de aulas particulares e do autodidatismo. Começa a trabalhar cedo numa tipografia em sua cidade e mais tarde em São Paulo (1881). Torna-se funcionário dos Telégrafos, trabalhando em Porto União e também no Rio de Janeiro onde torna-se diretor do Observatório Meteorológico, cargo que ocu-

¹ Professora da Faculdade de Letras - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

pa até 1889 quando, em missão científica, parte para a Alemanha, França e Itália. Ao aposentar-se, vai morar alguns anos na Alemanha, retornando, porém, ao Brasil em 1920, passando a morar em Curitiba. Dominando vários idiomas, exerce também a profissão de professor de línguas estrangeiras e em 1950, falece. Deixa vasta obra em forma de estudos históricos, romances, contos, novelas e poemas, em que se destacam “Der Held der Arbeit” (O herói do Trabalho); “Der Flaggenberg” (O Morro da Bandeira); “Der junge Dichter” (O jovem poeta); “Seelenfriede” (Paz Interior), “Des Siedlers Lied” (A canção do imigrante); “Kahnfahrt” (Viagem de Canoa); “Schranken des Strebens” (Limites da ambição); “Loblied auf Brasilien” (Canção de louvor ao Brasil); “Den Deutschen in der Fremde” (Aos alemães em terra estranha); “Die Meisterin” (A mestra); “Huldigung an Deutschland” (Homenagem à Alemanha) e “Heil Brasilien” (Saudação ao Brasil), entre muitas outras. Entre suas narrativas estão: “Leandro”; “Odalisa”; “Lied und Glück in der Heide”; “Das Bugerschloss” e “Almodia”.

É Ernst Niemeyer que, como dissemos, dá o tom programático desta geração, ao levantar a bandeira de uma literatura própria, teuto-brasileira, que exprime o universo e os sentimentos do imigrante alemão e de seus descendentes no Brasil. Ele conclama os teuto-brasileiros a isso no seu estudo Teutonen Literatur:

Nós, alemães na nova pátria, temos vida própria e por isso devemos ter uma literatura própria. Estamos desligados do passado de nossos ancestrais. Sua pátria nos é estranha. Seus poetas cantam para um outro povo, não nos conhecem e tampouco conhecem nossa terra. Outras plantas, outras montanhas nos cercam, um outro sol ilumina os nossos dias, outras estrelas cintilam em nossa noite. Eles têm um céu diferente do nosso... Nossa alma precisa de uma poesia própria. Nossa pátria é jovem... e novas canções devem celebrar esta terra. Teuto, observa o teu céu, canta a tua terra. Não vagueies pelo distante. És poeta, então a poesia está onde tu vives. Bela se tornará então a tua pátria, tuas matas, montanhas, lagos... Teutos, nós temos direito a uma literatura própria e nós a criaremos.

Neste conjunto de idéias de Niemeyer, que sintetiza as idéias de sua geração, a literatura teuto-brasileira quer *status* de autônoma e visa a preservação do patrimônio cultural teuto-brasileiro. Ela se propõe, pois, a cultivar o

patriotismo brasileiro com “alma alemã”. Expressa-se na língua alemã, mas deseja ter cunho e características próprias, porque pouco tem em comum com a literatura alemã. No âmago da proposição de Niemeyer está, portanto, o dualismo teuto-brasileiro. Os imigrantes alemães e seus descendentes herdaram o espírito dos seus antepassados e devem orgulhar-se de suas origens e da sua língua. Portanto, no seu espírito, e por tradição, o teuto-brasileiro é alemão, mas na prática é brasileiro. Tem vida nova no Brasil, desligada da velha pátria e quer expressar isso em sua literatura própria, onde seu afeto pela terra brasileira cresce, pois começa a criar raízes nela. O teuto-brasileiro deve, contudo, preservar o orgulho das raízes alemãs e no poema “Den Deutschen in der Fremde” (Aos alemães no exterior) Ernst Niemeyer expressa o desejo de preservar essas origens na nova terra.

É também em poetas como Niemeyer que vemos o Brasil ser chamado, sempre mais, de “pátria” (Heimat, Vaterland). Por volta de 1900, Rotermund (um escritor da primeira geração, como vimos), cria no seu jornal “Deutsche Post”, um suplemento chamado “Sob o Cruzeiro do Sul” (Unterm Südlichen Kreuz) para divulgar essa literatura e logo depois, surgem volumes das coleções “Deutschbrasilianische Literatur” (1901) e “Südamerikanische Literatur” (1917).

Durante a 1ª Guerra Mundial, com a entrada do Brasil na guerra em 1917, desencadeia-se uma crise e alguns jornais passam a ser editados em português, mas voltam a circular em alemão ao final deste conflito. A Guerra também acirra a conscientização do dualismo, do oscilar entre duas pátrias e procura-se, então, uma solução de conciliação: fidelidade à nova pátria sem renegar o patrimônio cultural alemão, os costumes, a língua e a religião da pátria de origem. No período entre as duas Guerras Mundiais, a cultura teuto-brasileira é levada para as grandes cidades. Os descendentes de alemães participam ativamente do comércio e da indústria, coexistindo lado a lado com outros grupos étnicos. Nesta época, as ligações com a cultura luso-brasileira recebem novo alento e aumenta o número de traduções para o alemão de obras da literatura brasileira. O Movimento Abolicionista também é visto com simpatia em algumas obras literárias desta geração.

Todavia, é também na segunda geração, quando o processo de aculturação se evidencia, que sobressai a preocupação com o afastamento da cultura ancestral e tenta-se, então, despertar nos descendentes o interesse pela

pátria dos seus antepassados. Os escritores o fazem através de poemas, histórias da infância e juventude dos pais na Alemanha, bem como de histórias que enfatizam qualidades morais dos alemães (como a disposição para o trabalho, a ordem, a disciplina, desejo de progredir e patriotismo), sendo o esquecimento das próprias raízes considerado fato altamente negativo.

Em Niemeyer vemos também o patriotismo na valorização dos temas regionais, como o gaúcho e os pampas. Eis o poema "Canto do Gaúcho" (Gaucho Lied):

Eu amo os prados, os pampas
Eu amo o inverno, o calor do sol

*Ich liebe die Heide, das ebene Land,
Ich liebe den Winter, den
Sonnenbrand.*

Não cultivo o campo, não enfeito a casa

*Ich baue kein Feld, ich schmücke
kein Haus*

O verde pampa me atrai para longe.
Meu mais prazeroso pensar, por toda a vida,
Gira em torno da marcha do meu cavalo.
Procuro a liberdade, o ar livre
Um coração fiel e o perfume das flores.

*Die Grüne Pampa lockt mich hinaus.
Mein liebstes Denken, mein Leben lang,
Es dreht sich um meines Pferdes Gang.
Die Freiheit such ich, die freie Luft,
Ein treues Herz und der Blüten Duft.*

Perto do céu, longe das preocupações...
Assim vagueio pela vida, esta é minha sina!

*Dem Himmel nahe, den Sorgen fern...
So schweif ich durch's Leben, das
ist mein Stern*

Os traços edênicos da paisagem brasileira ressurgem nos pampas como um lugar "longe das preocupações" e que dá ao homem a sensação de tranqüilidade e amenidade. Os pampas, na sua amplidão, imensidão exercem grande atração no escritor, tal como a floresta na primeira geração. Podemos ver que a aculturação é retratada, na literatura da segunda geração, através de um apreço e afeto crescentes pelo Brasil. É o que percebemos no poema de Niemeyer, "Salve Brasil" (Heil Brasilien):

Saúdo-te, pátria amada
Maravilhosa em todos os sentidos
Abundante nos frutos e nas cores
Pedras preciosas no interior das montanha
Com tudo isto Deus te abençoou.

*Heil dir, lieber Heimatland!
Herrlich allerwegen!
Aller Frucht und Farben Fülle,
Edelstein in Berges Hülle,
Gab dir Gottes Segen.*

Teus céus, altos e claros
Despertam o prazer e bondade
Deixa-nos contemplar o sol
Confiar apenas em nossas forças
Nobres interiormente.
Saúdo-te, minha terra
Em ti realizam-se os nossos sonhos

Quem aqui labuta, da terra terá
Trabalho, amor e alegria
Sob os ramos das palmeiras

*Dein Himmel, hoch und klar,
Wecken Lust und Güte.
Lasst uns auf zur Sonne schauen,
Nur auf eigene Kraft vertraue,
Adel im Gemüte.
Heil, mein Land!
In dir wird wahr, was die Menschen
träumen
Wer da ringt, dem wird auf Erden
Arbeit, Lieb' und Freude werden
Unter Palmenbäumen*

Aqui ressaltam-se os aspectos edênicos do novo país, já chamado de “pátria amada” com adjetivos como “maravilhosa”, ressaltando-lhe a abundância de frutos e cores, a riqueza mineral das “pedras preciosas no interior das montanhas” e igualmente são exaltados o céu e o sol “que despertam prazer e bondade”.

Esta é a terra que realiza os sonhos do imigrante, que recompensa o trabalho e traz felicidade, usufruída sob as palmeiras, símbolo da paisagem brasileira. A nova terra é exaltada em suma, pela sua beleza, abundância, riquezas minerais, pelos sentimentos nobres que inspira e por realizar o sonho, a utopia de um mundo melhor.

O Brasil continua sendo exaltado neste outro poema de Niemeyer, “Canto de louvor ao Brasil” (Loblied auf Brasilien):

Onde a rica terra em sua roupagem verde,
Silenciosa junto às pessoas na felicidade e na dor

Nos presenteia seus frutos
Onde à terra ansiosamente esperada
Os navios chegaram - nossas praias.....
A paz silenciosa habita a baía.

.....
Vamos sentir-nos orgulhosos de nossos
ancestrais

Que o seu exemplo nos ensine
A sermos fiéis e fortes como eles

*Wo im grünen Pflanzenkleide,
Stumm bei Menschen Glück und
Leide,
Reiche Erde schenkt uns Frucht.
Wo dem heiss ersehnten Lande
Schiffe nahen - unserm Strande...
riede wohnt in stiller Bucht*

*Lasst uns stolz sein auf die Ahnen
Lasst ihr Beispiel uns gemahnen,
Treu zu sein und stark wie sie.*

Que amar sempre a nossa pátria,
Fique gravado em nossos corações:
Brasil, jamais te abandonarei.

*Unser Vaterland zu lieben,
Sei in unser Herz geschrieben:
Dich, Brasilien, lass ich nie.*

O louvor à paisagem, a natureza dadivosa da primeira estrofe se fecha no círculo do amor a essa terra. Ela realiza os sonhos de quem a procura e o filho do imigrante ama-a como sua pátria, e jamais quer dela se separar. Esta terra já é do filho do imigrante, e seus pais ensinaram-no a amá-la. Nos poemas de Niemeyer, percebemos que os traços edênicos perduram e o dualismo e a saudade, tão fortes nos escritos da primeira geração, começam a atenuar-se enquanto o patriotismo e o orgulho da nova terra acentuam-se.

Juanita Schmalenberg-Bezner também faz parte da segunda geração de escritores teuto-brasileiros. Nasce no Rio de Janeiro em 1908, filha de alemães, passa grande parte de sua infância na Alemanha. Retorna ao Brasil em 1927, indo residir em Porto União, Santa Catarina. Publica grande quantidade de poemas e narrativas em anuários, revistas e jornais do Brasil e também do exterior. Ela traduz diversas poesias e obras de prosa brasileira, entre as quais merece menção especial o livro *Wo die Palme tief* (1936), antologia onde se encontra a tradução da “Canção do Exílio” (Lied des Verbannten) de Gonçalves Dias. Nela a autora tenta (como ela mesma diz na Introdução desta coletânea) “tornar compreensíveis para os leitores alemães, os sons puros e profundos da literatura brasileira, a mais bela e mais rica da América do Sul”. Traduz também poemas de Castro Alves, Menotti del Picchia, Olavo Bilac, Casimiro de Abreu, Machado de Assis, Tobias Barreto, entre outros, e parte de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha.

Na tradução da “Canção do Exílio” de Gonçalves Dias para o alemão, a autora consegue manter no conteúdo e na forma, toda a força do poema brasileiro, espécie de poema-símbolo do Romantismo, que exalta a beleza paradisíaca do Brasil e a saudade de quem dela longe vive:

“Lied des Verbannten”

*Wo die Palme tief
Ihre Fächer neigt,
Wo der Sabiá
Seine Lieder geigt,*

“Canção do Exílio”

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

*Aller Vögel Sang
Schmelzender ertönt
Und der Blumen Glanz
Süss'rer Duft entströmt
Wo der Wälder Schoss
Tausendfach bewegt
Und da Leben selbst
Heiss're Liebe trägt-
Die ich Heimat nenne,
Ewig teure Flur,
Ach, noch einmal nur.
Unter Sternenschimmer
Möcht'ich träumend gehn,
Ragend in den Ather
Stolze Palmen sehn
Und den Liedern lauschen
Die Nacht dort singt
Schönheit, die wie keine
Mir das Herz bezwingt!
Eher nicht zu sterben,
Dieses ist mein Flehn,
Götter, wollt mich hören,
Schenkt ein Wiedersehn!*

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,
Mais prazer encontro eu lá:
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá:
Em cismar - sozinho à noite -
Mais prazer encontro eu lá.
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá:
Sem que defrute os primores
Que não encontro por cá:
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá.

No poema "Colônia alemã" (Deutsche Siedlung) Juanita Schmalenberg - Bezner, volta-se à contraposição entre paraíso natural e paraíso construído:

Antigamente eram só pântanos
E mato por todos os lados
No alto só céu e solidão
Os rastros da pantera na areia cinzenta
O rastejar da cobra
Ao longo dos caminhos.....

*Einst waren Sümpfe
Und Wälder weit
Darüber Himmel und Einsamkeit.
Des Panthers Spuren im grauen Sand,
Der Schlange Schleichen
Am Wegesrand....*

Hoje verdes colinas.
Cobertas por milharais
As espigas pendem nos pés
Do trigo e do arroz

*Heut grünen Hügel
Bepflanzt mit Mais
Die Halme wiegen
Nun Korn und Reis*

Agora belas fazendas
enfeitam o vale

*Viel schmucke Höfe
Durchziehen das Tal.*

E frutos e colheitas
Acenam de todos os lados

*Und Frucht und Ernte
Winkt überall.*

Neste poema, os dois paraísos são configurados em dois planos temporais: o passado (“Einst” = antigamente) e o presente (“heut” = hoje). O passado está ligado a pântanos, a florestas, à solidão, a animais selvagens (pantera) e venenosos (cobra). O presente, por sua vez, é apresentado por fazendas prósperas, por plantações (de milho, de trigo e de arroz), ou seja, pela abundância das colheitas, dos frutos maduros, sinais de um paraíso de fartura e abundância que é a colônia alemã.

Outra escritora desta geração, Elly Herkenhoff, nasce em Joinville em 1906. Durante o período da 2ª Grande Guerra, vive no Rio de Janeiro e em São Paulo, onde fixa residência em 1955 e leciona línguas estrangeiras. Escreve só em alemão e produz um grande número de poemas e narrativas (contos) em jornais, periódicos e anuários do estados do Sul. Aborda também em artigos e ensaios – e ultimamente em livros de história como em Era uma vez um Caminho... – a história de sua cidade, Joinville, Santa Catarina, onde ainda vive.

Das suas numerosas poesias citamos algumas: “Allerseelen” (Dia dos mortos); “Kinderwunsch” (Desejo infantil); “Menschengrösse” (Grandeza humana); “Fahrt durch den Maimorgen” (Passeio numa manhã de maio); “Gruss an die Heimat” (Saudação a pátria); “Die Friedfertigen” (Os pacifistas); “Meiner Heimat Glocken” (Os sinos da minha terra) e entre suas narrativas e contos “Aus fernen Tagen” (De dias distantes); “Zerstörtes Familienglück” (Família feliz destruída); “Vor dreissig Jahren” (Há trinta anos) e “Liebesbrief na Cassiano” (Carta de amor a Cassiano), entre outras.

No poema “Saudação à pátria” (Gruss an die Heimat) são evidentes o afeto e o patriotismo:

Eu te saúdo pátria, saúdo as amplas

*Ich grüsse dich, Heimat, ich grüsse
die weiten*

Ensolaradas campinas nas praias do sul ...

*Durchsonnten Gefilde am südlichen
Strand...*

Saúdo as ondas que deslizam espumantes,

*Ich grüsse die Wogen, die schäumend
entgleiten,*

As matas murmurejantes, que se espriam	<i>Die rauschenden Wälder, die endlos sich infinito breiten</i>
Os abismos, o mar e a terra radiosa!	<i>Die Klüfte, die See und das strahlende Land</i>
Eu saúdo teus maciços gigantes da serra, Os pinheiros sonhadores no campo	<i>Ich grüsse der Serra gigantische Massen, Die träumenden Pinien am lockenden Feld</i>
Eu saúdo as cidades com ruas ensolaradas	<i>Ich grüsse die Städte mit sonnigen Strassen</i>
Os jardins perfumados com caminhos Titilantes	<i>Mit duftenden Gärten, mit klingenden Gassen</i>
Eu te saúdo, pátria, a mais bela e der charmosa do mundo.	<i>Ich grüsse dich, Heimat, du schönste Welt!</i>

No poema da mesma autora “Viagem numa manhã de maio” (Fahrt durch den Maimorgen), é visível a exacerbação das emoções:

Sejam louvados vós, vales e montanhas	<i>Seid mir gegrüsst auch, ihr Täler und Höhen</i>
Perfumadas flores ao longo da praia ondulante	<i>Duftenden Blumen am lockenden Strand:</i>
Canoas que balançam em mares azuis	<i>Schaukelnde Kähne auf tief blauen Seen,</i>
Espumantes ondas no eterno vai e vem	<i>Schäumend Wogen, die kommen und gehen.</i>
.....Sê louvada, o tu, terra florida!	<i>...Sei mir gegrüsst, o du blühendes Land!</i>

Esta terra radiante, cantada nas suas belezas naturais expressa o profundo amor da poetisa por sua terra, o que Gertrud Gross Hering e Emma Deeke - e outros - vão também expressar em sua rica obra em prosa.

História & Historiografia

O fim de uma prática e o início de outra: a criação de uma escola de partos em Blumenau na década de 30

TEXTO:
ILZE ZIRBEL*



Folheando as páginas de um jornal blumenauense da década de 30, o jornal *A Cidade* de 12 de abril de 1930,¹ deparei-me com a publicação do estatuto da Escola de Parteiras de Blumenau. Até aquele momento nunca havia pensado na existência de uma escola que ensinasse o “ofício de parteira”.

As parteiras sempre haviam estado na minha mente como parte integrante dos relatos de minha mãe e se apresentavam como mulheres simples, de lenço na cabeça, avental muito limpo e que por sua disposição e conhecimento eram chamadas nos momentos de parto para auxiliarem outras mulheres. Eu não as via como “estudantes da arte de partejar” mas como detentoras de um conhecimento e de uma prática muito antiga.

Quando minha mãe se referia a alguma parteira a referência se fazia acompanhar de uma mistura bastante interessante de opiniões e sentimentos. Ela era alguém para se admirar e respeitar. Uma figura bondosa e sábia que inspirava cumplicidade. Era uma “igual” que advinha em momentos difíceis, e íntimos, para socorrer mulheres e bebês em meio a uma sociedade claramente dividida entre homens e mulheres, entre o mundo da rua e o da casa.

Continuando a folhear o referido jornal espantei-me com a afirmação de que a Escola de Parteiras estaria sendo criada para suprir uma “necessidade regional”, visto que todo o Estado de Santa Catarina estaria “desprovido de profissionais qualificados/as” para o atendimento às parturientes. A afirmação se chocava com aquela minha imagem de respeito e admiração pelas parteiras de minha comunidade.

* Aluna do Curso de História da FURB.

¹ N. E.: Este estatuto foi publicado na Revista *Blumenau em Cadernos*, nº 05/06, mai./jun. 2001, p. 51-56.

Não eram elas capazes?

Deixando de lado a minha impressão primeira (mais subjetiva) passei a pensar na informação que estava diante de mim de forma mais “fria e lógica”. Duas questões básicas se colocam a partir da afirmativa do jornal: Se não havia profissionais “qualificados/as” para a realização de partos, então as mulheres pariam sozinhas? Ou os partos estavam sendo realizados por pessoas consideradas “desqualificadas”?

Conhecendo as histórias sobre parteiras de minha comunidade logo percebi que a desconfiança jogada por sobre elas não advinha do grupo de mulheres que delas obtinham apoio e ajuda nos momentos de dar à luz (e que seriam as mais aptas a opinar sobre o assunto!). A acusação vinha “de fora”, mas de onde? De quem?

Instaurada a desconfiança de que “nem tudo estava sendo dito” naquelas páginas, passei a procurar mais informações sobre a referida Escola de Parteiras de Blumenau em busca de duas respostas: por que se estava criando uma escola desse gênero e por que se desqualificava o trabalho das parteiras existentes?

Quando se tem perguntas na cabeça sai-se em busca de respostas. Como minhas perguntas se situavam em torno de um espaço geográfico específico (a cidade de Blumenau), de um tempo (a década de 30) e de um assunto (a Escola de Parteiras de Blumenau), passei a me dedicar à leitura do jornal *A cidade* durante várias tardes e manhãs. Informações? Muito poucas e nada parecidas com o que eu tencionava encontrar.

A terceira referência à Escola se deu um mês depois da primeira, em um contexto muito estranho, sob o título *O Brasil precisa de gente*.¹ Em meio a um discurso agressivo, o texto tratava de uma “epidemia criminosa e maldita”² que estaria “flagelando o país” e atacando especialmente o Rio Grande do Sul e a cidade de Curitiba. A “epidemia” estava marcada pela “bala” (armas de fogo), pelos entorpecentes e pelos abortos, tendo sido confirmada pelos dados do IBGE.

Estranhamente, ao invés do autor do texto se dedicar às três “epidemias” citadas, ele passou a tratar apenas de uma, o aborto (o que dava a entender que do ponto de vista dele assassinatos e entorpecentes não eram assuntos realmente importantes a serem tratados).

Apesar do texto estar sendo endereçado à população local, não se faz

referência à prática do aborto na própria cidade de Blumenau mas “parteiras e enfermeiras renomadas” de Curitiba são acusadas de praticar não somente o aborto como também o infanticídio (entendidos como sendo “a mesma coisa” e igualmente freqüentes). Como forma de “endossar” o que se estava dizendo (ou para “ameaçar”) o Código Penal foi citado como tendo penas severas previstas contra os *faiseurs d’anges*³.

Nesse contexto se faz referência à Escola de Parteiras como um importante espaço para “diretores e professores” inculcarem “no espírito das aprendizes” a “vigilância” para com aquelas parteiras que estariam “convertendo o elevado sacerdócio da profissão em instrumento do crime e da degradação social”.

Uma série de novas questões surgiu na minha cabeça: As “aprendizes” (aquelas que ainda “não sabem” mas “podem aprender”) estariam lá para que lhes fossem “incutidas” algumas coisas (o que me faria pensar que somente as “facilmente incutíveis” poderiam ser bem vindas); depois de aprendida a lição desejada, as aprendizes poderiam ser usadas para vigiar outras parteiras (que são tidas como “perigosas” ou “incapazes”, já que precisam ser “vigiadas”).

Outra afirmação dedutível do artigo: ser parteira equivalia a exercer um “sacerdócio” (uma vocação, algo repleto de santidade, abnegação e de dedicação exclusiva) e a subversão deste “sacerdócio” equivalia a um “crime” e à “degradação social”.

Novamente me veio à cabeça que os crimes “de bala” e as possíveis mortes que deviam estar ocorrendo em decorrência do uso de entorpecentes não estavam sendo apresentadas ali como uma “degradação da sociedade”. O que interessava era associar às parteiras que atuavam nas comunidades a idéia de “degradação” e “crime”, endossando assim a criação da Escola de Partos.

Além disso, também ficou por conta das parteiras a acusação de responsabilidade pelo baixo crescimento demográfico do sul do país e a “falta de patriotismo” encerrada na prática do infanticídio e do aborto (onde se vê claramente associado o ato de “ter filhos” com o ato de “servir a Nação”, numa clássica alusão ao “papel social” das mulheres dentro das sociedades geridas por homens ocupados em defender suas Pátrias de outros homens).

Parecia uma caça às bruxas, diferente daquela da época medieval, em que se queimavam as mulheres na fogueira, mas ainda assim semelhante em alguns aspectos (eram novamente mulheres que detinham algum saber sobre

outras mulheres e que atuavam na área da medicina obstétrica). Bem perto de mim, no meu estado, na minha cidade, bem debaixo do meu nariz!

Não querendo ser de todo má na minha interpretação dos fatos - e no meu “mal-estar, uma vez que eu já me encontrava um pouco exasperada pela associação entre “filhos” e “patriotismo”, e pelas páginas policiais do referido jornal que apontavam para suicídios, “defloramentos” e assassinatos de meninas que “se negavam” aos seus “pretendentes” - resolvi não dar a questão por concluída e parti para mais informações.

Como o assunto parecia estar “em alta”, não foi preciso procurar muito para encontrar a referência seguinte. No dia 17 de maio de 1930 o jornal passou a dar mais alguns detalhes sobre o assunto.

O plano de Ensino da Escola teria sido moldado de acordo com o curso de obstetrícia da Escola Médico-Cirúrgica de Porto Alegre e esta seria a primeira escola do gênero do estado de Santa Catarina. Conforme o texto, Blumenau ficaria com “as visíveis vantagens da excelente iniciativa” que estava criando, formando o que era “tão necessário, parteiras capazes, em condições de atender aos reclames das colônias desprovidas dessas profissionaes”.⁴

Esta nova citação, além de se referir mais uma vez às parteiras tradicionais como “incapazes” (visto que as “capazes” seriam treinadas na referida Escola), faz alusão às “visíveis vantagens” para a cidade de Blumenau com a criação da Escola e à ligação da mesma com a Escola Médico-Cirúrgica de Porto Alegre.

O parágrafo seguinte apontava para o reconhecimento da Escola pela Assembléia Legislativa do Estado e para a validade dos “certificados” que seriam ali oferecidos também em território paranaense “em virtude de uma lei de reciprocidade” que existia entre os dois estados.⁵

Seguindo a minha curiosidade (e cheia de perguntas na cabeça) fui dar mais uma “olhadinha” no Estatuto da Escola para ver quais as matérias que iriam ser ministradas e os pré-requisitos necessários para se ingressar na Escola.

O curso seria de apenas um ano. As candidatas deveriam ter noções de língua portuguesa (lembrando que a maioria da população falava alemão e que em muitas famílias as meninas ficavam sem acesso à educação escolar), noções de aritmética, idade mínima de 18 anos, certificado de boa conduta (afinal, tratava-se de um “sacerdócio”) e atestado médico que garantisse a ausência de alguma “moléstia contagiosa”.

Durante o período de estudo seriam oferecidas as matérias de anatomia da bacia da mulher, “noções” de microbiologia, embriologia, fisiologia e patologia, além de aulas de clínica obstétrica. As alunas também deveriam ser semanalmente “levadas” aos hospitais da cidade para as aulas “exclusivamente práticas”.⁶

A esta altura eu já estava me perguntando: Com estes pré-requisitos e estas matérias por que é que não se abria logo uma escola de medicina para as mulheres? Já haviam se passado mais de quarenta anos desde que a primeira brasileira se formara na Faculdade de Medicina da Bahia⁷ e o próprio jornal *A Cidade* havia noticiado meses antes o ingresso de “várias dezenas de senhoritas”⁸ na Universidade do Rio de Janeiro para cursar Direito e Medicina (além de outras três que haviam ingressado no curso de Engenharia).⁹

Estava ficando claro para mim que o que se queria não tinha muito a ver com “aprimorar a prática obstétrica das mulheres”, mas “regulamentar” e “fiscalizar” o ofício das parteiras.

Aqui já se poderia acrescentar um outro elemento à discussão: não era apenas de interrupção da gravidez que se estava falando (em uma época em que as pílulas anticoncepcionais ainda não haviam sido “descobertas”) mas de clinicalização do corpo das mulheres dentro dos ambientes hospitalares.

Neste momento o jornal já não me bastava mais e não seria capaz de responder a todas as minhas perguntas, era preciso sair em busca de diversos outros subsídios: livros e artigos de temas co-relacionados (como a história da medicina no Brasil, a criação das Escolas de Parto brasileiras, o surgimento e o desaparecimento das parteiras; a “inserção” das mulheres no mundo da “saúde pública”, a prática e a criminalização do aborto; políticas públicas de crescimento demográfico; etc.); entrevistas (com pessoas que vivenciaram a década de 30 em Blumenau, que conheceram a Escola de partos, que conviveram com parteiras, etc.); documentos oficiais da Escola, etc.

Também era a hora de estabelecer objetivos e um método para iniciar um bom projeto de pesquisa.

As escolas de parto e o avanço das escolas de medicina pelo sul do Brasil

Saindo em busca de artigos e textos que estivessem relacionados ao assunto em questão deparei-me com a tese de doutorado da historiadora Maria

Lúcia Mott¹⁰ cujos resultados haviam sido publicados em forma de artigo sob o título *O curso de partos: deve ou não haver parteiras?*

O artigo analisa os cursos de formação de parteiras criados no Brasil durante o século XIX. A documentação pesquisada por esta autora aponta para o perfil desejado para as “estudantes”, a frequência e o número de alunas matriculadas nestas escolas, o papel dos médicos e das parteiras no atendimento de partos, as relações de gênero e as disputas profissionais.

Muitas das “desconfianças” por mim sentidas ao ler o jornal *A Cidade* acabaram por encontrar eco no trabalho desta historiadora.

Segundo Mott, a criação de Escolas de Parto no Brasil encontra-se intimamente ligada à criação das Escolas de Medicina e à disputa dos médicos por um espaço junto às parturientes (visto serem eles “recusados” pelas mesmas, que preferiam a companhia de parteiras no momento do parto¹¹). Não é possível deixar de pensar, diante do grande número de mulheres que concebiam filhos/as a cada ano, no quanto este espaço deveria ser importante para a área médica.

A questão do “aumento populacional” também se fazia presente por ocasião da reforma no ensino médico brasileiro em 1832 sendo utilizada como argumento para a criação das primeiras escolas de “obstetrícia”. Outra questão recorrente em vários documentos da época é a da “desqualificação” do trabalho das parteiras práticas, sempre acusadas de “inaptas”, “ignorantes”, e “charlatãs”.

De igual forma, os pré-requisitos para as futuras alunas eram basicamente os mesmos em 1832 e 1930 (apesar dos cem anos que separava uma data da outra e da diferente realidade política: em 1832 ainda era o Brasil Império, em 1930 já estávamos na República): saber português, ter no mínimo 16 anos, apresentar um atestado de bons costumes “passado pelo juiz de paz da freguesia onde moravam” as alunas (o que não era pedido para os alunos de Medicina e Farmácia!) e pagar a matrícula (elemento novo).

Além destas, o texto trouxe à tona uma série de outras questões, sendo a maioria oriundas de documentos e textos produzidos pela primeira parteira formada no Brasil: a imigrante francesa Maria Josefina Matildes Durocher (Mme. Durocher), formada em 1871 pela Imperial Academia de Medicina do Rio de Janeiro.

As principais críticas de Mme. Durocher parecem apontar para a ineficácia do curso, como segue a citação:

A mulher que acaba de largar a agulha, o ferro de engomar, a panela, a frigideira ou qualquer utensílio da vida doméstica, vai ouvir por espaço de dois anos o professor falar de partos, em termos para ela completamente desconhecidos, como cartilagens, tendões, sinóvia, membrana serosa, mucosa, parênquima, articulação úmero-cubital, fontanela bregmática, etc., etc., circulação útero-placentária, descrição de embriologia; não percebe nem pintada, mas que importa? O fim principal não é perceber, é decorar, e para isso basta ter a inteligência um grau acima da de um papagaio, para decorar mais ou menos bem o que ouviu por espaço de dois anos.¹²

Vale à pena ressaltar que os primeiros cursos haviam sido planejados para terem a duração de um ano (em 1832), mas devido à “dificuldade de aprendizado” das alunas eles foram estendidos para dois anos (em 1854). “Interessantemente” a matéria do primeiro ano deveria ser repetida no segundo (intitulada: “Partos, moléstia de mulheres peçadas e meninos recém-nascidos”), era apenas teórica e era ministrada no quarto ano do curso de Medicina, o que demonstra o estágio de confusão em que se encontravam as coisas: não eram as alunas apenas “candidatas a parteiras” e com “grande dificuldade de aprendizado”? Por que elas iam então “diretamente” para o quarto ano de medicina, num curso teórico? O que se queria com isso? Desconfiava-se de que elas poderiam ser “capazes” de acompanhar as aulas ou esperava-se que elas realmente não aprendessem quase nada, permanecendo na tal “ignorância”?

Diante da ineficácia dos cursos de Partos e do inexpressivo número de pessoas formadas (também na Medicina e na Farmácia) surgiu, em meados do século XIX, a proposta de se criarem escolas “secundárias” em cinco estados brasileiros (entre eles o Rio Grande do Sul). Para não se “ferir” o poder das duas únicas faculdades de Medicina existentes no país até então,¹³ os/as profissionais destes novos estabelecimentos teriam uma formação de “segunda classe”, “puramente prática” (o que demonstra mais uma vez a visão que se tinha do trabalho que continuava sendo realizado em todas as cidades por parteiras e conhecedoras de medicamentos naturais), suprimindo assim a falta de médicos, farmacêuticos e parteiras no interior do Brasil.

Os novos centros de formação serviriam ainda para auxiliar no combate ao “charlatanismo” existente em todo o território nacional, compreen-

dendo-se por charlatãs todas as pessoas “não-formadas” por estes cursos e que atuavam nas comunidades.

Apesar de haver infra-estrutura montada em todos estes estados (como hospitais), o projeto não foi aceito pela comissão formada pela Faculdade de Medicina (!) cujos membros negaram a falta generalizada de médicos e farmacêuticos pelo país (a “falta” de parteiras não chega a ser citada), afirmando que as duas faculdades existentes eram suficientes.¹⁴

No ano de 1879 uma nova reforma no ensino médico brasileiro foi efetuada. O curso “obstetrício” passou a se denominar “Obstetrícia e Ginecologia” e abria-se a participação aos homens. Mott observa ainda que foi a partir desta reforma “que as mulheres passaram a ter acesso aos cursos superiores” no Brasil (incluindo a Medicina)¹⁵.

A exclusão das mulheres do curso de medicina e a dos homens do curso para parteiras aponta para rigidez dos espaços de poder. Aos homens cabia a Faculdade de Medicina, às mulheres o curso de parteiras. Nenhum dos dois lados poderia ser ultrapassado para não gerar questionamentos sobre o papel de cada um/a na sociedade em que se vivia.

Mott aponta ainda para o monopólio do ensino médico e obstétrico pelas duas faculdades de Medicina existentes no Brasil: eram elas que ditavam as regras no campo da saúde, possuindo a exclusividade na concessão de diplomas e regulamentando o exercício de médicos oriundos de outros países. Para ser considerado “legal”, era preciso conseguir o aval destas faculdades.

Outro dado interessante aponta para a cassação das parteiras práticas (não diplomadas), presente no artigo 21 do regimento de uma “aula” criada pela Assembléia Legislativa de Pernambuco para formar parteiras e que dizia o seguinte: “dois anos depois da abertura na aula nenhuma mulher poderia exercer a profissão de parteira da Província de Pernambuco sem ter título passado pela Cadeira de Obstetrícia”.¹⁶

Para finalizar, Maria Lúcia Mott aborda questões relativas ao universo das alunas apontando para o baixo número de mulheres que chegaram a freqüentar os cursos e à classe social das mesmas. Ao que tudo indica, as mulheres que tinham meio de subsistência não optavam por esta profissão e as que poderiam necessitar de uma fonte alternativa de sobrevivência (viúvas, alforriadas, empobrecidas) não possuíam meios para se manter nos cursos (muito menos de se deslocar para o Rio de Janeiro ou a Bahia). Além disso, havia o

problema de ter que conviver com homens em sala de aula, o que poderia acabar com a reputação de uma mulher (visto que o convívio entre os sexos se dava apenas no âmbito doméstico ou em ambientes públicos onde a família se fazia presente) e a associação da profissão ao trabalho de escravas e mulheres pobres (realidade do centro do país).

Terminada a leitura e a anotação dos dados do referido artigo, parti em busca de outra fonte, agora mais ligada à realidade do sul do país. De acordo com as informações obtidas no jornal *A cidade*, a Escola de Parteiras de Blumenau passaria a funcionar sob a tutela da Escola Médico Cirúrgica de Porto Alegre, o que me levava a procurar alguma informação sobre esta instituição e às suas diretrizes.

Procurando textos em todos os lados encontrei na internet uma palestra proferida pela professora de História da Universidade Federal de Santa Maria (RS), Beatriz Teixeira Weber, intitulada *A História da Medicina no Rio Grande do Sul*.

Na primeira parte desta palestra, a autora trabalha o universo das “práticas de cura” na cidade de Porto Alegre desde o período colonial, onde “os barbeiros ou cirurgiões barbeiros praticavam pequenas cirurgias, além de cortar cabelo e fazer a barba; os boticários comercializavam drogas e concorriam com os físicos e cirurgiões-barbeiros no tratamento das doenças.” Ao lado destes podiam ser encontrados uma série de outras pessoas “sem habilitação formal que receitavam e faziam curativos, de acordo com horizontes culturais diversos. Essas pessoas podiam ser curandeiros, pajés, benzedores, etc.”¹⁷

Ainda que houvesse um grande número de pessoas se dedicando ao exercício de práticas de cura, o grupo mais respeitado e próximo da população era o das parteiras que, além de se dedicarem aos partos, eram peritas em “moléstias de senhoras”.

Elas participavam cotidianamente do convívio com as mulheres, numa relação muito próxima. Elas explicavam as dificuldades e os desconfortos, utilizando perspectivas reconhecíveis por todas. Os “incômodos do útero” tratado pelas parteiras podiam significar as mais diversas doenças venéreas, inflamações sem diagnóstico preciso (...) Mas o maior “incômodo” era gravidez não desejada e várias parteiras faziam abortos. Elas compartilhavam uma intimidade com as dificuldades femininas, sendo companheiras e confidentes e, por isso, mais aceitas que os médicos no atendimento de seus problemas.¹⁸

De acordo com estas colocações fica fácil compreender que a primeira medida tomada pelos médicos da Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre foi a de realizar um curso de partos (em 1897) para obter o controle sobre a atividade destas “curadoras-parteiras”. Teria sido a partir deste curso que surgiu o primeiro curso de Medicina do Rio Grande do Sul (sob a tutela de médicos formados na Faculdade do Rio de Janeiro que atuavam no sul do Brasil) e o terceiro do país.

O trabalho de pesquisa realizado por Beatriz Weber é bastante rico em detalhes quanto às diferentes formas de ação ocorridas no campo da medicina após o texto da Constituição Federal de 1891 que garantia o livre exercício de qualquer profissão “moral, intelectual e industrial”. Segundo ela, enquanto que no Rio de Janeiro se fazia de tudo para “regulamentar” e “fiscalizar” a prática “ilegal” da medicina, da “magia” e do “curandeirismo”, o Rio Grande do Sul vivia sob uma política positivista (de Júlio de Castilhos) que assegurava a liberdade profissional e religiosa destes grupos.

As diferenças de opinião (e de posição política) entre o Estado do Rio Grande do Sul e das escolas de Medicina do Rio e da Bahia (que possuía seus representantes dentro da Faculdade de Medicina de Porto Alegre) acabaram por gerar uma greve de estudantes, seguida de suspensão generalizada, um processo contra a suspensão decidido por órgãos federais e o pedido de demissão coletiva dos professores partidários do governo estadual. Os professores positivistas “alegavam ser inadmissível que o governo federal interviesse no estado, pois defendiam total independência dos órgãos de ensino, baseados no princípio geral de não-intervenção sobre as profissões e sobre o ensino”.¹⁹

Após este episódio o governo estadual fundou, em 1915, a Escola Médico-Cirúrgica de Porto Alegre (à qual haveria de se vincular, 15 anos depois, a Escola de Partos de Blumenau), iniciando uma disputa entre esta nova Escola e a Faculdade de Medicina já existente. Tendo a finalidade de manter uma total liberdade de ensino e sendo apoiada pelo estado, essa escola acabou ficando “de fora” das várias publicações organizadas por médicos que registravam “a história” da medicina no estado.

A questão da liberdade profissional “foi motivo de conflito e hostilidade dos médicos para com o PRR - Partido Republicano Rio-Grandense”²⁰ durante vários anos, o que se evidenciou durante o 9º. Congresso Médico Brasilei-

ro realizado no ano de 1926 na cidade de Porto Alegre (estrategicamente!). O Congresso tentou pressionar a regulamentação da profissão havendo uma intervenção das tropas policiais estaduais no recinto no intuito de cercear a manifestação de “princípios contrários à Constituição Estadual”.

Com a criação de um Sindicato Médico Brasileiro, em 1927, e do Sindicato Médico Rio-Grandense, em 1928, a questão da “liberdade profissional” no Estado passou a ser sistematicamente atacada:

O primeiro número do boletim do sindicato é basicamente dedicado a contrariedade da liberdade profissional. O sindicato foi responsável por pressões ao governo federal, e, após 1930, ao governo provisório, para que fosse regulamentado o exercício da medicina e profissões correlatas, concretizado com o decreto 20.931, de 11 de janeiro de 1932.²¹

O decreto de 1932 acabou por regulamentar e fiscalizar não só o exercício da medicina mas também o da odontologia, da medicina veterinária, dos farmacêuticos, dos/as enfermeiros/as e das parteiras. O exercício dessas profissões seria permitido apenas a quem se achasse habilitado/a e tivesse o seu diploma registrado (o que se fazia no Departamento Nacional de Saúde Pública e na repartição sanitária estadual).

No ano de 1931, a Escola Médico-Cirúrgica de Porto Alegre acabou sendo fechada (um ano após a abertura da Escola de Parteiras de Blumenau, a ela vinculada). A Escola não foi considerada suficientemente “idônea” para continuar exercendo a formação profissional que exercia e sugeriu-se que abrigasse estudantes de Farmácia, Odontologia e Obstetrícia, mas não de Medicina, profissão considerada por alguns como “superior” às demais no campo da saúde.²²

De acordo com as leituras efetuadas, tanto dos jornais como dos artigos, percebe-se que há uma íntima relação entre a abertura de Escolas de Parteiras com a questão da medicalização do corpo feminino e do acesso exclusivo de médicos a este corpo. O que falta descobrir é como este processo se deu no contexto catarinense, especificamente na cidade de Blumenau.

Ainda que a abertura da Escola de Parteiras de Blumenau tenha se dado seguindo a tradição das demais escolas de partos brasileiras, a época e as condições em que isto ocorre diferem das demais em alguns aspectos: já não se

vivia mais sob o Império, um regime de colonização e branqueamento da população havia entrado em vigor, a nacionalização das “colônias” começava a se tornar urgente, a inserção dos médicos era maior que no início do século XIX, a subordinação da Escola blumenauense a um Centro Clínico criado para agir de forma diferenciada dos demais (e o fechamento da mesma um ano depois), etc.

O “pano” que serve de “fundo” para a criação da primeira Escola de Partos do Estado de Santa Catarina é bastante rico e complexo. Várias são as questões que se encontram em aberto e vários são os caminhos a se percorrer para a recuperação de mais este aspecto da História Catarinense. O presente artigo não teve a pretensão de esgotar o assunto, mas de apresentá-lo como temática viável para futuros pesquisadores e pesquisadoras.

Notas de fim:

Na verdade, esta era a segunda referência à Escola de Partoiras dentro do jornal mas a terceira por mim encontrada. *A Cidade*, n.32, 26/04/1930.

² Op.cit.

³ Expressão utilizada na França para designar as pessoas que “fabricavam anjos”, ou seja, praticavam o infanticídio e/ou o aborto.

⁴ *A notícia*, n.35, 17/05/1930.

⁵ Op. cit.

⁶ Estatuto da Escola de Partoiras de Blumenau. *A notícia*, n.30, 12/04/30.

⁷ A gaúcha Rita Lobato, diplomada a 10 de dezembro de 1887, segunda mulher a se diplomar em medicina na América Latina. Ver: SHUMAHER; BRAZIL (2000); MEUCCI (2002) e ZIRBEL (2002).

⁸ *A notícia*, n.27, 22/03/30.

⁹ “Coincidentemente”, estas três senhoritas vinham de um mesmo Estado, o Rio Grande do Norte, primeiro estado brasileiro a outorgar o direito de voto às mulheres (em 1927). Ver: Zirbel, Ilze. *As mulheres do Brasil: tabela ilustrativa de suas lutas e conquistas (1827-1970)*. Em: <http://br.geocities.com/izirbel>

¹⁰ MOTT, Maria Lúcia. O curso de partos: deve ou não haver partoiras? *Cadernos de Pesquisa*, n.108, p.133-160, São Paulo, nov.1999.

¹¹ Op.cit., p.134.

¹² Citação do artigo “Deve ou não haver partoiras?”, escrito por Mme. Durocher em 1871 e citado por Maria Lúcia Mott. Op. Cit., p. 137.

¹³ A do Rio de Janeiro e a da Bahia.

¹⁴ Maria Lúcia Mott, Op. Cit., p.139.

¹⁵ Op. Cit. P. 140. Brecha esta imediatamente aproveitada por Rita Lobato que, acompanhada do pai e do irmão, mudou-se para o Rio de Janeiro (e em seguida para a Bahia) a fim de se graduar em medicina (MECCI,2002).

¹⁶ Este curso buscou reconhecimento junto as escolas “oficiais” sendo rejeitado pelas mesmas. Maria Lúcia Mott, op. Cit., p.148.

¹⁷ Beatriz Teixeira Weber. *A história da medicina no Rio Grande do Sul*, Projeto SBPC na comunidade, palestra

7: 25 de abril de 2001. site: www.ufsm.br/antartica/Palestra%207.htm

¹⁸ Op. Cit.

¹⁹ Op. Cit.

²⁰ Op. Cit.

²¹ Op. Cit.

²² O texto não deixa claro se a Escola Médico Cirúrgica de Porto Alegre passou então a funcionar sob estas condições ou não.

Referências:

A lenta ascensão das mulheres em medicina. Site: www.incor.usp.br/conteudo-medico/decourt/a%20lenta%20ascencao%20das%20mulheres%20oem%20medicina.html

Escola de Parteiros de Blumenau. **A Cidade**, Blumenau, n.35, 17/05/1930.

ESPERANÇA, Clarice. Elas fizeram o parto de gerações inteiras. **Zero Hora**, Porto Alegre, 02/04/94, p.4-5.

Estatuto da Escola de Parteiros de Blumenau. **A Cidade**, Blumenau, n.30, 12/04/1930, capa.

MEUCCI, Nádia Raupp. **Rita Lobato (1867-1954)**. 18/06/2002, site: HIPERLINK "<http://www.fotonadia.art.br/ritalob/rita.htm>" www.fotonadia.art.br/ritalob/rita.htm, "<http://www.fotonadia.art.br/ritalob/rita.htm>" www.fotonadia.art.br/ritalob/rita.htm.

MOTT, Maria Lúcia. O curso de partos: Deve ou não haver parteiras? **Cadernos de Pesquisa**. n.108, p.133-160, São Paulo, nov. 1999.

MOTT, Maria Lúcia. **Parto, parteiras e parturientes no século XIX: Mme Durocher e sua época**. SP, 1998. Tese de Doutorado defendida no Depto de História.

MOTT, Maria Lúcia. **Parteiras do passado, ilustres desconhecidas**. 18/06/2002. Site: HYPERLINK "<http://www.estado.estadão.com.br/jornal/suplem/zap/pcentral4/pc4f.html>" www.estado.estadão.com.br/jornal/suplem/zap/pcentral4/pc4f.html

O Brasil precisa de gente. **A Cidade**, Blumenau, n.32, 26/04/1930.

Blumenau em Cadernos, Blumenau, 1957-2002.

PRIORE, Mary del. Magia e Medicina na colônia: o corpo feminino. *In: História das mulheres no Brasil*. p.79-114.

SCHOR, Néia e ALVARENGA Augusta T. de. **O aborto: um resgate histórico e outros dados**. 20/06/2002, site: HYPERLINK "<http://www.fsp.usp.br/SCHOR.HTM>" www.fsp.usp.br/SCHOR.HTM

SCHUMAHER, Schuma e BRAZIL, Erico Vital (org.). **Dicionário mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TORNQUIST, Carmen Susana. A mão e a luva: O processo de medicalização do parto e o corpo feminino em Florianópolis. *In: História das mulheres de Santa Catarina*. Florianópolis: Letras Contemporâneas/Chapecó: Editora Argos, p.41-58, 2001.

WEBER, Beatriz Teixeira. **A história da medicina no Rio Grande do Sul**. Projeto SBPC na comunidade, palestra 7: 25 de abril de 2001. 18/06/2002, site: HYPERLINK "<http://www.ufsm.br/antartica/Palestra%207.htm>" www.ufsm.br/antartica/Palestra%207.htm

ZIRBEL, Ilze. **As mulheres do Brasil: tabela ilustrativa de suas lutas e conquistas (1827-1970)**, 20/06/2002, site: HYPERLINK "<http://br.geocities.com/izirbel>" <http://br.geocities.com/izirbel>

Fragmentos de nossa história

Persiste o Problema da “Farroupilha”

Iniciado ontem o despejo dos moradores da “Farroupilha”

Na última edição da revista Blumenau em Cadernos, foi publicado artigo em que se faz referência à existência da favela Farroupilha no centro de Blumenau, às margens do rio Itajaí-Açu, cujos moradores foram obrigados, em 1950, a abandonar o local. Em 1948, a Câmara de Vereadores constituiu uma comissão especial para estudar o “problema da Farroupilha”, como na época se referiu, com o objetivo de acabar com a favela naquele local. Os artigos de jornal abaixo transcritos, publicados em 1950, evidenciam o tratamento dado pela imprensa à questão, que destacava a resistência dos moradores em abandonar o local e cobrava uma solução do poder público. Naquele mesmo ano, com o apoio do poder público, muitos moradores da Farroupilha foram transferidos para a atual rua Araranguá, situada entre morros, num local menos visível ao visitante da cidade.

FONTE: Jornal *A Nação*, 05.03.1950.

Meses atrás, publicamos uma reportagem em torno do provável desaparecimento da “Farroupilha”, a favela blumenauense construída à margem do rio Itajaí-Açu, na confluência com o ribeirão da Velha.

A “Farroupilha” cresceu, de um modo especial, durante a guerra, quando milhares de trabalhadores abandonaram os campos e vieram pontilhar na indústria, que oferecia ótimas oportunidades, criando um dos mais sérios problemas de que se têm notícia: o da habitação.

Os menos favorecidos, não tendo onde morar, foram erguendo seus ranchos naquele local com tábuas, latas velhas e outros materiais fáceis de serem encontrados. Antes da guerra já existiam ali algumas choças, mas em sua maioria, foram elas construídas naquele período.

Entretanto, confirmando-se o ditado que diz que “a alegria de pobre dura pouco”, o terreno ocupa-



do pela favela foi vendido a um cidadão que quer construir ali uma bonita vila residencial, iniciando ele a “limpeza” do lugar. Para conseguir seu objetivo comprava os casebres de seus proprietários, desmontando-os em seguida.

Conseguiu dessa forma acabar com pelo menos a metade delas e se mostrava bastante confiante de que até fins de 1949 completaria a “obra”. Pelo menos foi o que deixou transparecer à nossa reportagem, quando esta focalizou o assunto, naquela ocasião. Os meses passaram e já estamos em princípios de março de 1950, sem que grande parte dos casebres fossem removidos. Aparentemente, seus ocupantes fizeram pé firme, mostrando-se irredutíveis às propostas para abandonarem o local, e pelo visto, a pendência ainda durará algum tempo. Para ilustrar o fato, vamos reproduzir aqui o comentário do advogado Herbert Georg, encarregado pelo dono do terreno para tratar do caso. Estava ele numa reunião, quando o assunto veio a baila. Disse:

- Não sei como o pessoal da “Farroupilha” soube que eu estava tratan-



Favela Farroupilha, às margens do rio Itajaí-Açu, próxima à ponte da Estrada de Ferro Santa Catarina
Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

FONTE: Jornal *A Nação*, Blumenau, 15.03.1950.

Iniciado Ontem o Despejo dos Moradores da “Farroupilha”

Transcorreu calma a ação judicial

Segundo tudo indica, dentro de poucos dias desaparecerá a favela denominada “Farroupilha”, construída à margem direita do rio Itajaí-Açu, na foz do ribeirão da Velha, nesta cidade. Como se sabe, o terreno onde foi erguida essa favela, foi adquirido pelo Sr. Roberto Baier, que desde então procurou afastar dali os casebres e seus habitantes, uma vez que pretende vender a área em lotes para a construção de vilas residenciais.

Inicialmente, o Sr. Roberto Baier tentou afastar os ocupantes do terreno que haviam adquirido, comprando-lhes os casebres. Entretanto, como muitos desses posseiros se negaram a um acordo, requereu ele em juízo emissão de posse da propriedade, correndo o processo à revelia, sendo por isso mesmo despachado favoravelmente seu pedido.

Emissão de posse

Entretanto, nada foi tentado contra os ocupantes das terras durante alguns meses, persistindo o Sr. Roberto Baier em seu plano de chegar a um acordo com os favelados, antes de tomar uma medida drástica. Como não chegasse a um resultado positivo nesse propósito, requereu em seguida, por intermédio de seu advogado, mandado de emissão, ao mesmo tempo em que adquiria um terreno no Beco Araranguá, para mudar a favela, dando lotes escriturados àqueles que quisessem para ali se transferir.

Alguns deles aceitaram, sendo que a maioria, entretanto, decidiu a continuar no mesmo local, desprezando a oportunidade que lhe foi oferecida.

Despejo

Ontem foi iniciado o despejo dos moradores da “Farroupilha”, sendo seus casebres desmontados e transportados em caminhões da Prefeitura, para o Beco Araranguá, onde poderão reconstruí-los se assim lhes aprouver.

A ação de despejo, segundo fomos informados, transcorria normalmente, sem que se registrasse qualquer reação dos interessados.

Falando com o Sr. Roberto Baier, a propósito do caso, disse-nos ele que o terreno que adquirira para mudança, continua à disposição dos favelados, que poderão escriturar os lotes escolhidos em seus nomes.



Moradores da favela Farroupilha.

Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Entrevista

Erica Franz

ENTREVISTADORA:
Méri Frotscher



Erica Franz nasceu em 30/10/1938 no município de Indaial, na localidade de Encano, onde os habitantes se dedicavam à agricultura familiar, sendo a sua grande maioria de língua alemã.

A entrevistada veio para Blumenau no ano de 1961. Assim como ela, muitas pessoas procedentes das regiões rurais do Vale do Itajaí migraram naquela época para esta cidade, cheias de expectativas, na busca de melhores condições de vida. Muitas adolescentes das regiões rurais eram procuradas por famílias da classe média e alta de Blumenau e região, para trabalharem como domésticas. Geralmente, já com pouca idade, estas meninas aprendiam os afazeres domésticos em casa, ajudando a família. Algumas filhas destas famílias se dirigiam para os centros urbanos do Vale do Itajaí, também como forma de fugir da realidade do trabalho na roça.

Com relação à entrevistada, em virtude de seu trabalho, acabou se casando com idade superior à média das mulheres que viviam em sua localidade natal, mas não oficialmente, permanecendo com o sobrenome de solteira. Não teve filhos. Em maio de 1999, em virtude de câncer, faleceu com a idade de 60 anos.

A entrevista foi realizada em 22 de janeiro de 1997 pela historiadora Méri Frotscher por conta de projeto de pesquisa de mestrado em História. Atualmente a entrevista encontra-se depositada no Arquivo Histórico José Ferreira da Silva.

M.F.: Quando é que começaste a trabalhar?

E. F.: Com 14 anos.

M.F.: 14 anos? Mas trabalhaste em quê?

E.F.: Fui empregada doméstica.

M.F.: *Aqui em Blumenau?*

E.F.: Não, em Encano (*região de Indaial*).

M.F.: *Em Encano?*

E.F.: Em Encano. Sete anos. Depois vim pra Blumenau, fui empregada doméstica novamente, durante quinze anos. Depois fui morar em Timbó, sendo empregada doméstica por mais dois anos. De lá voltei, comecei a trabalhar em firma, na Malhas Rico, na função de costureira. Foram cinco anos e pouco. Depois fiquei parada, estava desempregada quase um ano e 8 meses, depois novamente trabalhei em firma, na Malharia Cristina, durante 7 anos e 3 meses...

M.F.: *E daí ganhaste a aposentadoria?*

E.F.: Não. Estou pagando como autônoma. Trabalhei mais ou menos só 13 anos em firma, e agora não estou trabalhando, e estou sem aposentadoria, pois naquela época doméstica não tinha carteira. Depois sim, já tinha. Mas naquela época não tinha carteira, senão eu já estaria há tempo aposentada.

M.F.: *E começaste a trabalhar com 14 anos, porque a família precisava ou...*

E.F.: É, o meu pai estava muito doente e eu era a mais velha de casa. Então já dava pra ajudar, tive que trabalhar fora, como empregada doméstica, aos 14 anos. O meu pai naquela época já estava de cama muito doente e ficou assim muitos anos. Faleceu de câncer. Eu sempre tive uma vida muito pesada...

M.F.: *E o teu trabalho era lá no Encano mesmo?*

E.F.: É, meu trabalho era aqui perto da Cia. Lorenz (*empresa de féculas situada em Encano Baixo, Indaial*).

M.F.: *E moravas junto com a família?*

E.F.: É, com a família Hennings.

M.F.: *E como é que tu conseguiste este emprego?*

E.F.: Através de uma tia que era minha ex-patroa. Eles vieram me buscar em casa, lá em cima no sítio.

M.F.: Ah, a tua tia?

E.F.: É, tia Hilda, a irmã da minha mãe.

M.F.: E ela ficou sabendo disso, daí ela...

E.F.: É, aí vieram me buscar pra trabalhar.

M.F.: E tu tinhas horário pra trabalhar?

E.F.: É, trabalhava assim: de manhã, das 6 horas até de noite. Era assim. Também tinha descanso, sim, mas... A gente trabalhava assim direto, praticamente direto.

M.F.: Fazias de tudo em casa?

E.F.: Sim, fazia tudo, eu era nova, mas ajudava em tudo. No começo ajudava a fazer, para aprender certo, passar roupa, lavar roupa. Também tinha um filho da família para cuidar junto, de três anos. O outro já era maior. Eu aprendi tudo, era responsável já. Depois de um ano, eu levantava às 5:30 da manhã, porque meu patrão trabalhava, era gerente da firma Lorenz, que ficava defronte à casa. Então, eu já tinha 15 anos, já era responsável.

M.F.: E o teu salário, ajudavas com ele em casa?

E.F.: Não. Eu não precisei ajudar com o salário em casa. Foi o seguinte: eu trabalhava e já tomava conta de mim sozinha, em tudo. Era dentista, era médico, era tudo. Naquela época não tinha aquelas coisas de INPS. Meu pai já estava doente, mas minha mãe nunca precisou se preocupar comigo para qualquer coisa. Desde os meus 14 anos, ela não precisava se preocupar com nada. Sempre tomei conta de tudo sozinha.

M.F.: E trabalhaste sete anos lá?

E.F.: É, 7 anos. Depois eu quis sair de lá, não porque não gostei. Mas através de uma amiga aqui em Blumenau, que estava trabalhando pra cá, eu vim também. Mas sempre ficamos amigos.

M.F.: Com a família lá?

E.F.: Com a família. Sempre. Eles até eram parentes, eram cunhados.

M.F.: Mas conseguiste emprego aqui com a própria família?

E.F.: Sim, aqui em Blumenau com a própria família. A minha ex-patroa, disse: “Então tu vais trabalhar lá na Tante Herna (tia Herna) porque ela está precisando!” A empregada dela ia casar. E foi ela mesma que me levou lá. Fiquei com eles 15 anos, quando eles morreram num acidente.

M.F.: 15 anos? Isto aqui em Blumenau?

E.F.: 15 anos. Eles morreram num acidente, todos os dois, de repente.

M.F.: E eles tinham filhos?

E.F.: Só um. E com esse eu fui morar depois pra Timbó. Ele era separado. Eu cuidei da casa dele lá. Quando ele casou novamente, cuidei da casa dele mais dois anos, mais uma vez como doméstica.

M.F.: Mas a rotina de trabalho era a mesma, em todos os lugares?

E.F.: Sim, era sempre o mesmo. Mas não posso me queixar, todos eram gente fina. Receberam-me muito bem. Para te falar a verdade, não me tratavam como empregada. Sempre eu era uma pessoa assim, da família. Isso tenho que deixar claro. A gente trabalhava porque eles próprios também trabalhavam, não é como hoje em dia. Eles sempre me tratavam como se fosse uma pessoa da família. Hoje em dia a gente tem ligação ainda.

M.F.: Por que voltaste de Timbó para Blumenau?

E.F.: Depois que o filho casou não precisou mais de empregada. Eu também fui naquela vez por favor, porque eu não queria ir para Timbó, sabe? Aqui eu já tinha toda a amizade, aqui naquela época eu já conhecia o meu atual marido. Ele ia lá para Timbó sempre. Mas eu pensava: “ele (o meu patrão) tá sozinho, meu Deus”. Aí eu fui, sabe. A minha mãe morava aqui na rua São Paulo. Eu vinha nas quartas-feiras para cá, e aos sábados o meu atual marido ia para Timbó, e ele ficava no fim de semana lá em cima conosco. Isso foi durante dois anos.

M.F.: Depois, quando vieste para Blumenau começastes a trabalhar na Malhas Rico?

E.F.: Não, primeiro foi na Têxtil Schultz, mas foi por pouco tempo, oito meses.

M.F.: Onde?

E.F.: Na Têxtil Schultz. Não existe mais. O prédio ainda existe, mas tem outra firma funcionando ali. É aqui no trevo que vai para a Vila Itoupava. Pra lá um pouquinho não tem uma firma grande? Naquela época era a Têxtil Schultz. Lá eu trabalhei 8 meses. Mas de lá pedi a conta porque o salário era pouco.

M.F.: E tinha muito serviço?

E.F.: É, lá era puxado. Era muita produção, e eles davam muito em cima. Era escravidão mesmo.

M.F.: E trabalhavas em que horário?

E.F.: Eu trabalhava lá das 13h30m às 22h.

M.F.: E como tu aprendeste? Foi difícil conseguir emprego?

E.F.: Não. Foi bem fácil porque eu, apesar de trabalhar como empregada doméstica, fiz corte e costura e nas horas de folga eu costurava em casa coisas para mim, porque eu gostava muito de costurar. Daí eu aprendi muita coisa. Então, depois de doméstica, o primeiro emprego foi na Têxtil Schultz. Eles estavam precisando de costureira, fui lá, fiz o teste, passei e já entrei.

M.F.: Então a tua experiência foi praticamente em casa, sozinha?

E.F.: É. Porque a pessoa que nunca pegou numa máquina é uma coisa, mas eu tive muitas experiências sozinha, sabe? Daí é fácil. Eu fiz o teste, passei. Só que era muito puxado e pagavam muito pouco. Então pedi a conta e fiquei mais ou menos três semanas em casa, e logo já estava trabalhando novamente. Então eu ganhava mais do que o dobro do que ganhava lá.

M.F.: Pelo mesmo horário?

E.F.: É... depois de lá fui para a rua. Daí começou o desemprego. Isso foi em 82, 83, estava ruim, pior do que agora. Nós até achávamos que a Malhas Rico iria falir.

M.F.: Era antes da enchente?

E.F.: É, um pouquinho antes da enchente. Quando teve a enchente eu já estava

em casa. Um pouquinho antes da enchente. É olhar na carteira pra saber certinho, mas estava em casa. Só sei que lá também embaixo onde era nosso refeitório, na Malhas Rico, pegou água em tudo. A malharia não. Sabes onde é, onde fica a Malhas Rico? Eu gostei de trabalhar lá. Mandaram muita gente embora naquela época. Por isso sempre digo para o meu marido, “Meu Deus, agora o desemprego é ruim, mas naquela época era pior!” Era pior, pois tinha mais gente desempregada do que agora. Era ruim, porque eu sei que eu me bati para conseguir emprego. Eu fiquei praticamente um ano e 8 meses assim. Quer dizer, eu também não ia todo dia procurar, mas depois consegui emprego aqui na Malharia Cristina. Pensei, “eu vou tentar lá, vou ver se...” E gostei.

M.F.: Quanto tempo trabalhaste na Malharia Rico?

E.F.: Ah... 4 anos e 5 meses. E na Malharia Cristina depois trabalhei 7 anos.

M.F.: E tu notaste, nos diferentes ambientes de trabalho em que já trabalhaste se era cobrado muito dos funcionários, muita produtividade, se ficavam controlando o horário de saída e de entrada, se não podia conversar muito, e coisas assim?

E.F.: É, isso aí, não posso me queixar assim muito, mas eles exigiam muito.

M.F.: Mas isso nas empresas?

E.F.: É, nas empresas. Agora, como doméstica não. Aí não posso me queixar, porque sempre tive uns patrões ótimos. Eles não exigiam coisas como, por causa de meia hora, ou por causa de um atraso, ou por causa de uma coisa que não deu certo e tal. Isso eu não tenho queixa. Sempre me trataram como pessoa da família.

M.F.: Não tinha aquele negócio de patrão e empregado?

E.F.: Não, não, não.

M.F.: E na empresa, havia uma pressão para as pessoas não se distraírem muito, na hora de trabalhar?

E.F.: Ah, sim. Havia gente controlando. Bastante, até. Ficavam passando nos corredores e vendo se a pessoa não estava conversando, se distraíndo, ou fazendo qualquer outra coisa.

Entrevista

M.F.: Havia uma pessoa específica para isso?

E.F.: Havia na Têxtil Schultz. E depois aqui na Malharia Cristina também, não tanto assim, mas na Têxtil Schultz era bastante controlado.

M.F.: É o chamado encarregado, não é?

E.F.: É o supervisor e depois tinha também as manuais. As manuais tinham o serviço delas, mas elas tinham que também ajudar a controlar as coisas, sabe, ver alguém conversando, ver alguém fazendo qualquer coisa errada, sei lá. Chamavam, cuidavam, marcavam. Na Têxtil Schultz marcavam quantas vezes a pessoa ia ao banheiro... Isso na Têxtil Schultz. Agora na Malhas Rico e aqui na Cristina não. Pelo menos no tempo que eu trabalhei.

M.F.: E como era o intervalo de trabalho?

E.F.: O intervalo acho que era de ½ hora. Das 5 até às 5:30. Era a hora do lanche.

M.F.: E como é que era o relacionamento com os patrões nesses empregos?

E.F.: Ah, o relacionamento era ótimo. Era muito bom. A gente se dava muito bem.

M.F.: E quando havia esse controle de horário, de não poder ficar conversando, como é que os funcionários agiam?

E.F.: Na firma?

M.F.: É.

E.F.: Como é que eu posso te responder... Ficavam calados na hora, porque já viu, se eles respondessem, aí seriam suspensos. Suspendiam por um dia. Se daí no próximo dia não voltasse, aí ganhava mais 3 dias de suspensão. Às vezes acontecia muito "Fusch", sabe, serviço mal feito, então se o encarregado reclamasse e os funcionários respondessem, eram suspensos.

M.F.: Isso lá naquela Têxtil Schultz ou nas outras também?

E.F.: Nas outras também. Ali isso aconteceu bem pouco, porque isso só acontece com as pessoas ignorantes. Nas firmas em que eu trabalhei eu gostei. Só na Têxtil Schultz que eles eram um pouco mais exigentes. E depois pagavam muito pouco. Muito pouco era o salário, um salário seco, praticamente.

M.F.: E nestas empresas havia alguma atividade de lazer para os empregados, para eles se distraírem, no final de semana, ou até durante o expediente, na hora do intervalo?

E.F.: Não, naquela época não havia. Nós tínhamos o nosso refeitório. Havia rádio.

M.F.: Durante o serviço?

E.F.: É, a Malharia Cristina havia um tempo. Quando entrou um outro supervisor, ele cortou. Mas depois permitiram novamente. Todo mundo gostava.

M.F.: E tu gostavas de trabalhar nesses empregos?

E.F.: Nos dois. Nas Malhas Rico e na Malharia Cristina eu gostei muito. Realmente gostei. E aqui na Malharia Cristina eu ia ficar. Pedi a conta, fiz acordo, por causa da minha mãe que estava doente. Senão eu estaria trabalhando lá e iria me aposentar, mas daí depois...

M.F.: Faz pouco tempo!

E.F.: Não, eu já saí em 92. Fez quatro anos agora. Eles não queriam deixar eu sair, sabe, porque a firma lá já estava sabendo que até tal data eu sairia, mas eles não queriam deixar eu sair. Apesar de tudo, não queriam deixar, nem por nada. Mas eu estava com os meus nervos à flor da pele, eu passei muito, sofri muito com a minha mãe aqui. Cuidar da minha mãe e cuidar da casa era duro, pois a minha mãe perdeu a perna, então tinha que cuidar aqui e ali, e trabalhar fora ainda. Eu não dava mais conta. Até o meu marido foi lá no Departamento Pessoal e pediu que eles me dessem a conta. Se eu pedisse a conta eles me davam, só que eu queria que eles fizessem acordo porque eu nunca fiz nada de errado para pedir a conta. Depois de 7 anos assim, eu não podia perder isso aí. E então, por causa disso, demorou 4 meses e pouco. Até que souberam que era mesmo caso de doença, pois eu trouxe atestado médico e souberam que a minha mãe tinha perdido a perna e que eu tinha que cuidar dela. Assim, saí de lá. Consegui sair, não pedi a conta direto, como é que se diz ...

M.F.: Aviso prévio?

E.F.: Não, aviso prévio é quando a gente pede a conta. Não precisei cumprir aviso prévio. Assim como, pra ganhar tudo, o fundo, etc.

M.F.: Ah, sei, um acordo, eles fazem como se tivesse demitido a pessoa, para receber o fundo de garantia por tempo de serviço (FGTS).

E.F.: É, para receber o fundo. Eles fizeram tudo por mim. Foram muito legais, os filhos dos donos da Malharia Cristina aqui. Os filhos todos trabalham lá, as filhas, o seu Michel, que era o dono mesmo, e depois, em segundo lugar, a filha. Foi ela que assinou todos os meus papéis do fundo e eu recebi tudo. Fizeram um acordo, como se eles me tinham botado para rua. E eles concordaram com isso. Eu falei com a filha do seu Michel. Eles fizeram tudo e por isso eu digo, eles me trataram muito bem, sabe, porque eles poderiam não ter feito acordo, para não pagar, não é? Daí eu teria ainda que trabalhar um mês de aviso prévio, para poder sair. Mas não, eu fiz acordo e ganhei tudo como se eu tivesse ido pra rua.

M.F.: E teve alguma greve durante esse período que trabalhaste nestas empresas?

E.F.: É, teve na Malharia Cristina, mas por uma sorte, nessas semanas que fizeram a greve, eu estava de férias (risos). E naquela época que fizeram a greve, foram algumas mulheres para a rua, umas que se manifestaram bastante. Até me lembro que eu estava aqui, até estava reformando a casa, veio o supervisor e o Deomar que trabalha no departamento pessoal. Eles passaram aqui porque sabiam o dia que eu tinha que começar a trabalhar. Perguntaram se não dava para começar uns 3 ou 4 dias antes, porque havia entrado muito serviço e tal. Vieram falar comigo e eu: “Não, tudo bem, posso fazer”. Fui e comecei um pouco antes. Houve greve em mais empresas.

M.F.: Ah, isso foi em 89? Aquela greve grande que deu?

E.F.: É, acho que foi, não me lembro mais o ano. Acho que foi.

M.F.: Pois a Teka parou...

E.F.: Foi uma greve em que eu ganhei esse bichinho de cristal de uma amiga que foi pra rua. Eu sempre comprava passes de ônibus para ela aqui na Glória, pois ela sabia que eu morava aqui perto. Daí ela me deu essa lembrança aqui, aí fiquei contente. E ela se manifestou bastante na greve. Ela foi pra rua de lá. Foram mais para a rua, naquela vez.

M.F.: E tu fazias parte de sindicato naquela época? Contribuías para o sindicato?

E.F.: A gente tinha sindicato sim, só que eu não aproveitava nada. A gente contribuía, pois o sindicato até tem casas na praia, associações, para famílias passarem temporada de férias. Mas nunca aproveitei isso aí.

M.F.: *E tu sentiste dificuldades em te adaptar ao modo de vida, quando chegaste aqui em Blumenau, sentiste diferenças de lá onde tu estavas?*

E.F.: Não. Só que eu gostei, porque a gente tinha mais como se divertir. Lá naquela época ainda era um lugar pequeno, não havia cinema, não havia nada. Naquela época aqui já havia cinema e mais coisas. E como falei, fiquei trabalhando na mesma família, a gente sempre tinha ligação com os meus ex-patrões e com minha patroa.

M.F.: *E tu notaste alguma diferença de comportamento teu, depois que tu vieste trabalhar aqui em Blumenau, com relação ao trabalho? Lá em Encano, Indaial, era diferente do que aqui?*

E.F.: Aqui em Blumenau eles pagavam mais do que em Indaial. A diferença não era muito, mas ganhava mais.

M.F.: *E como tu encaras o mercado de trabalho em Blumenau, hoje, e na época das enchentes, por exemplo. Dizem que em Blumenau é fácil conseguir emprego, independente de qualquer pessoa que seja?*

E.F.: Qualquer trabalho?

M.F.: *É, se é fácil conseguir um emprego aqui, tu achas que qualquer pessoa consegue um emprego aqui?*

E.F.: Eu acredito que sim. Eu acredito que a pessoa que sempre se comportou bem, e é uma pessoa caprichosa que não exige tal serviço: “Não, só quero isso. Esse serviço não”. Se a pessoa aceita o serviço, eu acho que é fácil. Para mim é fácil, dependendo da idade, porque há firmas que gostariam de aceitar a pessoa mas não podem por causa da lei, pela idade da pessoa. Depois de 47 anos a lei não permite mais que firmas grandes aceitem funcionários. Mas há micro-empresas, facções, que registram pessoas, mesmo com mais de 50 anos ou mais. Agora as firmas grandes, por causa da lei, não aceitam. Porque as micro-empresas também não pagam sindicato, não pagam muitas coisas. E as firmas grandes todas elas pagam. Então acho que pela lei, elas não aceitam. Eu sei que já era lei à época em que eu trabalhava.

M.F.: E se a pessoa for de origem alemã, ou de origem italiana, por exemplo?

E.F.: Não, eu acho que não. Desde que a pessoa demonstra que gosta, ou que precisa ou quer trabalhar mesmo, aí não tem escolha. Tanto que eu sei não. Só uma firma aqui em Blumenau, isso eu sei, através de conversas com outras pessoas, à época em que eu trabalhava, eu não vou poder provar, mas a Teka não aceitava pessoa negra. Era a única firma, que eu sei, que não aceitava pessoa negra dentro do ambiente de trabalho.

M.F.: Isso quando?

E.F.: Isso foi... 84, 85, 86, naquela época eu trabalhava na Malharia Cristina. Muita gente trabalhava lá na Teka e outros aqui na Cristina (fábrica vizinha) e a gente se encontrava no ponto de ônibus. Como a gente saía no mesmo horário, através de conversa de próprios funcionários da Teka, a gente descobriu. A firma Teka não aceitava “gente de cor”.

M.F.: A Teka era mais rígida?

E.F.: Mais rígida sim. Agora na Malharia Cristina eu nunca vi. Porque até uma pessoa sendo um pouco aleijada, se eles viam que a pessoa precisava ter um emprego, eles arranjavam alguma coisa que a pessoa pudesse fazer. Se era gago ou aleijado, enquanto ele pudesse fazer um serviço, eles até aceitavam pessoas assim. Eles eram patrões que reconheciam que a pessoa precisava trabalhar, que precisava ganhar o pão de cada dia. Mas há firma que não reconhece isso. Nesse ponto, a Malharia Cristina eu tenho que elogiar mesmo. Sempre dizia pro meu marido: eu tenho que elogiar.

M.F.: E tu, quais são teus objetivos na tua vida de trabalho? O que pretendias conquistar com o trabalho?

E.F.: O que eu ia conquistar? ...Ganhar para sobreviver bem, para aproveitar bastante a vida, passear, ter bastante amizade e gozar a vida.

M.F.: E qual o significado que o trabalho tem para ti?

E.F.: Ah, para mim o trabalho significa tudo. Porque acho sem o trabalho a gente não consegue nada. Para mim significa tudo. Tudo o que a gente gosta, o que a gente quer, o trabalho significa tudo. E, como falei, a gente sempre quer dinheiro e daí tem que trabalhar. E trabalhando... se consegue as coisas.

M.F.: E agora atualmente trabalhas só em casa?

E.F.: É, eu estou só em casa.

M.F.: Mas estás fazendo um trabalho para conseguir algum dinheiro?

E.F.: Não, não, eu queria arrumar uns biscates, porque estou pagando o meu INPS como autônoma, estou pagando sobre 3 salários. E sabe que o autônomo tem que pagar 20%. É bem duro, mas não vou deixar passar isso. Agora faltam mais 2 anos. Aí vou ter que pagar. O que talvez quero fazer ou queria comprar eu deixo de lado, pois tem que pagar o INPS. Não vou deixar de pagar.

M.F.: E o que tu fazes nos teus momentos de lazer? Ou na época que trabalhavas na empresa, na fábrica, o que fazias nos dias de folga, feriados, sábado e domingo?

E.F.: Ficava trabalhando bastante em casa. Pois a gente trabalhava fora, depois o serviço em casa esperava pela gente. Não tinha ninguém para dar uma mão. Mas mesmo assim a gente também aproveitava, passeava bastante. Só que era tudo uma luta.

M.F.: Antes dos 14 anos, tu trabalhavas em casa? Ajudavas em quê?

E.F.: Ah, eu ajudava a mãe em casa. Eu sozinha tinha que cozinhar, limpar a casa, até capinar a gente tinha que fazer junto, ou buscar trato. É, a gente era criança mas já tinha que trabalhar, já ajudava a mãe em casa. A gente tinha as nossas horas de folga também para brincar. Mas nós já tínhamos que com essa idade, 10 anos, ajudar em tudo.

M.F.: E daí com 14 anos quando foste trabalhar, já sabias cozinhar, lavar, tudo?

E.F.: Não bem assim, mas já sabia do costume que a gente aprendeu em casa. Com 14 anos eu já fazia pão, pois aprendera com a minha mãe. E assim sempre continuei aprendendo mais, como doméstica. Mas já trabalhava em casa quando criança, sempre tínhamos que trabalhar em casa. Nós não vínhamos da aula e jogávamos a pasta de lado e íamos brincar. Nós não tínhamos isso. Ah, eu já batalhei na vida, Deus do céu! Graças a Deus, não posso me queixar. A gente tem para viver, sempre dá para segurar. Só que agora está um pouco assim, tenho que pagar o meu próprio INPS, para ganhar uma renda e

aposentadoria.

M.F.: E o teu marido trabalha ainda?

E.F.: Não, ele é aposentado. Ele faz biscate. Mas ganha pouco, trabalha mais por divertimento.

M.F.: Ele é aposentado há muito tempo já?

E.F.: Nove anos faz que se aposentou. Ele trabalhou na Altona 22 anos.

M.F.: Eu agradeço pela tua entrevista.

E.F.: Foi agradável a gente ter um papo legal assim.

Memórias

Meus Tempos de Colégio - VII Outros Casos

TEXTO:
ARMANDO LUIZ
MEDEIROS



A Prova Anunciada

Quarta série do Ginásio, outubro ou novembro de 1954, últimas aulas de Latim. Frei Severino era uma figura controvertida. Sua pouca altura dava-lhe o apelido de *Tampinha*. Era membro ativo do Aeroclub de Blumenau, com brevê e tudo. Amigo de meu pai e de meus tios era freqüentador, embora não assíduo, de nossa casa.

No Colégio demonstrava, no entanto, sentir prazer ao me expor ao ridículo. Pelo menos era o que a mim parecia.

Certa vez, ao exigir da turma alguns exercícios a mais, fez com que o Funke e eu fôssemos contemplados com o dobro das tarefas, por sermos melhores alunos, dizia ele, deixando para trás um caminho pavimentado por sentimentos de injustiça.

Bem, naquele fim de curso, em meus plenos quinze anos, perdi a paciência com tal professor e com ele *troquei de mal*, falando só o essencial para manter-me no limiar da boa disciplina. Apesar de sua idade, o mestre aceitava o desafio e retrucava na mesma moeda. Assim foi por todo o mês seguinte.

Já era novembro, mês da “segunda prova parcial”, quando, ao chegar em casa, voltando de alguma coisa a fazer a pedido de meu pai, fui recebido com uma observação: “Frei Severino esteve aqui à tua procura. Deixou este bilhete.”

O pequeno papel, metade rasgada de uma folha de caderno, mostrava, em letras claras, a lápis: *1ª Questão: Decline “Pater Noster”; 2ª Questão, 3ª Questão*, e daí por diante... Eram as questões da prova do dia seguinte!

Por quê? Como? Logo para mim, brigado com ele? Tão inexplicável quanto sua própria personalidade. Bem, não pedi isto; por que não aproveitar?

Algumas questões eram muito fáceis, mas

*Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

outras se mostraram como sendo parte do programa do ano anterior! Grande golpe! Uma olhada na *Gramática Latina* (do Padre Milton Valente) foi o suficiente para recordar tudo.

Na manhã seguinte, ao chegar ao Colégio, percebi imediatamente o ambiente em pé-de-guerra. Outro colega, também com boas relações familiares com Frei Severino, havia sido favorecido com o mesmo *presente*. Alunos mais espertos, e mais malandros, traçaram imediatamente uma correlação com as notas do ano anterior, quando o mesmo colega fora o único a “por acaso” estudar uma exótica questão sobre verbos depoentes que acabou por cair naquela prova... Alguns socos e outras tantas ameaças maiores forçaram uma confissão, já de todos conhecidos quando de minha chegada.

Somente dois alunos menos avisados não tiraram nota máxima naquela prova.

Naquela noite, por alguma razão já esquecida, fui parar no gabinete do Diretor (acho que fui levar umas fotografias para Frei Ernesto, a pedido de um tio, fotógrafo).

“Menino, fecha a porta! Frei Severino te deu as questões da prova de Latim? Podes falar, pois nada vai te acontecer. Nós já sabemos de tudo!”

Estava claro que tudo já era realmente de conhecimento da Administração do Colégio (soube depois que os tais dois alunos menos avisados haviam denunciado o Professor imediatamente após a prova). O que poderia eu fazer? Ou não fazer?

Algumas semanas mais tarde encontrei Frei Severino em plena rua Quinze, quando estávamos ambos a assistir ao incêndio que destruiu o antigo Bazar Fuchs. “O que você foi fazer comigo? Agora vou ter que sair de Blumenau!”

Não creio que tenha deixado saudades.

Anos mais tarde encontrei-o no Largo da Carioca, no Rio de Janeiro. O tempo havia dissolvido qualquer traço de rancor recíproco. Levou-me para conhecer o Convento de Santo Antônio.

Problema de Física

Era uma noite de 1955. Desenvolvia-se uma monótona aula de Elementos de Economia, no primeiro ano do “Contador”. Frei Odo, sentado à cátedra, discorria sobre algum aspecto da Teoria Econômica, citando uma frase de algum dos grandes do passado, visivelmente *inspirado* em um livro convenientemente aberto à sua frente. Os alunos, como de costume, tudo copiavam em seus cadernos; isto é, copiavam ou tentavam copiar, dependendo da velocidade do professor. “Seu Padre, o senhor poderia repetir esta última frase?”, pergun-

tou o Funke inocentemente, caneta à mão. “Menino, como é que eu vou repetir o que eu disse se estou tentando raciocinar para desenvolver esta questão? Eu não sei repetir o que já disse!”, respondeu e complementou o Professor, ao que o Funke, de maneira ainda mais inocente, retrucou: “*Mas o Senhor não está lendo aí naquele livro?*” “*Não estou lendo coisa nenhuma!*” encerrou, já irado, o mestre; dando a transparecer um tipo de ira que não pode ser facilmente controlado.

Manhã seguinte, oito horas, aula de Física na primeira série do Científico. Frei Odo acabara de fazer a “chamada”. Sem esperar nem mesmo por uma fração de segundo, comandou: “Funke, ao quadro!” e ditou, de seu livro secreto (“Problemas de Física”), um dos mais *cabeludos* problemas para o pobre Funke tentar resolver, claro que sem a mínima chance, já que a solução mostrada no livro era informação privilegiada do professor.

Esta era uma de suas formas de mostrar autoridade, felizmente não muito freqüentemente aplicada...

Um Chute no Mastro

Com todos os seus defeitos - e eram muitos - o *Estado Novo* de Getúlio destacou-se em promover atividades cívicas e patrióticas. Eram freneticamente comemorados o Dia da Bandeira, a Proclamação da República, o Dia do Soldado, o Dia do Índio, e por aí afora. Havia até um estranho Dia da Raça, que nunca cheguei a entender. Derrubada a Ditadura, houve uma sensível redução, consciente ou não, em tais atividades.

Já havia transcorrido quase uma década desde a redemocratização - Getúlio havia até mesmo voltado e ido de vez - quando, não sei se por força de dispositivo legal ou não, começaram a ser redescobertos alguns valores de civismo nos estabelecimentos de ensino. Foi quando se voltou a cantar o Hino Nacional pelo menos uma vez por semana.

Aos sábados a última aula terminava quinze minutos mais cedo, e todas as turmas entravam em formação no pátio. Enquanto a *tropa* cantava as duas longas estrofes de nosso hino, o primeiro aluno de alguma turma ia, lentamente, hasteando a Bandeira. Tratava-se de uma cerimônia simples e bonita, comandada pessoalmente por Frei Ernesto, o Diretor. Era a primeira vez, desde o Primário, que o Hino era usado tal como deveria ser, isto é, era cantado, já que até então era apenas usado no Colégio como ferramenta punitiva para alunos indisciplinados ou inadimplentes em suas obrigações, fazendo-os copiar a longa letra até cinco ou mais vezes...

Um belo dia - sem muita convicção diria eu que o ano era 1956 - Frei

Ernesto havia justamente acabado de amarrar a bandeira nas cordas do mastro e passado o controle das mesmas ao primeiro aluno escolhido naquela semana, quando, ao se ouvirem as primeiras notas cantadas do Hino, verificou-se que o mecanismo de hasteamento do Pavilhão estava emperrado.



“Colégio Franciscano Santo Antônio”.

Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Surpresa maior tiveram todos ao perceber uma velha chuteira amarrada ao topo do mastro!

Quem quer que tenha sido o autor da curiosa brincadeira o fez com esmero, pois naquele dia não foi possível desatar o nó dado nas cordas...

Frei Ernesto, extremamente irritado, fez com que todos os alunos voltassem às suas salas para uma inútil “chamada” de verificação de frequência, com o objetivo de detectar alguma escapadela de alguém menos civilista...

Durante a semana seguinte foi necessário baixar o longo mastro para a recuperação do mecanismo de cordas e roldanas.

No sábado subsequente a cerimônia transcorreu normalmente...

Memórias

Escola Barão do Rio Branco

TEXTO:
*BRIGITTE
FOUQUET
ROSENBROCK*



Meu envolvimento com a Escola Barão do Rio Branco começou indiretamente...

Em princípio de 1952, após cursar em Hamburgo Velho (RS) Economia Doméstica (minha geração foi educada para ser esposa e mãe), papai contratou uma professora de alemão para nós, Sra. Ilse Schmider.

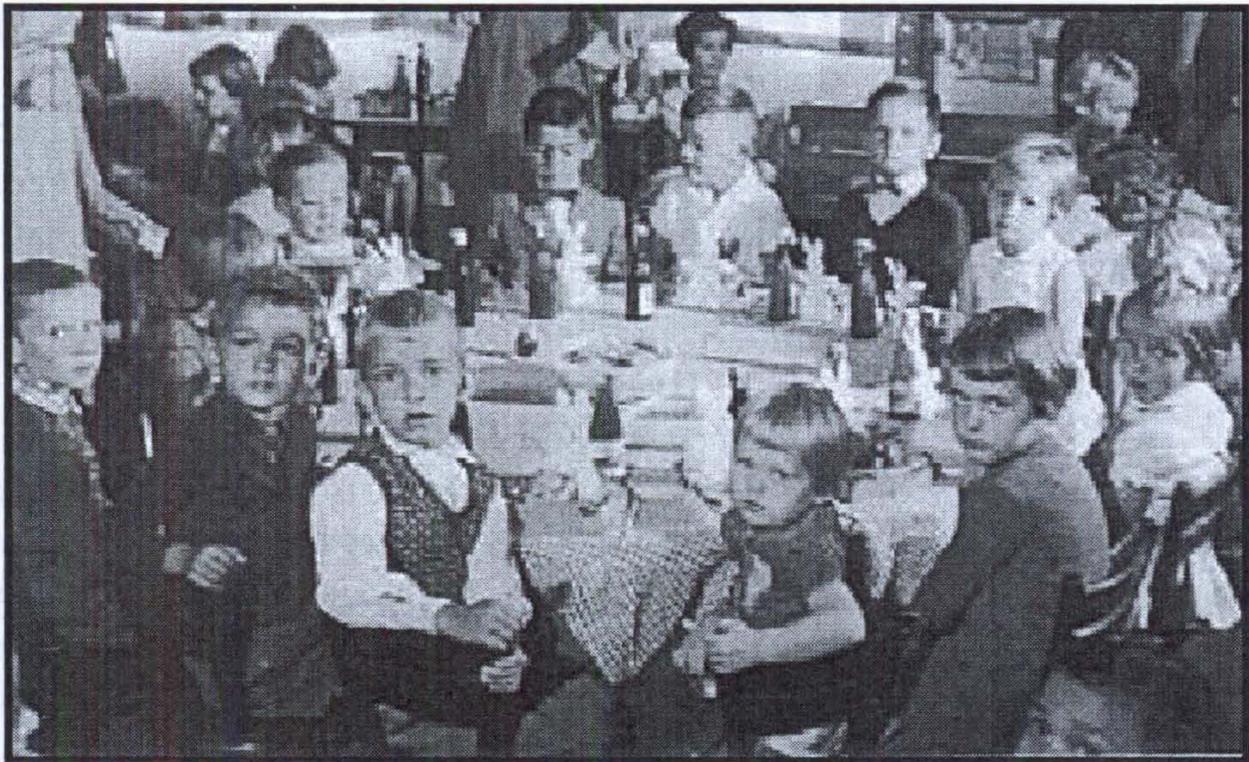
Logo surgiu a idéia de uma Escola Evangélica, idéia esta que foi se tornando uma realidade muito rapidamente e logo Dona Ilse estava tão envolvida que seu tempo todo era dedicado ao novo projeto.

Mas nós não ficamos sem nossas aulas, pois o Sr. Schmider nos assumiu, após seu expediente na “Fábrica de Chocolate Saturno”, ainda na rua Paulo Zimmermann. Em 1953 a primeira turma de 17 alunos dava início à nova escola, entre eles meu irmão, Artur Júnior, pois papai confiava no sucesso da escola. A professora era a Dona Ilse. Já no ano seguinte ela passou a lecionar no primeiro ano, de manhã, e no segundo ano, à tarde.

O Jardim de Infância já funcionava desde 1950 no pequeno prédio da rua Maranhão (hoje Luiz de Freitas Melro).

Neste ano de 1954, Dona Ilse precisou fazer um tratamento médico de três semanas, ficando internada no Hospital Santa Catarina. Convocou-se a mim para assumir o segundo ano, de tarde, e a professora do Jardim, Dona Tusnela Brückheimer, o primeiro ano, de manhã, e à tarde, o Jardim.

Eu relutei em assumir, pois não tinha nem a formação e muito menos o preparo para tal função. Mas Dona Ilse confiava em mim e com sua psicologia me convenceu em ao menos tentar!



Alunos do Pré-primário da Escola Barão do Rio Branco - 13.04.1960

Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

E lá fui eu, no meu primeiro dia, enfrentar uma classe. O pior para mim era ter meu irmão como aluno, pois ele sabia que eu não era professora, o que logo todos os outros ficaram sabendo. Todas as tardes, depois da aula, eu ia ao Hospital Santa Catarina me deixar orientar e inspirar por Dona. Ilse. Eu chorava e queria desistir, mas ela me incentivava a continuar.

Creio que foi no terceiro ou quarto dia, já me sentia mais segura, a maioria já me aceitava e respeitava, até meu irmão, mas uns poucos ainda perturbavam... um pequeno, Geraldo, agitado que só ele, me fez perder a paciência! Eu estava com a régua grande na mão, apontando no quadro quando o Geraldo aprontou mais uma das suas! Batia a régua na minha mesa, pedindo silêncio e para meu susto e dos alunos a régua se partiu em duas. Houve um silêncio de morte! Eu não sabia se venci ou perdi a batalha.

Naquele dia fui de coração apertado, contar à Dona Ilse, entre lágrimas, o acontecido. Quando cheguei em casa, mamãe já sabia, meu irmão já havia contado com a observação: “Puxa mãe, a Brigitte sabe ficar braba!...” E o dia seguinte me apavorava!

A partir daquele dia agradeci à régua quebrada, pois passei a ter uma sala atenta e amiga e de muito respeito, também do Geraldo.

As três semanas terminaram e Dona Ilse voltou.

Mas a partir daí, de vez em quando ela me chamava para substituí-la, um ou dois dias, pois ela tinha que se ausentar em função da legalização da Escola. Como eu estava disponível, só preparando meu enxoval para casar, aceitava e sempre com muito gosto, pois sentia prazer em lecionar.

Agora o prédio da Escola aumentava e o primário já tinha suas quatro séries. O Jardim de Infância ganhava seu prédio novo e o novo prédio da Escola era grande e bonito. O pátio era muito grande, pois não existia a rua Nereu Ramos. Da rua 7 de Setembro para trás era só pátio escolar.

Em agosto de 1956, a Barão dava início ao curso do Pré-primário, novidade nas escolas de Blumenau e a professora que assumira, Dona Luiza Tiefensee, já em outubro se demitiu, pois seu outro emprego exigia período integral de trabalho.

Mais uma vez Dona Ilse me chamou e eu levei a turma até o final do ano. Lembro que logo que assumi foi o “Dia da Criança” e fizemos um passeio ao Jardim Zoológico de Pomerode. Naquele dia, Dona Ilse me convidava para assumir de vez o Pré, o que acabei fazendo, iniciando em março de 1957 uma classe com 62 alunos. Durante os cinco anos que lecionei as turmas sempre foram grandes, cheguei a ter 72 alunos, mas tive sempre como ajudantes: Karin Wündisch, Diva Maas, Edi Moellmann, além de vez por outra estagiária, por um ou dois meses, e que aplicavam o nosso método em novos cursos de Pré que foram formados na Velha, Itoupava Seca, Pomerode, Indaial, etc.

Estabeleci um plano de ensino, que Dona Ilse aprovava diariamente. Ensinei muitos blumenauenses segurar o lápis para escrever, o ABC, somar e diminuir, tabuada de 2 e todos saíam do Pré cantando o Hino Nacional. Ao lado do Pré funcionava o Jardim de Infância, dirigido por Úrsula Willerding e Ingrid Georgi. Para as aulas de canto reuníamos as duas classes e também para as aulas de contar histórias, hora que todos gostavam.

Dona Ilse Jansen vinha de vez em quando para fazer o “Teatrinho do Gaspar” - Kasperletheater. Ela tinha os mais lindos bonecos com ricas histórias. Páscoa e São João eram lindas festas. Esta última com grande fogueira no pátio, pinhão, quentão e pipoca e muitos caipiras! Em tudo sempre tivemos grande participação das mães.

Foram cinco anos, até 1961, que dediquei com muito amor ao meu trabalho junto à Barão. Colhi muitas alegrias e ainda hoje, volta e meia alguém me abraça e lembra que eu fui sua primeira professora.



Escola Barão do Rio Branco - março de 1961
5ª turma em sala de aula - Profa. Brigitte Fouquet.
Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Exemplo disto é meu amigo Roberto Colin, um menino tímido nos seus 6 aninhos, mas muito inteligente. Fez o Itamarati, atuou na Embaixada Brasileira de vários países, passou vários anos em Moscou, onde casou. É um ex-aluno que não esqueceu sua primeira professora e sempre que pode entra em contato comigo. Lembro de todos meus ex-alunos com muito carinho!

Minha passagem na Barão foi curta, mas marcante, pois eu dei de mim, mas recebi muito mais!

Memórias

Reminiscências dos Carros de Mola

TEXTO:
**ORLANDO
 OLINGER***

BLUMENAU
 em Cadernos

Nasci em Blumenau, em 1930. Guardo muitas reminiscências da minha infância, principalmente do meu pai, José Olinger, ferreiro, dotado de grande criatividade na sua profissão.

Naquela época, os meios de transporte terrestre eram bastante primitivos, consistindo em animais de montaria, de tração para carroças e carros de mola, alguns ônibus.

Existiam poucos automóveis particulares e de aluguel. As estradas de barro ou macadame tornavam-se quase intransitáveis nas longas épocas de chuva. Viajar para o interior de automóvel era uma temeridade, pois encalhavam nas crateras e banhados.



Carro de mola.

Acervo: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Quando irrompeu a Segunda Guerra Mundial (1939-45), na qual o Brasil participou após 1942, a gasolina era importada e os bloqueios marítimos qua-

* Colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

se anulavam o recebimento de combustível.

Optou-se pela alternativa de adaptar os “gasogênios” aos veículos automotores, usando lenha ou carvão vegetal. Era dispendioso e mal cheiroso, além da fumaceira. Mas quebrava o “galho”.

Foi então que o gênio inventivo do “Seu José” se revelou. Chegava o momento propício para inovar.

Adquiriu um “Fiacre” ou coche francês, com toldo traseiro dobrável. Desmontou-o e reconstituiu um modelo com características adequadas às estradas quase intransitáveis para outros veículos.

Comprou bons cavalos, passando a explorar o transporte de passageiros, bastante promissor.

Criou novos modelos, destacando-se o “Canguru”, com toldo inteiriço e arredondado na parte traseira, que tinha janelas de vidro, um luxo para a época.

O sucesso transformou-se em linha de montagem, com a “terceirização” nas pinturas à tinta “Duco” das Oficinas Grahl, os estofamentos em couro pelo Erinho da Auto Capa Rio, filetes e flores no espelho traseiro, pintados pelo Sr. Paulo Shaeffer. Através da firma “Hoepcke” vinham os eixos patentes, completando com “Molas Fabrini”.

Merece destaque a substituição dos ruidosos aros de ferro maciço por frisos (aros) em forma de “U”, em cujas canaletas eram encaixados pneus usados de caminhão.

O pioneirismo do “Seu José” tornou as carruagens silenciosas, ouvindo-se apenas o tropel dos cavalos.

No final da Guerra (1945) tínhamos 05 carros na praça e 25 cavalos, escolhidos a dedo, bem ajazados.

Criei-me naquele meio, convivendo com os profissionais ferreiros, carpinteiros e os “boleiros”, condutores das carruagens, cujos cavalos eram revezados a cada seis horas.

Diariamente, por volta das 8h da manhã, chegava o trem, procedente de Trombudo, Rio do Sul e Ibirama.

Entrava resfolegando, apitando e batendo sinos na bonita Estação da Estrada de Ferro Santa Catarina construída em estilo enxaimel, no local onde hoje se encontra a Prefeitura nova, em frente ao Grupo Escolar “Luiz Delfino”.

Gente “apeando” dos vagões, ouvindo os boleiros gritando em ale-

mão “Kutsche” ou “carro de mola” em português.

Embarcados os “fregueses”, chicoteavam-se os cavalos, buzinas fonfonando, tropel cadenciado sobre os paralelepípedos da rua XV em demanda aos Hotéis Holetz, Delphi ou Elite, que eram os cinco estrelas da época.

Todos apreciavam um cortejo de casamento, carros enfeitados com folhas de palmito e flores, colcha bordada no assento traseiro, reservado aos noivos.

Na saída da igreja estourava o foguetório, cavalos relinchavam e empinavam, assustados!

Gaiteiros esticavam seus bandoneons, tocando e cantando, alegria contagiante, que farra!

Na casa dos pais dos noivos, um lauto banquete esperava os convidados. Às vezes, a festa era num Clube de Atiradores ou no antigo Frohsinn, na Palmallee (rua das Palmeiras). Foi ali que provei no casamento dos Wirth, Rodolfo e Olie, meu primeiro pastel com azeitona dentro. Que gostosura, repeti para valer!

Provo alegre e hospitaleiro, a festa “varava” noite adentro.

Tempos inesquecíveis que marcaram e deixaram saudades nos corações.

Após o fim da guerra, os automóveis mais modernos retomaram suas atividades.

Até meados de 1950, ainda existiam cerca de 70 carruagens, daí em diante, o progresso e a modernidade se impuseram.

Realmente, recordar é viver!

Crônicas do Cotidiano

Nossa Majestade, o Gelo

TEXTO:

URDA ALICE
KLUEGER*



O calor chegou e deve durar até Março ou Abril, e mais que em qualquer outra época do ano, nós, brasileiros, fazemos questão de um leite gelado, de um suco gelado, de uma cerveja “estupidamente” gelada, para usar o jargão de bar, e sequer nos passa pela cabeça que isso não é regra no mundo. Estava a lembrar do livro “Henfil na China”, diário de bordo do nosso grande cartunista que se foi embora antes da hora (descobri, faz pouco tempo, que a nova geração nunca ouviu falar em Henfil, e então esclareço: Henfil é irmão do Betinho, o da Campanha Contra a Fome – além de grande cartunista era hemofílico, e foi uma das primeiras vítimas da AIDS cá na Terra de Santa Cruz).

Mas eu falava do livro “Henfil na China”, onde muitas vezes ele se reporta ao hábito chinês de beber água quente, fervendo, conservada em garrafas térmicas para manter a temperatura ideal para a sede dos chineses. Cá entre nós, nada melhor que uma água fresquinha, de preferência gelada, para a nossa sede brasileira, e deverá ser um tremendo sacrifício para um de nós ser servido de água fervente na hora da sede, se algum dia formos à China. O testemunho de Henfil, digamos, é o outro lado da moeda, o oposto ao nosso gosto pelo gelado, mas é coisa que acontece a muitos milhares de quilômetros de distância, lá do outro lado do mundo, no misterioso oriente, não parece real. Continuamos achando que, tirando os chineses, todo o mundo é doidinho por quase tudo gelado, como nós, mas não é verdade.

Aqui do nosso lado, lugar onde se pode ir de ônibus, ficam os países andinos, e quero ver quem consegue uma cerveja gelada no alto dos Andes! Já sei que a maioria vai dizer: mas é porque lá é frio. Frio é, mas

* Escritora e Membro da Academia Catarinense de Letras.

sem exageros. Mesmo numa montanha que fica a 5.300m acima do nível do mar, onde estive, na Bolívia (Chacaltaia), a gente agüenta bem com uma camiseta e uma blusa grossa de lã. E estive lá nos mês de maio, entrada do inverno. Portanto, nada de frio assustador (está-se muito próximo da linha do Equador), mas também nada de cerveja gelada. A cerveja “Paceña” é servida diretamente do engradado para a mesa do freguês, e, pasmem: apesar do frio razoável, há no ar alguma coisa que mantém os picolés fora da geladeira sem derreter. Eu não queria crer quando vi o primeiro saco de aniagem cheio de picolés vermelhos sendo conduzidos pela rua, e a primeira bandeja cheia de picolés sendo vendida num estádio. Parece não ser verdade, mas é. Fico pensando que até os picolés dos Andes não são muito gelados.

Depois do parêntesis dos picolés, que achei que deveria contar pelo inusitado da idéia, vamos dar um pulo a uma ilha do Caribe: Cuba. Cubano não gosta de gelo de jeito nenhum, e gelo eles têm, apesar de estarem em falta na maioria das coisas que a gente precisa para viver. Em Cuba, eu não conseguia, de jeito nenhum, fazer algum garçom entender o que queria dizer quando pedia “um copo com muito gelo”. Muito gelo, para eles, é uma pedrinha de nada, um mísero caquinho no fundo de um copo. Depois de uns dias, comecei a entrar atrás dos balcões para mostrar para os garçons o que queria dizer quando pedia um copo com muito gelo, e eles ficavam boquiabertos, assustados, e diziam que eu ficaria doente. Escandalizei totalmente uma amiga que fiz em Cuba, uma artesã chamada Navidad, quando lhe contei que as nossas crianças tomavam gelado desde pequenas. Ela girou o indicador do lado da cabeça, para dizer que nós éramos loucos, e explicou: gelo faz mal para os cubanos, dá-lhes dor de cabeça, deixa-os doentes. Quando penso nas doses imensas de rum puro (à temperatura ambiente) que bebem como se fosse água, não acredito muito que um pouquinho de gelo possa lhes fazer mal. É a diversificação das culturas: se bebêssemos todo aquele rum que eles bebem, sem dúvidas que seríamos nós que ficaríamos com dor de cabeça.

Bem, demos uma volta por alguns lugares, a analisar a temperatura das bebidas, e vimos que nem todo o mundo gosta de suquinho gelado e duma cerveja “estupidamente”, como nós. Dá para sobreviver nos Andes e em Cuba, mas não consigo me imaginar a tomar água fervente na China. Acho o melhor, mesmo, é ter leite na geladeira, e água, e muito gelo para o uísque e cubalivre. Tentem se imaginar bebendo um capilé da Max Wilhelm saidinho do fogão: não há brasileiro que agüente!

Burocracia & Governo

- Relatório do Ministro da Agricultura, Souza Dantas, à Assembléia Geral Legislativa, relativo ao ano de 1867

- Regulamento de 19 de janeiro de 1867

- Carta de 30 de abril de 1865

- Contrato que celebra, de um lado, o governo imperial do Brasil, B. Caymari, como representante da Cia. United States and Brazil Mail Steam Ships, para o transporte de emigrantes

Relatório do Ministro da Agricultura, Souza Dantas, à Assembléia Geral Legislativa, relativo ao ano de 1867

Desde os primeiros meses do ano de 1865 se manifestaram as tendências dos habitantes de alguns estados do sul da União Americana para transferirem sua morada para o Brasil.

Amélio Arango, apresentando-se como emissário deles, solicitou do governo esclarecimentos acerca dos favores, que deparariam os seus conterrâneos que emigrassem. As explicações, dadas nessa ocasião, constam do aviso de 12 de junho do mesmo ano, que se acha entre os anexos.

Passado algum tempo subiram à presença do governo propostas de alguns norte-americanos recém-chegados, para o fim de importarem e estabelecerem em território brasileiro numerosas famílias do sul da União.

Os Srs. Frank M. Mullan, Bowen e reverendo Ballard S. Dunn, depois de obterem as informações, de que havia mister, dirigiram-se a diversas localidades nas províncias próximas, e após o exame das terras, que mais convenientes pareceram ao seu intento, preferiram para seu estabelecimento a comarca de Iguape, na província de São Paulo.

Compraram desde logo terras a alguns particulares, e requereram e obtiveram a concessão de outras devolutas, situadas às margens dos rios S. Lourenço e Juquiá. De sua medição e demarcação foi desde logo incumbido em Engenheiro Street, segundo já ficou dito.

Dando esses empresários de imigração fundada esperança de bom êxito dos projetos, cuja execução tão auspiciosamente começava, diversos favores lhes foram prometidos por avisos de 2 de junho e 25



de agosto de 1865, também incluídos entre os anexos. Partiram para os Estados Unidos para realizar seu projeto, os Srs. M. Mullan e Ballard S. Dunn, precedentemente naturalizados brasileiros.

A primeira expedição feita por aquele, não foi feliz. Os imigrantes que a bordo do brigue Derby vinham em demanda ao Brasil naufragaram a 10 de fevereiro nas costas da ilha de Cuba. Se nenhum morreu, todos ficaram reduzidos à maior miséria, pela perda de quanto possuíam.

Ciente deste triste acontecimento e do desamparo em que estavam esses indivíduos, por quem o Brasil tanto deve se interessar, o agente brasileiro Quintino de Souza Bocaiúva enviou de Nova York um vapor a fim de transportá-los, às custas do governo imperial, para aquela cidade, de onde depois em número de 150 partiram e acabaram por chegar a este porto no North América com outros imigrantes.

Posteriormente àquele acontecimento, chegou o patacho Talisman trazendo 35 passageiros do sul da União, remetidos pelo Revmo. Ballard S. Dunn. O engenheiro Ernesto Alphonse Buhlaw, que está a serviço do governo, tendo adquirido, por compra a um particular, terras adjacentes à colônia de Cananéia, à margem do Rio Guarahu, confluyente do Jacupiranga, levantou nelas, de sociedade com S. S. Totten, uma serraria a vapor. Em poucos meses tem já alcançado admiráveis resultados, que os animaram a aumentar o seu estabelecimento com outra serraria, e máquinas destinadas a beneficiar o arroz e o milho. Contam-se, entre os produtos de suas oficinas, avultadas quantidades de madeiras exportadas para esta corte, e, em parte, empregadas ali na construção de casas para habitação de famílias vindas dos Estados Unidos.

Calcula-se em 100:000\$000 o capital já despendido pelos Srs. Buhlaw e Totten.

Para facilitar a condução das madeiras, o referido engenheiro começou e já tem adiantado um tram-road para o qual o governo prestou os auxílios indicados em outro lugar. A obra feita consiste em cerca de 2.000 metros de trilhos assentados, em perto de 3.000 metros de caminho convenientemente nivelado, e no corte de uma colina, por onde tem de passar os carris.

O Revmo. Ballard S. Dunn, nas terras que comprou, já tem quatro ou cinco sítios, além de uma propriedade rural, que denominou Paço Grande, onde se nota um grande rancho feito para habitação provisória dos imigrantes que estão a chegar. Avantaja-o a proximidade da estrada que por ordem do governo

se está construindo até a raiz da Serra do Mar.

Além dos mencionados emissários, outros norte-americanos se apresentaram como representantes de associações e grupos de famílias que desejavam imigrar da Carolina do Sul, Arkansas, Louisiana, etc. Também do Canadá iguais propostas se fizeram.

Entre outros pediram ao governo imperial informações sobre os favores com que poderia contar a imigração do Sul, D. Mc. Campbell, Ch. N. Rowley, Calvin Hughes e Dr. W. C. Jones. As declarações, então feitas, exaradas no aviso de 24 de novembro do ano último, serviram de regra para atender às solicitações de igual natureza.

Os favores, assegurados aos imigrantes em geral, foram especialmente garantidos no contrato com L. W. Hastings, quanto às terras situadas na província do Amazonas ou na do Pará, e a C. G. Gunter relativamente às que adquiriu à margem do Rio Doce, na província do Espírito Santo, município de Linhares.

A este último têm-se ido agregar diversos compatriotas seus, recém-chegados dos Estados Unidos. Desta reunião se esperam muito bons resultados.

Também nas províncias da Bahia e Pernambuco começaram a receber precursores da imigração americana. Se realizarem-se, como é de crer, as promessas feitas, não só elas, senão as outras, serão atendidas na distribuição dos imigrantes na proporção de sua afluência. Para este fim vão-se tomando desde já as convenientes medidas, como sejam, entre outras, a preparação, medição e demarcação de terras situadas na proximidade das comunicações fáceis por terra e por água. Terminantes ordens foram já dadas na circular de 14 do corrente.

Devo mencionar ainda que para o Pará transportou-se em um navio de sua propriedade T. L. Mc. Gee, acompanhado de sua família e 29 compatriotas. Foram estabelecer-se ali, recebendo nessa ocasião o favor, relativo às passagens, concedido a outros imigrantes.

Concessões análogas foram feitas a várias famílias americanas que partiram para Santos com destino a Campinas na província de São Paulo, onde foram morar em terras compradas a particulares. Pelo contrato celebrado como representante da companhia de navegação a vapor entre o Brasil e os Estados Unidos, de junho do ano próximo passado, se adotaram medidas para facilitar o transporte dos imigrantes dos diversos estados da União Americana.

Para fiscalizar a execução do mesmo contrato no tocante à qualidade

dos indivíduos que houvessem de ser importados, ao título ou guia de embarque, e aos esclarecimentos necessários, foi nomeado, de acordo com a mesma companhia, o Sr. Quintino de Souza Bocaiúva para exercer as funções de agente da imigração naquele país.

As obrigações a cargo deste comissário especial foram definidas em instruções que lhe dirigiu meu antecessor. Cumpre declarar que, antes de ser feito o contrato referido, já a legação imperial em Washington, tinha recebido, com data de 2 de junho, a declaração de que o governo imperial resolvera adiantar o valor das passagens, nos vapores daquela linha de navegação, aos imigrantes que quisessem imigrar para o Brasil sob as condições de serem trabalhadores agrícolas, de moralidade segura, disporem de alguns meios para primeiro estabelecimento, e comprarem terras devolutas a prazo, as quais ficariam hipotecadas até reembolso do seu preço e da quantia despendida com a sua passagem. Esta ordem foi transmitida aos cônsules brasileiros residentes em várias cidades, a quem, de mais, se recomendou que aos imigrantes concedessem gratuitamente passaportes de admissão nos vapores da companhia, por cuja conta correria a responsabilidade da exata observância das indicadas condições.

Partiu o Sr. Quintino de Souza Bocaiúva para Nova York, onde tratou de dar execução ao pensamento do governo com relação ao objeto de sua missão. As primeiras expedições de imigrantes, que chegaram a esta corte, não corresponderam completamente a este pensamento. Não obstante as diligências empregadas pelo agente do governo, os indivíduos transportados nos vapores da companhia não estavam, em sua maioria, nas condições de satisfazer ao fim a que vinham destinados, porque, tendo-se entregado às artes fabris e mecânicas, não eram, por sua profissão, os mais próprios para a lavoura.

O governo poderia obrigar a companhia à observância restrita do estipulado, fazendo-a reexportar esses indivíduos sem todos os requisitos exigidos; limitou-se, porém, a empregar meios tendentes a tirar de tais indivíduos o possível proveito a bem da colonização. Para prevenir, porém, a respeito do fato fez as preciosas recomendações ao seu agente, assim como à legação e aos cônsules brasileiros nos Estados Unidos.

A companhia tem transportado, em diversas viagens, 1.499 imigrantes, os quais foram distribuídos do seguinte modo:

Província de S. Pedro 259

Província do Paraná	13
Província de Santa Catarina	203
Província da Bahia	5
Província de São Paulo	206
Província de Pernambuco	8
Província do Pará	61
Província de Minas	6
<hr/>	
Total	761
Acham-se por ora na hospedaria do governo,	
sita no morro da Saúde	540
Empregaram-se nesta cidade	50
Ausentaram-se com ciência da agência	
oficial da colonização	94
Contrataram-se com o Barão de Mauá	37
Foram trabalhar na estrada de ferro D. Pedro II	15
Voltou para os Estados Unidos	1
Faleceu	1
<hr/>	
Total	1.499

Para facilitar a vinda de imigrantes dos Estados Unidos, que são os mais apropriados às necessidades do país, o governo reiterou as mais terminantes ordens, para que a agência tomasse especialmente a cidade de Nova Orleans por sede de suas operações.

E, como os imigrantes encontravam dificuldades em se transportarem para o porto de Nova York em demanda dos vapores da companhia, determinou embarque direto dos portos daqueles estados para o Brasil, em navios de vela ou por vapor, sendo a competente despesa paga pelo governo no Rio de Janeiro, e satisfeita depois pelos mesmos imigrantes, na forma estatuída.

Não devo omitir que se tem apresentado ao governo propostas para o estabelecimento de uma linha de vapores, destinados aos imigrantes, que de Nova York ou Nova Orleans desejem transferir-se para o império.

Prestando atenção a este assunto o governo examina estas propostas de cuja solução depende o desenvolvimento, em grande escala, de imigrantes

que ofereçam as garantias desejadas pelo país.

O Sr. Quintino de Souza Bocaiúva acha-se presentemente nesta corte, tendo encarregado de substituí-lo em sua ausência de Nova York, o negociante Domingos de Gricouria.

Do dia 13 a 20 do corrente chegaram ao porto desta cidade 746 imigrantes a saber:

Dos Estados Unidos	540
Do Fayal	158
Da Madeira	48

Total	746

Apontam-se, além de outros, o imigrante Demaret à foz do Itu, confluente da Ribeira, com vastas plantações de arroz; os irmãos Pickney, que têm quase pronto um engenho de ferro para o preparo do mesmo cereal; os imigrantes Hanton e Kneese que possuem extensa cultura dos diversos produtos próprios da localidade.

COLÔNIAS DO ESTADO

1. Colônia Blumenau

Nesta colônia, em que se reúnem todas as condições de prosperidade, existiam em:

31 de dezembro de 1864	2.471 habitantes.
31 de dezembro de 1865	2.625 habitantes.
31 de dezembro de 1866	2.861 habitantes.

Distribui-se esta população em:

Total da população	2.861
Homens	1.437
Mulheres	1.424

Adultos	1.625
Menores	1.236
Católicos	581
Evangélicos	2.280

Moram em 229 casas bem construídas e 439 provisórias. Seus filhos recebem ensino primário em duas escolas públicas e em três particulares.

Abrangendo o distrito colonial mais de 50 léguas quadradas, a área cultivada foi no ano passado de 23.276.760 metros quadrados, tendo sido no anterior de 21.184.680.

A importação de gêneros para consumo subiu ao valor de cerca de 40:000\$000. o da exportação, que consiste em madeira, telhas, charutos aguardente, açúcar, manteiga, queijo, gado, galinhas, etc., orçou em 38:500\$000.

As estradas de rodagem compreendem 78.561 metros, e os caminhos vicinais 170.458.

A colônia comunica-se com o porto de Itajaí por uma estrada de rodagem com a extensão de 10 léguas.

O estado florescente deste estabelecimento é devido à desvelada administração do Dr. H. Blumenau que se acha na Europa a serviço do governo.

2. Colônia Itajaí

Está também vantajosamente situada. A sua população era:

Em 1864	1.121 pessoas
Em 1865	1.259 pessoas
Em 1866	1.333 pessoas
Homens	715
Mulheres	618
Adultos	695
Menores	638
Católicos	931
Evangélicos	402

Possui 338 casas de morada, das quais são provisórias 140.

A importação foi cerca de 18:000\$000

A exportação foi cerca de 15:696\$000

Esta última consistiu em fumo, charutos, madeira, cereais, manteiga, etc.

A viação na colônia é calculada em 39.243 braças de estradas e caminhos, nos quais se notam 43 pontes bem construídas, além de outras menos importantes.

A área cultivada não excede de 1.722.500 braças quadradas.

3. Colônia Terezópolis

Distribuídos em 329 fogos existem nesta colônia 1.614 habitantes, dos quais são:

Homens 845

Mulheres 769

Adultos 891

Menores 723

Católicos 926

Evangélicos 688

Nacionais 387

Estrangeiros 1.227

A importação avultou pouco. A exportação foi importante, consistindo em cereais, manteiga, toucinho, aves, ovos, etc.

4. Colônia Santa Izabel e Vargem Grande

Esta colônia, primitivamente fundada em terrenos mal escolhidos tem, nestes últimos tempos melhorado por se haverem distribuído lotes de terras mais férteis aos colonos que não haviam sido bem aquinhoados.

É povoada por 1.195 pessoas, a saber:

Homens 598

Mulheres 597

Adultos	659
Menores	536
Católicos	541
Evangélicos	654
Nacionais	415
Estrangeiros	780

A cultura ocupa 4.433.800 braças quadradas, e consiste em cereais.

A exportação consistiu em grande quantidade dos mesmos cereais, em aves, manteiga, ovos, toucinho, etc.

5. Colônia Príncipe D. Pedro

A fundação deste estabelecimento colonial data de 1º de março do presente ano. Fica à margem do rio Itajaí-Mirim e à esquerda do Tijucas Grande, entre o ribeirão das Águas Claras e o do Braço do Sul.

É formado de imigrantes dos Estados Unidos, chegados em janeiro, sob a direção do Dr. Barzillar Cottle. Os novos colonos se mostram satisfeitos, em geral, com o bom andamento da colônia e com o bom tratamento recebido da presidência da província, e com os arranjos tomados para a sua estabilidade.

Este núcleo tem que ser aumentado com o terreno necessário ao seu desenvolvimento e aos novos colonos que se lhe hão de agregar. Dá esperanças de prosperidade, dirigido como tem sido até o presente.

“Carta de 30 de abril de 1865

Ilmo. Sr. Horácio Mamley Lane

Acuso o recebimento da carta de V. S., dirigida em data de 29 do corrente. Depois de aí manifestar os desejos que nutrem muitos cidadãos norte-americanos, seus patrícios, de emigrarem para o Brasil, confiados na estabilidade de nossas instituições e fertilidade do nosso solo, pede V. S. ser habilitado para informá-lo sobre os seguintes pontos.

1º. Se o governo brasileiro está disposto a favorecer aos emigrantes americanos que procuraram estabelecer-se no Império.

2º. Se faculta a escolha ou designação de um terreno com quatro léguas quadradas, nas margens da baía de Paranaguá, ou de seus confluente para ser com-

prado pelos emigrantes que aí se apresentarem. Qual o preço da venda, condição de pagamento e estipulação acerca da expedição.

3º. Se podem vir diretamente ao porto de Paranaguá, de que isenções gozarão, em relação a impostos, os objetos que consigo trouxerem, constando de instrumentos e máquinas agrárias, tanto usadas como novas, e os mantimentos necessários para a sua subsistência até realizarem as primeiras colheitas.

4º. Finalmente, se pode V. S. desde já designar definitivamente o terreno indicado.

Em resposta cabe-me declarar a V. S.:

Que nesta data o governo imperial vê com simpatia e interesse a imigração americana, e está resolvido a fazer-lhe o mais benévolo acolhimento.

Que nesta data expedirá ordens à presidência da província do Paraná, para mandar medir e demarcar quatro léguas de terras devolutas situadas nas margens da baía de Paranaguá, ou dos rios que aí deságuam. Essas terras serão vendidas aos emigrantes pelo preço de meio real a braça quadrada. Este preço será pago à vista e compreende as despesas de medição e demarcação.

Que os emigrantes podem ir diretamente a Paranaguá, que é um porto alfandegado, e mantém relações diretas com os mercados estrangeiros. Quanto à inserção de direitos de importação, somente gozarão desse favor os objetos de próprio uso, que os emigrantes consigo trouxerem, e os instrumentos e máquinas destinadas à lavoura.

Finalmente que, se os emigrantes preferirem outros terrenos devolutos àqueles que vão ser agora demarcados, o governo mandará proceder à competente medição logo que houver sido feita a escolha. Cumpre-me acrescentar, que as terras serão também vendidas à prazo até cinco anos, pagando os emigrantes juros de seis por cento ao ano, e recebendo os títulos definitivos de propriedade, somente depois de realizado integralmente o pagamento das terras vendidas.

Apresento-lhe os meus protestos de consideração.

Jesuíno Marcondes de Oliveira e Sá

Regulamento de 19 de janeiro de 1867

O governo imperial tem constantemente tomado as providências que pareceram mais adaptadas à boa administração das colônias estabelecidas pelo Estado.

Para dar a essas aglomerações de agricultores e pequenos proprietários

quanto haviam mister para sua prosperidade, repetidas ordens e instruções tem baixado em diferentes períodos com relação à medição e demarcação de lotes coloniais; à distribuição dos títulos provisórios e definitivos de propriedade; à construção de edifícios destinados à administração, ao ensino, e ao culto, católico como protestante; às vias de comunicação interna e externa das colônias; à regularidade dos seus orçamentos e plantas, da escrituração das diretorias, especialmente no tocante às dívidas dos colonos e sua cobrança nos prazos instituídos; ao suprimento de diárias e distribuição de trabalho em obras coloniais, em que empreguem o tempo não absorvido pela cultura das suas terras; à prestação de contas trimestrais pelos diretores, e aos orçamentos especificados das despesas por fazer no decurso do exercício.

Mas tais ordens e instruções, ditadas pelo pensamento de criar as condições de estabilidade e aumento das colônias, não guardavam essa harmonia e uniformidade de disposições, indispensável a um regime bem definido, qual deve ser o de institutos da mesma natureza, provenientes dependentes da mesma inspeção e autoridade.

Para sanar os inconvenientes, graves sem dúvida, que decorriam da variedade e até da contradição das regras adotadas não só em relação à mesma, mas também de uma para outra colônia, determinei reunir em um regulamento comum a todos os estabelecimentos coloniais pertencentes ao Estado, existentes e futuros, as disposições esparsas mais aproveitáveis, às quais adicionei outras que deviam completá-las ou desenvolvê-las em sua ação e seus efeitos.

Este regulamento datado de 19 de janeiro último, foi aprovado pelo decreto nº 3.784.

Nele se acha disposto quanto se refere à fundação das colônias, à sua circunscrição territorial, aos lotes urbanos e rústicos e ao seu preço, e pagamento, à administração por juntas formadas de colonos, em quem concorram os convenientes predicados, à direção, tutela e fiscalização por parte do governo, ao estabelecimento dos colonos, aos favores facultados pelo estado, às obrigações dos mesmos colonos e aos deveres dos diretores.

Do complexo dessas disposições, que atendem às necessidades mais importantes das colônias, se colige um regime, em que entram como elementos o que atualmente se acha em voga nesses estabelecimentos, e o comum ou municipal.

Pela sua prática se fará suavemente a transição de um para outro regi-

me, e se prepararão as mesmas colônias para a emancipação, que de outra sorte, em vez de resultados úteis, produzirá somente profunda comoção nos seus interesses mais vitais.

O estudo das necessidades coloniais, e das medidas promotoras do rápido desenvolvimento da colonização, não pode ser profícuo e completo só no silêncio do gabinete. É mister por assim dizer apalpá-las, conhecê-las, praticamente ouvir a respeito delas o que o bom senso dos interessados sugerir.

Foi este o pensamento da viagem da inspeção que incumbi ao Dr. Inácio da Cunha Galvão, agente oficial da colonização, que acaba de a realizar e, apresentar-me relatório minucioso de tudo quanto observou nas colônias de Cananéia, Assunguy, Dona Francisca, Blumenau, Itajaí, Teresópolis, Santa Izabel, Vargem Grande, Angelina e outras. Chamo a vossa atenção para este trabalho apenas sob a letra G.

As vantagens que se colhem de tais inspeções, tanto no que respeita a administração das colônias, como principalmente no que concerne aos efeitos que forçosamente devem produzir no ânimo dos colonos e imigrantes, aos quais destarte se convence do interesse que o governo toma por tão importante assunto, são motivos suficientes para que de ora em diante se persevere no sistema de repetidas visitas de inspeção dos estabelecimentos coloniais.

Contrato que celebra, de um lado, o governo imperial do Brasil, do outro, B. Caymari, como representante da Cia. United States and Brasil Mail Steam Ships, para o transporte de emigrantes

1º. A companhia United States and Brasil Mail Steam Ships, obriga-se a transportar em seus vapores aos portos do Brasil, designados na tabela anexa a este contrato, e pelos preços na mesma tabela estabelecidos, todos os emigrantes que dos diferentes estados da União Americana quiserem emigrar para o Brasil.

2º. Para efetuar esse transporte a companhia sujeita-se às disposições do decreto nº 2.168 de 1º de maio de 1858.

3º. A companhia velará na escolha dos emigrantes, que tenha de transportar, preferindo sempre os que forem agricultores e possuírem algum capital.

4º. Para exato cumprimento da obrigação contraída no artigo prece-

dente e fiscalização desse serviço, a companhia terá o direito de nomear, de acordo com o governo imperial, um agente especialmente incumbido de fornecer aos emigrantes todos os esclarecimentos, que necessitem, e de conceder-lhes títulos de passagem a bordo dos vapores da linha. Esta nomeação terá vigor por todo o tempo deste contrato.

5°. Ao governo imperial compete o direito de dar ao agente as instruções que lhe parecerem necessárias.

6°. A companhia obriga-se a abonar ao agente nomeado dez por cento sobre o importe das passagens dos emigrantes, para as despesas com o escritório da agência, gastos de publicação e anúncios indispensáveis para estabelecer a propaganda de emigração para o Brasil.

7°. O governo Imperial, por sua parte, obriga-se a pagar à companhia o importe das passagens dos emigrantes dentro de trinta dias contados da chegada ao Rio de Janeiro, de cada vapor que os conduzir, à vista dos documentos apresentados pelo representante da companhia, devidamente legalizados pelo agente da emigração e pelo cônsul do Brasil em Nova York; ficando entendido que nenhum emigrante terá transporte a bordo dos vapores da companhia, sem título concedido pelo referido agente ou seu delegado.

8°. O valor das passagens pagas pelo governo lhe será indenizado pelo próprio emigrante no prazo de cinco anos, depois de sua chegada ao império, começando o pagamento do segundo ano em diante, na forma das concessões atualmente em vigor. Para garantir esta dívida, hipotecará ele ao governo as terras, que houver comprado para cultivar, ou prestará fiança idônea se quiser empregar-se em qualquer outra indústria. Neste último caso, porém, o reembolso do valor da passagem será feito dentro de um ano.

9°. O governo não pagará à companhia a importância das passagens daqueles que não se sujeitarem às condições do artigo precedente.

10°. Este contrato terá vigor por dois anos a contar da data da assinatura.

Em fé do que se lavrou o presente contrato que é assinado pelo Ilmo. e Exmo. Sr. Dr. Antonio Francisco de Paula e Souza, do conselho de S. M. o Imperador, ministro e secretário de Estado dos negócios da agricultura, comércio e obras públicas, e por B. Caymari, representante da companhia United States and Brasil Mail Steam Ships e duas testemunhas. – Terceira diretoria da Secretaria de Estado dos Negócios de Agricultura, Comércio e Obras Públicas,

em 20 de junho de 1866.

Dr. Antonio Francisco de Paula e Souza. – B. Caymari, representante da companhia.

Como testemunhas – Firmo José Soares da Nóbrega, Carlos E. de F. C. Nabuco de Araújo.

Tabela de custo das passagens, para os emigrantes que forem transportados por conta do governo Imperial nos paquetes a vapor da Companhia United States and Brasil Mail Steam Ships, dos diferentes pontos da América do Norte, para os portos do Brasil, abaixo declarados.

	PARÁ	PERNAMBUCO	BAHIA	RIO DE JANEIRO
Viagem de Nova Orleans a...	88\$000	109\$000	115\$000	124\$000
Viagem de Charleston, Savannah, Virgínia, Baltimore, Boston, Filadélfia a...	78\$000	100\$000	105\$000	114\$000
Viagem de Nova York diretamente a...	58\$000	80\$000	87\$000	100\$000

OBSERVAÇÕES

1º. Os menores até a idade de seis anos terão passagem gratuita, os de seis a doze anos inclusive, pagarão metade das passagens.

2º. Os instrumentos de agricultura para uso dos emigrantes, bem como as respectivas bagagens, serão transportadas livres de porte.

3º. Nos preços das passagens estão compreendidas as comedorias.

4º. As passagens dos diferentes Estados da União Americana, serão feitas em vapores ou estradas de ferro.

Terceira diretoria da Secretaria de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e obras públicas, em 20 de junho de 1866.

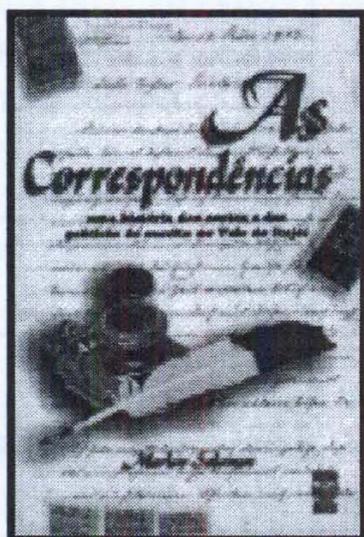
Dr. Antonio Francisco de Paula e Souza.

B. Caymari – representante da Companhia.

Como testemunhas: Firmo José Soares da Nóbrega e Carlos E. de F. C. Nabuco de Araújo.

Resenhas

História de Santa Catarina



TEXTO:
FERNANDO
VOJNIAK¹

Um regime desqualificado de escrita?

SALOMON, Marlon. **As Correspondências**: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002, 103 p.

Realmente, é muito difícil ultrapassar uma certa perspectiva imposta pela *história* ao ler um documento muitas vezes lido. Muitos acabam pensando ter conseguido um “grande achado teórico” para conduzir suas pesquisas, mas “na prática”, ou melhor, no momento de pôr em prática as próprias argumentações, não conseguem romper com a perspectiva que eles próprios tentam negar ou ultrapassar. Com relação às correspondências, tantas vezes lidas (no Vale do Itajaí), tantas vezes citadas, tantas vezes usadas como “fontes de informação”, ainda encontram-se problemas, sobretudo teóricos, que não foram superados. Mas o que se poderia dizer de novo sobre as correspondências? O que não foi dito ainda sobre elas?

Segundo Marlon Salomon, sobre as correspondências há uma lápide com a palavra *história* nela talhada, a qual nada mais faz além de não permitir que tais cartas possam vir a ser reconhecidas por outras formas de saber e de interpretação. Este autor se debruça sobre as correspondências escritas por imigrantes alemães, do Vale do Itajaí - SC, nas três primeiras décadas da segunda metade do século XIX, numa tentativa de estabelecer séries de correspondências distintas e convergentes entre si com o objetivo de “aplicar golpes de picareta nesta lápide”. Estudando as cartas íntimas, trocadas em âmbito privado, e

¹ Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista da CAPES.

aquelas que foram publicadas em jornais ou em outros panfletos, isto é, trocadas no espaço da esfera pública, este autor procura resolver principalmente alguns problemas de cunho teórico que são cruciais para o estudo das correspondências.

Mas o que nos diz o autor, sobre as correspondências, que ainda não foi dito? Que tipo de interpretação ele se propõe a fazer? O principal ponto em que Marlon Salomon nos chama a atenção é extremamente inovador na historiografia catarinense, e, porque não, brasileira. O autor toma as cartas não como fontes de informação, mas sim como uma prática, como um acontecimento, indo além das perspectivas da historiografia das áreas de imigração europeia do século XIX. Esses supervalorizaram o conteúdo das correspondências malogrando o fato de que elas são produto de uma prática. Tomavam as cartas como documentos informativos e oficiais, permitindo, desta forma, o reconhecimento de intrigas pessoais, panoramas da vida social, verdades e mentiras, reorganizando sobre si as glórias de quem as escrevia, com as glórias do grupo ao qual seu escritor pertencia ou, ainda, como instrumento de confirmação de argumentações e a reificação da germanidade nos estudos da identidade alemã no Vale do Itajaí. Portanto, efetivando práticas, que poderíamos reuni-las em torno do que comumente é qualificado como *história social*, que procuram verificar nas “fontes” algo existente fora delas.

Salomon preocupa-se com o momento da constituição das correspondências. Lendo as cartas desdobradas sobre si, o autor vislumbra “as ligações sociais daqueles que as escrevem, a constituição de uma esfera de privacidade em seu entorno, bem como a constituição do indivíduo como sujeito” (p. 15). Neste sentido, há todo um universo a ser explorado. O universo da produção do documento a partir do seu próprio interior e os significados que ele produz, ou seja, o universo da escrita e da leitura das cartas. Segundo o autor, o estudo do momento das práticas de escrita das cartas, geralmente escritas quando do afastamento do indivíduo do espaço familiar, permite penetrar não só no espaço privado dos imigrantes, mas também nos momentos de sua individualidade, de sua intimidade, de uma escrita sobre si em que o indivíduo, mesmo à distância, coexistia com sua família e suprimia o espaço através da memória. Atravessando os espaços de escrita e de leitura das cartas, Salomon permite perceber, neste caso, a dupla função da memória: como supressão da distância e reterritorialização do indivíduo. Nas palavras do autor, “uma ‘recolonização’

da própria subjetividade” (p. 28).

Mergulhando no “microcosmo” individual do escritor, Salomon traz significativas reflexões a respeito do estudo das correspondências. Por exemplo, a escrita de cartas por “menores de idade” coloca em xeque as freqüentes análises feitas por historiadores que privilegiam os conteúdos das correspondências, sobretudo porque muitas destas cartas assinadas por esses “menores” eram cartas ditadas pelos seus pais. Ou seja, há toda uma trama, um campo de forças que precisa ser reconstituído, para assim, ser percebida a escrita sob vigilância e a própria rede de táticas daqueles que escrevem, ora de resistência, ora de dissimulação para não cairmos numa “clicheria”, a qual os historiadores preocupados exclusivamente com o conteúdo das cartas e com uma verdade exterior ao documento acabam caindo.

Outro ponto importante da abordagem, e, diga-se de passagem, extremamente contundente, são as formas de apropriação e interpretação que se multiplicam com a leitura. No caso em questão, Salomon examina a leitura legalizada de um processo de divórcio, por um julgador, no início do século XX. Este processo trazia, em anexo, correspondências como parte das “provas” a serem analisadas. Essas correspondências, para constarem como “provas” deveriam passar por uma padronização: deveriam ser traduzidas para o português e transcritas para o formato padrão do processo – folha de papel almaço com pautas. A partir do estudo deste caso, Salomon reflete os condicionamentos da interpretação dos textos e as possibilidades de leitura das próprias correspondências. Assim, o autor conclui que a leitura é produção de significados que passa, muitas vezes, por condicionamentos, mas também – recuperando Roger Chartier – nos lembra que é importante compreender como as limitações são transgredidas pela invenção, uma vez que “a leitura é, por definição, rebelde e vadia”.²

Este deslocamento para uma crítica interna do documento faz emergir mais uma outra problemática no estudo das correspondências: Em que medida a realidade é construída pelo escritor e pelo leitor no momento da escrita e da leitura das correspondências? Para este problema Marlon Salomon analisa as cartas privadas que começaram a ser amplamente publicadas em jornais e publicações especializadas em imigração no século XIX.

² CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: livros, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução de Mary Del Priori. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999, p. 07.

Em meados do século XIX, tornou-se freqüente a veiculação de textos e relatórios extraídos das cartas de imigrantes nas publicações especializadas em divulgar ou difamar a emigração para determinadas regiões. Os historiadores que procuraram problematizar essas correspondências trazem o principal argumento de que essas cartas tinham o objetivo de atrair novos contingentes de imigrantes (quando não redirecioná-los para outras regiões). Como, em último caso, tratava-se apenas de procurar atrair novos imigrantes, crê-se estar aí a justificativa para os “exageros” de algumas descrições e, ainda, acredita-se não se tratar da “realidade” vivida pelos imigrantes no “novo mundo”. Segundo Marlon Salomon esses textos

(...) construíam, através de descrições sistematizadas, verdades geográficas, socioeconômicas e culturais. Ou seja, eles tentavam, através desses relatos, descrever única e exclusivamente a “realidade” desses locais reservados aos futuros imigrantes. O texto, em última análise, deveria transpor a “realidade” para o escrito. Porém, tratava-se de uma “realidade transcrita” que, ao ser sistematizada e organizada em números e quadros, poderia perder um pouco da própria “realidade”. Assim, as cartas, publicadas em anexo à própria descrição, recuperariam fielmente o “real” que poderia ser perdido durante o processo de transcrição (p. 73).

Deste modo, o “real” não existe em si mesmo ou exterior ao documento – de acordo com o entendimento de muitos “pesquisadores da *historia social*” – mas sim construído dentro do documento. É preciso estar atento também às estratégias em torno das publicações das cartas de imigrantes na Alemanha e com a construção de uma imagem dos lugares determinados a eles através destas.

Sabendo ou não da possível publicação de sua correspondência, por um lado, aquele que a escreve preocupa-se em construir uma imagem do “real” através do escrito – aqueles que conheciam a possibilidade da publicação de sua correspondência preocupavam-se inclusive com a forma [estética] do texto – e, por outro, aquele que lê o texto também constrói uma imagem do “real”. Portanto, é preciso ir além da conclusão de que essas cartas se tratavam de simples “propagandas ideológicas” que instrumentalizavam os serviços de emigração e imigração, já que o que era “dito” nestas cartas não coincidia com a realidade em que viviam os imigrantes. Muitas vezes essas cartas eram escritas sem a pre-

ocupação com sua posterior publicação e, conseqüentemente, com alguma “ideologia”, mas sim com a preocupação em escrever sobre as novidades de uma vida em um novo país, sobre si mesmo, sobre diversos assuntos que considerava importantes e que mereciam o conhecimento dos seus.

Destarte, é importante recuperar aquilo que o autor denomina momentaneamente de “efeitos de leitura”. Ou seja, “o que se torna possível de analisar a partir de cartas, diários e principalmente memórias escritas por imigrantes, através das quais eles procuram confrontar a imagem que possuíam do Brasil, em geral, e das áreas para as quais se dirigiram, especificamente, com a pretensa realidade que encontravam nesses lugares” (p. 77).

As cartas, por muito tempo, foram consideradas como um regime desqualificado de escrita. A lápide que está sobre o local onde as cartas encontram-se enterradas recebeu sua primeira seqüência de “golpes de picareta” – aliás, golpes extremamente fortes – que estão fazendo com que elas reapareçam como um saber permeado por toda uma série de forças dispostas em um campo que precisa ser explorado como tal. Mas, nas palavras de Marlon Salomon, “somente novos usos que venham a ser feitos dessas correspondências poderão dizer se elas de fato sairão definitivamente ou não do túmulo no qual se encontram adormecidas, pois desde já é possível escutar, ao fundo, os ruídos de sua reconstrução” (p. 95).

Autores Catarinenses

Novos Livros

TEXTO:

ENÉAS

ATHANÁZIO*



Luiz Carlos Amorim acaba de publicar o volume “Livros, Leitores e Escritores” (Edições “A Ilha” – Florianópolis – 2002), reunindo inúmeras crônicas. A tônica da nova publicação do líder do Grupo Literário “A Ilha” é a preocupação com o livro no País e, acima de tudo, no Estado. O livro como instrumento de difusão de cultura e de aprendizado, como objeto de prazer estético, como produto e como técnica, está em todas as páginas. Não seria exagero dizer que ele levanta, trabalha, come e dorme com o livro bailando na cabeça. É um abnegado nem sempre observado com atenção pelos que vivem no mundo da cultura e das letras. Aqui ele aborda a leitura e os meios de aumentá-la, o mercado editorial, a distribuição e a venda de livros, as editoras, livrarias e bibliotecas, o livro como presente, o livro e a escola, a literatura em geral, o conto, a crítica literária, a literatura infanto-juvenil, o livro e a solidão, a literatura e o cinema, os livros itinerantes, a poesia, as bienais, as feiras, as apostilas, o livro e a internet, o escritor e o Estado, o livro e o vestibular, o preço do livro, os “best-sellers”, as antologias, os escritores de ontem e de hoje e, naturalmente, a constante preocupação com o leitor. A poesia, que parece ser de sua preferência, é olhada de todos os ângulos. Trata ainda de alguns autores específicos, inclusive aqui do Estado, e examina o panorama catarinense das letras e do livro. É, enfim, o livro de um escritor engajado na campanha livreira em nosso Estado, esbarrando com as difíceis condições por aqui imperantes. Mas ele não perde a fé e continua pregando, como vem fazendo há mais de vinte anos à frente do Grupo Literário “A Ilha”. Grande Amorim, seu esforço merece ser reconhecido e proclamado!

* Escritor e Advogado

“Cronografia do Contestado” (IOESC – Florianópolis – 2002) é o livro que Fernando Tokarski está dando a público. O volume reúne em 278 páginas, em tamanho grande, incontável número de “apontamentos históricos da região do Contestado e do sul do Paraná”, segundo informa o sub-título. Tudo começa em primeiro de janeiro de 1767, com a fundação do arraial de Nossa Senhora dos Prazeres das Lages, e vem até 21 de dezembro de 1948, quando Serra Alta passa a denominar-se São Bento do Sul. Nesse meio, página a página, são desfiadas milhares de datas representativas de fatos, maiores ou menores, mas que mostram a evolução da região com tudo que nela ocorreu no período, inclusive e principalmente a Guerra do Contestado (1912/1916). É um livro que unifica os acontecimentos difusos, dando-lhes ordem e conjunto, e que muita falta fazia aos estudiosos e interessados. Passará a ser, daqui para a frente, uma obra referencial indispensável, que não poderá faltar nas bibliotecas catarinenses, em especial nas dedicadas ao Contestado. Foi imenso o empenho do autor para realizar essa obra, debatendo-se nas incertezas e confusões reinantes, e buscando sempre a opção melhor fundamentada. Sem dúvida a obra enriquece a já vasta estante sobre o conflito e toda a região.

Interessante estudo de Aricy Curvello acaba de ser publicado na Coleção Mapa, do Museu/Arquivo da Poesia Manuscrita, de Florianópolis. Trata-se de “A **Dimensão** que não termina”, análise histórico-crítica da trajetória e influência dessa revista mineira, editada no sul de Minas por Guido Bilharinho, ao longo de seus vinte e um anos de vida. O autor historia o periódico dedicado à poesia, desde seu aparecimento, crescimento e alargamento de sua influência, absorvendo cada vez mais os poetas de todo o país e do exterior, tornando-se, com o tempo, uma revista internacional. Destaca a invulgar ressonância da revista e sua contribuição na divulgação da obra dos poetas brasileiros, no país e no exterior, e dos estrangeiros até então desconhecidos entre nós. Comenta cada um dos números publicados, tanto no conteúdo como no aspecto gráfico, até o número 30, canto de cisne da publicação, recebido com tristeza pelos amantes da boa poesia. Indica em apêndice uma relação exaustiva da fortuna crítica da revista e reproduz as capas dos números mais expressivos. E conclui manifestando a esperança de que **Dimensão** não acabe nunca ante a prometida publicação de números especiais, como antologias poéticas. Esperemos todos que isso de fato aconteça.

Torres Pereira, um dos integrantes do trio de portugueses que se fixou em Chapecó, onde contribuiu de forma ativa na movimentação cultural, acaba de publicar um livro tocante e que li com permanente prazer. Trata-se de “Memórias Africanas” (Edição do Autor - Chapecó - 2002), onde ele revive as peripécias de uma existência trabalhosa e complicada pelas circunstâncias, desde o nascimento em Lisboa, passando por Moçambique, onde conheceu a futura esposa, pela África do Sul, onde se casaram, e pela Rodésia, atual Zimbábue, onde viveram tempos felizes, mas não puderam permanecer, transferindo-se dali para São Paulo, Curitiba e, por fim, à Capital de nosso Oeste, onde parecem ter criado fundas raízes. O livro, muito bem apresentado, reflete sempre o clima de insegurança reinante nos países africanos por onde passaram, com seus ódios raciais e tribais, guerrilhas e revoluções, fronteiras que se fechavam, ameaças e preconceitos. Aquele clima de violência pairando no ar, incentivado, em geral, pelos interesses colonialistas e agravado pelas divisões em países de populações díspares, adversárias e até inimigas. Relata ele, passo a passo, cada uma das etapas vividas, as dificuldades para transpor cada uma delas, muitas vezes em providências e situações que deveriam ser triviais no mundo civilizado. Mas eles amavam aquela África conturbada e sofrida e só com muito pesar a deixaram, encontrando, afinal, mais paz e tranquilidade por aqui. Terminada a leitura, volta à minha memória a pergunta com que batizei um velho artigo: Que fizeram com a África? É admirável que, depois de tudo, Torres Pereira permaneça o mesmo homem alegre, jocoso e brincalhão que todos conhecemos. É dos raros, se não o único, escritor do Estado que sobrevive apenas do que escreve, fato que, por si só, constitui objeto para um futuro livro revelador desse enigma. Ressalto ainda o modo leve, corrente, suave com que ele escreve, transformando a leitura num exercício muito agradável.

“A Ilha de Santa Catarina - Espaço, Tempo e Gente”, em dois alentados volumes, foi publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico (Florianópolis - 2002), reunindo trabalhos variados que foram apresentados pelos respectivos autores em curso com idêntico nome. É um balanço a respeito da Ilha, abordando sua geografia, história, formação étnica, usos e costumes, letras e artes, desenvolvimento urbano, saúde, saneamento, educação, cultura popular, espor-

tes, turismo, indústria e outros mais. São interessantes os ensaios sobre os componentes étnicos, como os açorianos, os indígenas, os alemães, os italianos, os poloneses, os libaneses, os gregos, os africanos. Alguns são mais densos e profundos, obras de “experts”; outros mais superficiais, mas sempre atrativos. Destaca-se o pequeno mas substancioso ensaio de Sílvio Coelho dos Santos, resumindo em poucas páginas a trajetória amarga dos **Carijó, Xókleng e Kaingang** que por aqui viviam. Também se destaca o levantamento bibliográfico ilhéu, de autoria de Lauro Junkes, sempre minucioso e exaustivo, como tudo que ele faz, ainda que incluindo alguns que não são propriamente do ramo, talvez por excessiva generosidade do crítico. Enfim, descontados certos exageros bairristas inevitáveis em obras do gênero, é um bom manancial de informações as mais variadas sobre a decantada Ilha.

Foi lançado em Blumenau o livro “Os Aromas do Deserto”, de Mariana Klueger (Editora Hemisfério Sul – 2002). É o segundo livro da autora, que viveu por vinte e cinco anos em oito países africanos, recordando suas experiências africanas, a partir do Malawi, seu portal de entrada naquele continente.

“Filha Minha, Escute Aqui!” é o belo livro-álbum com que Anair Weirich acaba de brindar os seus leitores. Contém, na primeira parte, várias crônicas que agem como uma forma de introdução poética e, na segunda, um conjunto de fotos, em preto e branco, da maior expressividade. O volume festeja a adolescência da filha, contemplada pela ternura dos olhos maternos, fixando momentos e relembrando detalhes desses que não se apagarão. Com excelente apresentação, o livro proporciona momentos de enlevo em contato com a boa escrita conjugada à arte fotográfica. Contatos: Caixa Postal 748 – CEP 89814-351 – Chapecó/SC.

Paschoal Apóstolo Pítsica acaba de acrescentar à sua ampla bibliografia o volume “Memória Visual da Colônia Grega de Florianópolis”, cujo lançamento foi promovido pela Assembléia Legislativa do Estado e pela Associação Helênica de Santa Catarina.

Decreto n.º 1.234, de 15 de maio de 1962, que aprova o Regulamento do Imposto de Renda das Pessoas Físicas, com as alterações introduzidas pelo Decreto n.º 1.235, de 16 de maio de 1962, e pelo Decreto n.º 1.236, de 17 de maio de 1962.

Art. 1.º Este Regulamento estabelece as regras para a apuração e o pagamento do Imposto de Renda das Pessoas Físicas, observado o disposto no art. 156 da Constituição Federal e no art. 1.º da Lei n.º 2.000, de 29 de dezembro de 1954.

Art. 2.º Este Regulamento aplica-se às pessoas físicas residentes no Brasil e às pessoas físicas estrangeiras que tenham renda decorrente de fontes no Brasil.

Regulamento do Imposto de Renda das Pessoas Físicas

Art. 3.º Este Regulamento é dividido em capítulos, artigos, parágrafos e incisos.

Desejando receber números antigos, tomos completos, fazer nova assinatura ou renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R \$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (cada exemplar/número antigo)
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (edição bimestral)

() Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de **2003** (Tomo 44). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Dados do Assinante:

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cx. Postal: _____
CEP: _____ - _____ Fone para contato: _____
Cidade: _____ Estado: _____

Promoção especial:

Assinantes que queiram presentear alguma pessoa com uma assinatura anual da revista *Blumenau em Cadernos*, poderão fazê-lo através do pagamento de R\$ 55,00 (valor reduzido).

() Sim, desejo dar de presente uma assinatura anual da revista *Blumenau em Cadernos* (ano 2003) para a seguinte pessoa:

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cx. Postal: _____
CEP: _____ - _____ Telefone para contato: _____
Cidade: _____ Estado: _____

Forma de pagamento:

() Vale Postal – Fundação Cultural de Blumenau – Blumenau em Cadernos

() Cheque

Banco: - Número: - Valor: R\$

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 -- Fone: (47) 326-6990 – Fax (47) 222-2259

Blumenau (SC) – E-mail: funculbl@terra.com.br





TOMO XLIV
Janeiro/Fevereiro de 2003 - Nº 1/2

Apoio Cultural:

Benjamim Margarida (*in memoriam*)

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Hildegard Rossmark Schramm

Unimed Blumenau

43 S/A Gráfica e Editora



